

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - EDUCAÇÃO ESPECIAL

ANEXOS
DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

*Inclusão social dos jovens com deficiência mental:
o papel da formação profissional*

Candidata: **Sara Cristina Martins Ribeiro**

Sob orientação do **Professor Doutor Carlos Manuel Peixoto Afonso**

Porto, Setembro de 2009

Índice

ANEXO I	6
ENTREVISTA I	6
Caracterização do Entrevistado A	7
Condições de realização da entrevista.....	7
Guião da entrevista	8
Transcrição da entrevista	10
ANEXO II	27
ENTREVISTA II	27
Caracterização do Entrevistado B	28
Condições de realização da entrevista.....	28
Guião da entrevista	29
Transcrição da entrevista	31
ANEXO III	45
ENTREVISTA III	45
Caracterização do Entrevistado C	46
Condições de realização da entrevista.....	46
Guião da entrevista	47
Transcrição da entrevista	49
ANEXO IV	56
ENTREVISTA IV	56
Caracterização do Entrevistado D	57
Condições de realização da entrevista.....	57
Guião da entrevista	58
Transcrição da entrevista	60
ANEXO V	68

ENTREVISTA V	68
Caracterização do Entrevistado E1	69
Condições de realização da entrevista.....	69
Guião de entrevista	70
Transcrição da entrevista	71
ANEXO VI	80
ENTREVISTA VI	80
Caracterização do Entrevistado E2	81
Condições de realização da entrevista.....	81
Guião de entrevista	82
Transcrição da entrevista	83
ANEXO VII	90
ENTREVISTA VII	90
Caracterização dos Entrevistados C1 e C2	91
Condições de realização da entrevista.....	91
Guião de entrevista	92
Transcrição da entrevista	93
ANEXO VIII	100
ENTREVISTA VIII	100
Caracterização dos Entrevistados FD1 e FD2.....	101
Condições de realização da entrevista.....	101
Guião de entrevista	102
Transcrição da entrevista	103
ANEXO IX	107
ENTREVISTA IX	107
Caracterização do Entrevistado FB	108

Condições de realização da entrevista.....	108
Guião de entrevista.....	109
Transcrição da entrevista.....	110
ANEXO X.....	118
ENTREVISTA X.....	118
Caracterização do Entrevistado T1.....	119
Condições de realização da entrevista.....	119
Guião de entrevista.....	120
Transcrição da entrevista.....	121
ANEXO XI.....	139
ENTREVISTA XI.....	139
Caracterização do Entrevistado T2.....	140
Condições de realização da entrevista.....	140
Guião de entrevista.....	141
Transcrição da entrevista.....	142
ANEXO XII.....	156
ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	156
Quadro - síntese analítico: entrevistas dos jovens.....	157
Análise do material recolhido: entrevistas dos jovens.....	158
Quadro síntese - analítico: entrevistas dos familiares.....	169
Análise do material recolhido: entrevistas dos familiares.....	170
Quadro síntese - analítico: entrevistas dos empregadores.....	175
Análise do material recolhido: entrevistas dos empregadores.....	176
Quadro síntese - analítico: entrevista dos colegas.....	180
Análise do material recolhido: entrevista dos colegas.....	181
Quadro - síntese analítico: entrevistas dos técnicos de FP.....	184

Análise do material recolhido: entrevistas dos técnicos de FP.....	185
ANEXO XIII	193
ETIOLOGIA DA DEFICIÊNCIA MENTAL	193
ETIOLOGIA DA DEFICIÊNCIA MENTAL	194

ANEXO I

ENTREVISTA I

Caracterização do Entrevistado A

O entrevistado A tem diagnóstico de deficiência mental ligeira. Frequentou a escola regular até ao 7ºano, com medida de Currículo Alternativo. Abandonou depois a escola, por dificuldades de aprendizagem e poucos recursos económicos. Encetou algumas experiências de trabalho, como aprendiz na construção civil. Procurou, por sua livre iniciativa, por recomendação de um jovem primo, a Instituição e nela frequentou valência de Formação Profissional, passando por dois estágios: primeiro numa Junta de Freguesia, depois numa empresa, ao abrigo de protocolos com a Instituição. Exerce actualmente funções como Técnico de Serviços de Manutenção, a contrato há dois anos, na equipa de Serviços dos Gerais da empresa, onde realizou o último estágio, no distrito do Porto.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, com duração de cerca de uma hora, foi gravada no dia 26 de Janeiro de 2009, na sede da Instituição em que o entrevistado realizou formação profissional. Foi acordada anteriormente e autorizado o seu registo em áudio.

A atitude do entrevistado pautou-se pela colaboração, embora mostrasse alguma inibição e ou titubeância iniciais, que se diluíram no decorrer da conversa. Verificam-se também algumas incoerências ou ambivalência no discurso, nomeadamente, quando é abordada a temática da deficiência. Houve necessidade de subdividir algumas questões previstas no guião, para melhor compreensão do entrevistado.

A transcrição procura ser fiel ao discurso oral, tal como foi produzido.

Guião da entrevista

DADOS A RECOLHER: Representações dos jovens contratados quanto aos itens:	
A1 Percurso escolar	<p>A1- Conta-me um pouco do teu percurso escolar... (Habilitações Literárias? Até que idade frequentaste a escola? Como te sentias lá?)</p> <p>A2- Foste apoiado por professor de Educação Especial? Se sim, em que é que te ajudou?</p> <p>A3- Quando e porque é que deixaste a escola? De quem foi a decisão? Porquê?</p> <p>A4- Neste momento, o que é que a escola representa para ti?</p>
B Formação profissional	<p>B1- Quem te encaminhou para a Formação?</p> <p>B2- Como te sentiste quando entraste pela 1ª vez na...(Instituição)?</p> <p>B3- Eras transportado nas carrinhas? Como te viam os outros? Os teus pais e amigos apoiaram a tua decisão de FP neste local?</p> <p>B4- Quem escolheu a área de Formação? Era esse o Curso que querias?</p> <p>B5- Quando terminaste a Formação, iniciaste estágio em que área? O estágio foi de encontro às tuas motivações e interesses?</p> <p>B6- Percebeste porque é que foi seleccionada essa área e não outra? (Nas sessões de DPS foram discutidas questões da empregabilidade?)</p> <p>B7- Que competências adquiriste na formação no...(Instituição)? O que aprendeste na formação ajudou-te no trabalho? Em que aspectos?</p>
C Enquadramento laboral actual: C1 Função profissional exercida	<p>C1.1- Estás empregado actualmente, desde quando? Que tipo de vínculo tens com a empresa? Conheces os teus direitos?</p> <p>C1.2- Gostava que me contasses um pouco do que fazes nesse trabalho...</p> <p>C1.3- Sentes dificuldades em executar o teu trabalho? Como é que resolves as dificuldades?</p> <p>C1.4- Essas dificuldades são partilhadas também pelos teus colegas?</p> <p>C1.5- Achas o teu trabalho importante em que aspectos? Porquê?</p>
C2 Questões relativas ao emprego	<p>C2.1- Qual é o teu horário de trabalho? Trabalhas para além desse horário?</p> <p>C2.2- Recebes horas extraordinárias? O salário é igual ao de um colega com as mesmas funções?</p> <p>C2.3- O que pensas da empresa onde trabalhas? Gostas de trabalhar lá? Porquê?</p> <p>C2.4- O que fez com que a empresa te</p>

	<p>contratasse a ti e não a outro jovem qualquer?</p> <p>C2.5- A técnica de Inserção da Formação fez acompanhamento no local do estágio. Achas que ajudou a tua integração na empresa?</p>
C3 Questões relativas às relações com companheiros/ colegas de trabalho	<p>C3.1- Quantas pessoas trabalham no teu sector? Costumam conversar uns com os outros?</p> <p>C3.2- Costumas almoçar com os teus colegas? Fizeste amigos no teu trabalho? Saem juntos, frequentas a casa dos teus colegas ou eles a tua?</p>
C4 Questões referentes à relação com o superior hierárquico	<p>C4.1- Que indicações e ordens de serviço dá o teu chefe aos teus colegas e a ti?</p> <p>C4.2- Como descreves a relação com o teu chefe? Gostas dele? Porquê?</p> <p>C4.3- És tratado como os outros colegas ou exigem-te mais, menos ou o mesmo que aos outros? Sentes algum tipo de protecção? Ou pelo contrário?</p>
D Vida familiar e social dos jovens: Questões relativas a rotinas diárias, ocupação de tempos livres, lazer	<p>D1- Com quem vives? Como geres o teu dinheiro?</p> <p>D2- Descreve-me a tua rotina diária. Ao fim de semana e nos tempos livres, o que fazes?</p> <p>D3- Achas que a passagem pelo ... (Instituição) mudou a tua vida? Que experiências te proporcionou?</p> <p>D4- Quando passaste a receber bolsa de Formação qual era o seu destino?</p> <p>D5- Os teus pais e familiares, deram-te mais liberdade a partir do estágio?</p> <p>D6- O que é que mudou na tua vida com o facto de auferires um rendimento mensal mais elevado?</p> <p>D7- O que mudou, desde a escola, passando pela formação, estágio, momento actual?</p>
E Questões relativas à experiência de inclusão/ exclusão social na comunidade	<p>E1- Como é que os teus pais, amigos, vizinhos, te passaram a ver quando foste contratado?</p> <p>E2- Sentes-te mais valorizado, respeitado, útil à sociedade, ou não notas diferença?</p> <p>E3- Conheces e exerces os teus direitos e deveres como cidadão?</p> <p>E4- Pertences a alguma associação ou grupo desportivo ou recreativo comunitário?</p> <p>E5- Alguma vez te sentiste olhado de forma diferente por teres passado pelo... (Instituição)?</p>
F Questões relativas a expectativas dos jovens para a vida futura	<p>F1- Quais os projectos e sonhos para o futuro? F2- Conheces o programa "Novas Oportunidades"? Gostavas de voltar a estudar? Porquê?</p>

Transcrição da Entrevista A

C1.1 Estás empregado actualmente? Onde?

Estou, no ... (refere empresa).

Situação laboral actual

C1.1 Desde quando?

Desde...(pausa). A contrato desde... (pausa) Maio de 2008.

Acesso ao 1º emprego

C1.2 Qual a função que desempenhas lá?

Eu, a função é ... (pausa) carpinteiro. Mas também faço um pouco de tudo. Quando não há assim, muito trabalho de carpintaria, faço de tudo.

Situação laboral actual

C1.2 Disseste que fazias um pouco de tudo, em que consiste então o teu trabalho lá?

Sim, eu faço as coisas (refere-se às ranhuras) para a instalação de electricidade, canalização também. Às vezes mandam-me para... (pausa) a semana passada mandaram-me para...(refere local), porque havia muito trabalho de carpintaria lá. Tive que ir para lá. De resto é, electricidade...(pausa) electromecânico também um pouco.

Manutenção, não é?

Sim, manutenção.

C1.3 O que achas do teu trabalho, da função que desempenhas? Sentes dificuldades em executar alguma tarefa?

Sim, em alguma coisa sinto dificuldades e até pergunto a quem sabe mais do que eu. Eu tive aqui uma formação de carpintaria, mas foi uma formação rápida, não deu muito bem para testar a minha técnica. Mas para já, eu se tiver alguma dificuldade...(pausa). O meu chefe também me diz, para se eu tiver alguma dificuldade, posso perguntar a quem sabe mais que eu.

Construção da deficiência: discurso do jovem sobre si próprio

C1.3 O que é que as pessoas geralmente fazem? Explicam-te?

Sim, explicam-me, as vezes que for preciso. Dizem para uma pessoa perguntar, não tenho... (pausa) Para não ter vergonha, para perguntar.

C1.4 E, essas dificuldades, que tu sentes, são também partilhadas pelos teus colegas ou só tu é que as sentes?

Sim, alguns colegas também têm muitas dificuldades. E actualmente o colega com quem eu costumo andar também sente essas dificuldades. Ele tem mais idade, tem para aí o dobro da minha idade e também sente dificuldades...(pausa) Esquece-se de algumas coisas e às vezes até me pergunta a mim. E eu também digo para fazer assim ou assim e

Construção da deficiência: discurso do jovem sobre si próprio / e sobre outros pares

ele aceita a minha opinião.

C1.5 E o que pensas em relação ao teu trabalho? Qual é para ti a importância do trabalho que realizas? É importante, sim, não, porquê?

Sim, é importante, porque, por exemplo, em ...(refere local) há muitos manequins que estão expostos na loja, estão todos destruídos e é preciso arranjá-los. Esses manequins são vistos pelos clientes e nós temos que fazer o nosso melhor para que... (pausa) eles não digam...(pausa) não deitem defeitos ao nosso trabalho.

Situação
laboral actual

É- te exigida qualidade naquilo que fazes...

Também...(pausa) é-nos exigido um prazo, um prazo. Mas, se esse prazo avançar mais um bocado, não há problemas, porque o que eles querem é que o trabalho seja...(pausa) seja bem feito.

C1.4 Sentes que o tempo é, por vezes, uma dificuldade? Ou seja, que demoras mais tempo ou o mesmo que os outros colegas?

Sinto que demoro mais tempo, mas também eu antes prefiro que... (pausa) demorar mais tempo e estar bem feito do que demorar menos tempo e estar mal feito.

Construção da
deficiência:

Discurso do
jovem sobre si
próprio

E dão-te essa liberdade em termos da chefia?

Sim, é.

Não te sentes pressionado pelo tempo?

Não.

Mas, deixas algumas tarefas por realizar ou não?

Algumas tarefas...(pausa) Eu digo: "Se for preciso estar feito agora eu...faço agora. Senão, deixo para o dia a seguir." Pergunto ao meu chefe de equipa e ele gere o tempo.

C4.1 E com quantos colegas trabalhas, actualmente?

Com trinta, fora a chefia, 28, 30.

Situação
laboral actual

Em termos de ritmo de trabalho, achas que te distingues? Consegues executar no mesmo tempo ou sentes mais ou menos dificuldades que os restantes colegas?

No início eu sentia aquela pressão. Mandavam-me a um lado, mandavam-me a outro e eu andava ali confuso. Eu andei um ano em estágio e num ano já percorria aquela loja de uma ponta à outra. Mas, depois, começaram a puxar por mim, como eu ia ficar lá e eu ainda sentia aquele ritmo muito puxado. Mas agora ando bem, acompanho o

Construção da
deficiência:

Discurso do
jovem sobre si
próprio

ritmo dos colegas.

B5 Falaste há pouco que fizeste estágio lá (na empresa). Conta-me, como foi o teu estágio?

Formação
Profissional

Foi muito bom. Estive com outro colega lá na mesma formação, em manutenção, mas ele não se portou bem e foi-se embora.

1ª Experiência
Laboral

Diz-me, o que é não se portar bem?

Tratava mal os colegas, nós lá temos os walkie-talkies, para falar com os outros colegas da loja e ele muitas vezes, gozava os colegas com o rádio... (pausa) e mais algumas coisas que eu não quero falar...

No teu caso, então, estás a contrato. Que tipo de contrato?

Como?

Isto é, é um contrato por um tempo determinado?

Por determinado tempo... (pausa) Entrei em Maio e assinei em Maio um contrato de meio ano, acabou-me em Novembro. Depois assinei outro contrato em Novembro mais meio ano e vai-me acabar agora em Maio de ...(pausa) de 2009. Depois se Deus quiser assino o último contrato, que é de um ano... (pausa) e depois conto ficar efectivo.

Situação
laboral actual

Direitos e
Deveres

É essa a política da empresa? Tens esperanças de ficar no quadro da empresa?

Sim.

B7 Agora, que já passou algum tempo, e que consegues olhar para trás, recuar no tempo, desde que entraste no... (Instituição), diz-me o que achas que mudou na tua vida com a passagem pelo... (Instituição)? Quais foram as vantagens se é que houve? O que mudou ou não na tua vida?

Sim, várias coisas. Eu antes de entrar no ...(Instituição) andava nas drogas, andava a moço de trolha, andei dois anos. E depois teve um primo meu ...(pausa) conhecia o ...(Instituição), que andava numa Formação em electricista e falou-me e eu inscrevi-me aqui. Depois demorou sensivelmente seis meses e fui chamado para vir para o... (Instituição). Ia abrir um Curso novo de Manutenção. Eu na altura não imaginava o que era isso. Explicaram-me que era um curso de... (pausa) fazes de tudo: desde pintura e recuperação de edifícios, electricidade...(pausa) tudo. Disse cá para mim, vou avançar. Vim para o curso de manutenção. O monitor era excelente, e é (frisou com emoção), é padrinho do meu filho. Aprendi várias coisas com ele, mesmo como pessoa. Estive aqui sensivelmente um ano e meio. Depois fui para a Junta de Freguesia de ...(identifica), a Dr.^a (Técnica de Inserção) arranjou-me um estágio para lá. Não correu tão bem.

Formação
Profissional

Relações
interpessoais

Desenvolvi-
mento de
competências
pessoais

Porquê? O que não correu bem nesse estágio?

Não sei (pausa). Bem, eu também faltava...(pausa) não andava muito bem da minha cabeça...(pausa) Faltava de vez em quando, não avisava. A Dr.^a ... (Técnica de Inserção) dizia-me para, sempre que faltasse avisar e levasse justificação, mas eu não avisava, às vezes não levava justificação porque é que faltei ...(pausa) e não sei se foi por causa disso também que eles não me quiseram lá. Mas se calhar até foi.

1ª Experiência
Laboral

Achas que foi a questão da assiduidade?

O Presidente da Junta disse-me que não queria estar a pagar mais um ordenado. Mas não sei se foi isso ou se não. Voltei para aqui em Março de 2008, para a Instituição. Entre esses 3 meses Março e Maio a Dr.^a...(Técnica de Inserção) esteve a estudar o meu problema, falou comigo e disse-me que tinha ...(pausa) que tinha para aí seis colegas meus colegas para um Estágio no ... (refere empresa). E perguntou-me se eu estava preparado para ir. Eu disse que sim e a Dr.^a ... (Técnica de Inserção) deu-me mais essa oportunidade. Foi aí que eu comecei a dar o litro para ficar lá.

Acesso ao 1º
Emprego

Auto-
determinação

Disseste que começaste a dar o litro. Qual foi a diferença entre o 1º e o 2º estágio? O achas que aprendeste entre um e outro? O que mudou em ti?

No 1º estágio o que estava a fazer já sabia de cor e salteado: era de trolha. O que fui fazer para o ... (refere empresa), não sabia nada. O meu chefe falou com a Dr.^a ... (Técnica de Inserção) para ver se eu vinha para a Instituição duas vezes por semana, para ver se eu tirava um curso de carpintaria, mas foi um curso prático. Aprendi só o básico de carpintaria. Depois fui para lá.

1ª Experiência
Laboral

Acesso ao 1º
emprego

B6 A ideia da carpintaria surgiu da necessidade do ...(empresa). Mas foi sentida também com agrado por ti ou sentiste que, de certa forma, foste empurrado para o que era preciso?

Sim, eu empurrei-me também para aquilo que era possível. Se eu não aceitasse a carpintaria, de certa forma vinha embora. Senão, vinha embora como aconteceu a cinco colegas meus.

Auto-
determinação

B7 Sem ser a questão específica e técnica da necessidade da carpintaria e o estágio que o ...(Instituição) proporcionou, para além dessa questão, o que achas que aprendeste no... (Instituição) que te serviu ou que te serviria para qualquer profissão? O que te moldou, digamos assim?

Foi a reabilitação de edifícios.

B7 E como pessoa? Que competências achas que adquiriste aqui?

Formação
Profissional

Pintura, que eu não percebia nada de pintura.

E na tua forma de ser?

Sim, também mudei muito.

Em quê?

Eu era muito rebelde no início. Faltava muito; não falava direito... O meu monitor falou comigo e com a Dr.^a ...(Técnica de Inserção) também. Disse que eu tinha de mudar.

Mas em que aspectos concretamente?

Eu no início ...(pausa) ao meu monitor, e tudo, respondia-lhe e tudo. Às vezes tratava mal os colegas, e isso, lá fora, no mercado de trabalho não podia acontecer.

B6 Essas questões foram trabalhadas mensalmente? É uma das preocupações da Formação?

Sim.

B6 Em termos de personalidade, qual a questão ou questões que eram trabalhadas no DPS? Aspectos que vocês tinham que mudar, e que mudariam o teu percurso profissional, a tua vida?

A mentira, em termos de faltas, trocas de senhas...

E tu mudaste muito?

Sim, eu mentia muito na altura e mudei muito...(pausa) no segundo estágio isso já não acontecia.

Voltando um pouco atrás, ao primeiro estágio, o não teres sido bem sucedido na Junta de Freguesia deveu-se apenas ao facto de fazeres sempre as mesmas coisas ou encontraste no ... (empresa) outros atractivos?

Sim.

C2.3 Em relação ao ... (empresa), as tarefas foram mais diversificadas, mas, gostava de saber, há mais coisas que te agradaram lá, o quê concretamente?

Há. Várias coisas. Os colegas deram-me muito apoio.

D2 Sim, e como é o teu dia-a-dia? As tuas rotinas?

É complicado.

D2 Mas, conta-me um pouco...

Desenvolvimento de competências pessoais

Formação Profissional

Desenvolvimento de competências pessoais

Acesso ao 1º emprego

Desenvolvimento de competências pessoais

Formação Profissional

Acesso ao 1º emprego

Acesso ao 1º emprego

Relações interpessoais

É assim, por exemplo, esta semana que passou estava a fazer o turno da tarde que é das três da tarde até à meia-noite, mas ligaram-me no sábado a trocar o horário. Estive a fazer das oito da manhã às cinco da tarde e trabalhei segunda e terça, depois trabalhei sexta, sábado e domingo, trabalhei até ontem. Hoje estou **de folga**, amanhã vou para ... (local), quinta estou de folga e depois trabalho sexta, sábado e domingo e assim sucessivamente. Na outra semana trabalho terça, quarta, quinta, sexta e sábado fico de folga segunda e domingo. Na outra semana a seguir trabalho de segunda a sexta e folgo sábado e domingo. **Tenho um fim-de-semana por mês.**

Situação
laboral actual

Direitos e
deveres

C2.2 Sentes-te bem remunerado?

Sim, mas, às vezes é complicado gerir o tempo. Muitas vezes, tem que se fazer horas extras.

Remuneração
financeira

D2.2 E, pagam-te as horas extras?

Sim, sim, quanto a isso não tenho problemas.

D2.2 Pagam-te o mesmo que aos outros colegas com a mesma função, ou notas alguma diferença?

Não, não. São iguais.

Situação
laboral actual

As horas são pagas de forma igual. E o teu vencimento?

Quer dizer, as horas não sei se são pagas de forma igual. **Eu sei que no meu recibo tem uma hora**, mas não vejo o dos colegas.

Direitos e
deveres

Mas, comparando com os colegas que exercem as mesmas funções do que tu?

Só tenho mais um colega.

E ele recebe mais ou menos do que tu?

Ele recebe menos, porque lá em ... (local) é um horário fixo, das 8 às 5, de segunda a sexta e folga ao sábado e domingo.

Esse teu colega também recebeu formação profissional?

Não, eu soube há pouco que o pai dele era carpinteiro. Ele andou a moço de trolha, depois foi trabalhar com o pai em carpintaria. **Trabalhou em algumas empresas assim pequenas até chegar ao ...** (nomeia a empresa).

Situação
laboral actual

C3.2 Onde e com quem almoças?

É lá com os meus colegas, porque a manutenção tem que estar sempre ao serviço e, por exemplo, quando estou no turno da manhã o almoço é da meia hora à uma e meia ou é da uma e meia às duas e meia, vai metade num horário e metade noutro, temos uma hora para almoçar.

Tempos livres
e lazer

Relações
interpessoais

Em ...(refere local) é diferente: nós almoçamos sempre à meia hora. Todos.

C3.1 E sobre o que é que conversam?

É assim, nós estamos a ver o telejornal e conversamos sobre várias coisas do telejornal e isso. Mas, assim do trabalho, não conversamos na hora de almoço. Já basta falar de trabalho pelo rádio.

Auto-determinação

Tempos livres e lazer

Relações interpessoais

C3.2 E então quantos amigos fizeste lá? Há pouco disseste que uma das coisas diferentes do estágio no... (empresa) eram os amigos...

Sim. São.

C3.2 Os amigos são diferentes lá. Como são? Fala-me um pouco deles...

São, brincam...(pausa) Foram eles que me ajudaram quando eu estive em estágio a desenvolver as tarefas e ...(pausa) foram eles que incentivaram o meu chefe também a ficar comigo.

Relações interpessoais

C4.3 Mas, porquê? Como encaras isso? Foi por amizade?

Eu fiz muitas amizades, ao contrário do meu colega, que fez coisas muito desagradáveis...(pausa) Uma vez até ouvi o meu chefe a perguntar a um colega meu, com quem costumo andar na pintura e pequenos arranjos de trolha, e o meu chefe perguntou-lhe, ao meu colega, de 0 a 10 quanto é que me dava, ele disse dou-lhe 20. E foi a partir daí é que ele começou a falar comigo sobre o Curso de Carpintaria, perguntar-me que cursos tinha na Formação Profissional aqui no...(Instituição) e eu disse-lhe. Lá, na altura, nós só tínhamos um carpinteiro e tinha que ficar pelo menos mais um carpinteiro. Era preciso ficar pelo menos mais um carpinteiro: um para ficar em ...(local) que é o que percebe mais, porque é para onde vão para lá montes de arranjos e outro carpinteiro na loja para fazer as coisas básicas: partir/colar uma gaveta. E eu agarrei essa oportunidade.

Autonomia familiar e afectiva

Acesso ao 1º emprego

Auto-determinação

C3 O grande impulsionador aqui, tirando o trabalho da... (Instituição), foi o apoio e influência dos próprios colegas?

Foi esse colega e não só. Os colegas dizem-me que o chefe também lhes perguntava como eu me portava.

Relações interpessoais

C4.2 Como é o relacionamento com o teu chefe?

Não é só comigo, é com todos: é cinco estrelas! Não há uma barreira entre chefe e funcionário. Ainda há pouco tempo tivemos uma reunião e ele falou mesmo sobre isso. Não nos põe uma barreira entre ser nosso chefe. Pronto é amigo...(pausa) Ele sobre nós...(pausa) não há chefe, é um amigo.

Relações interpessoais

C3.2 E vocês o que fazem? Essa amizade mantém-se só na empresa, ou já passou para além da empresa? Isto é, nos teus

tempos livres há relacionamentos com os colegas de trabalho ou não?

Sim, sim.

Saem juntos?

Sim.

O que fazem?

Vamos a um bar, vamos ao Porto comer qualquer coisa e depois vamos embora. Depois chego a casa e durmo, mas saio muitas vezes com eles.

Tempos livres e lazer

A1 Tu antes de passares pelo ...(Instituição) passaste por outras escolas, passaste pela escola...(EB23) Lembras-te até que idade frequentaste essa escola?

Até aos 15.

A1 E que grau de habilitação obtiveste?

O 6º ano. Estava a fazer o 7º, mas desisti. Não me lembro bem.

Percurso escolar

A3 Por que é que desististe?

Porque é assim: a minha mãe não podia andar mais a sustentar a casa, porque era só eu e ela.

Na escola, eras bom aluno?

Do 1º ano até ao 4º ano não tive grandes problemas. Depois no 5º ano era uma coisa...muito difícil... (pausa) tive problemas, dificuldades em adaptar-me. Repeti no 5º, porque era uma coisa nova.

Percurso escolar

A2 Tiveste alguma vez apoio da Educação Especial na escola?

Adaptações ou currículo diferente acho eu, não me lembro bem. Acho que não tinha as disciplinas todas...

Construção da deficiência:

Discurso do jovem sobre si próprio

A2 Nunca ninguém implementou outro tipo de apoios contigo?

Não sei bem... Também, quando fui para o 5º, na altura parti uma perna e estive um mês em casa e atrasou-me muito o ano.

Representação / impacto da Escola

A3 De quem foi objectivamente a decisão de deixar de estudar, foi tua, foi da mãe?

Não, foi minha. Eu cheguei uma vez a minha casa e disse à minha mãe que não queria ir mais para a escola, porque ela não também não podia estar mais a sustentar-me. Ela também é reformada e eu fui trabalhar, comecei a arranjar emprego. Fui para as obras.

Impacto/ representação da Escola

A4 O que sentes em relação à escola regular? Que marcas te deixou? Fazias alguma coisa de forma diferente?

Deixou-me saudades, eu às vezes quando passo lá, eu digo: “Que saudades que eu tenho da escola...”.

Impacto/
representação
da Escola

Mas em que aspectos?

Em aprendizagem... (pausa) eu não sou burro, eu não sou burro, podia ter ido ao menos até ao 9ºano.

Construção da
deficiência:

Discurso do
sujeito sobre si
próprio

Achas que a Escola fez tudo o que pôde por ti? Se tu mandasses o que fazias de diferente?

Tinha que ter mais ajudas nos livros, no material escolar e isso. Eu tive, acho que foi até ao 6º, tinha ajudas, apoio, o escalão A. Depois, no 7º, já não tinha. Repeti e já não tinha ajuda.

Proposta de
mudanças às
respostas
curriculares
vivas

A que atribuis a tua retenção? Porque é que chumbaste?

Mudei de escola. Da primária fui para a E.B. 2,3 e isso afectou-me um pouco. Os colegas começaram a fumar à minha frente. Comecei a ir pela letra deles, comecei a fumar. Não percebia as matérias e então não parava quieto nas aulas, eu e outros, e depois acabei por desistir.

Representação
/ impacto da
Escola

Vou voltar a colocar a mesma questão. Imagina que podias voltar atrás, o que achas que a escola devia ter feito contigo e não fez?

Devia ter tido um ensino especial, diferente, lá na escola.

Proposta de
mudanças às
respostas
curriculares
vivas

Porquê?

Porque, nós nas aulas, brincávamos nas aulas, brincávamos com os colegas. Não nos portávamos bem, tinha muito mais dificuldades do que os outros.

Precisavas de mais tempo para aprender?

Sim, também era isso, dificuldades a aprender e falta de atenção. Devia ter um ensino especial com poucos de uma vez, porque se fosse os mesmos fazíamos igual... (pausa) E eu acabei também por desistir, porque eu como já não dava atenção, eles (os professores) também já não ligavam a mim.

Proposta de
mudanças às
respostas
curriculares
vivas

B2 Tenta recordar, o que sentiste quando entraste nesta escola (Instituição) pela primeira vez?

Eu ainda não conhecia ninguém, só conhecia o meu primo. Vim logo aqui para o ginásio e sentei-me a ver os enfeites da Festa de Carnaval. E eu pensei cá para mim que esta escola era boa, que ajudava as pessoas com problemas...(pausa)

Construção da
deficiência:

Discurso do
jovem sobre os
outros pares

E quando olhaste para o resto das outras pessoas... Esta escola é uma escola diferente, não é?

Sim.

O que sentiste?

É assim, eu não tenho preconceito. Nem foi por causa disso que eu não me portei bem.

Construção da deficiência:

Discurso do jovem sobre os outros pares

B3 E como é que os outros te viam? Os outros, quero eu dizer, por exemplo, os teus amigos quando se aperceberam que vieste para o ... (Instituição) fazer Formação, e a própria palavra... (nome da Instituição), que é uma escola especial, o que é que as pessoas te diziam?

Diziam que é uma escola para malucos.

Construção da deficiência:

Discurso dos outros sobre si próprio

E tu que sentias?

Eu sentia-me mal, mas dizia-lhes é uma escola de miúdos com problemas, mas também tinha a parte da Formação Profissional que é para tirarem os cursos e arranjam emprego.

Mas também é uma escola para jovem com problemas, alguns com problemas?

Sim, sim.

E isso não te fez confusão?

Não, eu lidava bem com isso. Eu tinha alguns jovens com problemas no meu curso, mas lá está, às vezes enervava-me. O meu monitor falava comigo, dizia-me para eu não me enervar, eles enervavam-me e eu virava-me a eles.

Construção da deficiência:

Discurso do jovem sobre si próprio e sobre os outros pares

Pensaste alguma vez em desistir enquanto aqui andaste?

Sim, pensei.

Porquê?

Por causa dos colegas.

B4 E do ensino, o que andavas a aprender... Foi sempre satisfatório, foi sempre bom? Achaste que estava a corresponder àquilo que tu precisavas, às tuas expectativas ou houve momentos em que até o que andavas a aprender não te estava a satisfazer?

Não, o que estava a aprender satisfazia-me. E o meu monitor falava comigo, que eu tinha muitas hipóteses.

Construção da deficiência:

Discurso do jovem sobre os outros pares

Formação profissional

O teu monitor foi muito importante para ti? Foi uma das coisas que te prendeu aqui?

Relações
interpessoais

Sim.

D4 E a Bolsa pesava quando estavam na indecisão de ir embora? Era importante para fazer face às despesas?

Sim, sempre dava para as minhas despesas.

E5-Alguma vez te sentiste diferente? Rotulado “Vem daquela escola que tem pessoas com problemas”? Alguma vez sentiste isso na pele?

Não.

E5 Mesmo quando foste para os primeiros estágios ou agora no emprego, nunca ninguém fez um comentário do género: “Este vem daquela escola com pessoas mais limitadas”?

Não, porque eu nunca falo muito com eles da escola (refere-se à Instituição). Falo da formação profissional.

Construção da
deficiência:

Discurso do
jovem sobre si
próprio e dos
outros sobre
si

Tu escondes?

Não. Eles também não me perguntam. Eles perguntam-me onde era a tua escola e eu dizia que era na... (local) (sorrindo). Não me perguntavam o nome da escola e eu não ia dizer, falava da Formação.

Mas... olha, então no fundo é uma defesa que tu encontraste?

Sim.

Construção da
deficiência:

Discurso do
jovem sobre si
próprio

B3 Como achas que as pessoas iam reagir se tu disseses que esta é uma escola especial? Achas que te iam tratar de forma diferente?

Acho que não.

Então por que é que escondes?

Eu não escondi. Eles também não me perguntam e eu não digo.

Mas imagina, se fosse uma escola muito conceituada na zona tu dirias?

Se eu dissesse ...(nomeia Instituição) eles diziam: que escola é essa? - porque eles também por ...(Instituição) não conhecem.

Tens contado a algumas pessoas aquela entrevista que foste dar à Faculdade de Psicologia?

Por acaso não, aos meus colegas não.

Construção da
deficiência:

Discurso do
jovem sobre si
próprio e dos
outros sobre
si

Construção da
deficiência:

Discurso do
jovem sobre si
próprio

Mas tens contado a outras pessoas?

Sim, aos amigos mais chegados.

E o que dizem eles?

Eles dizem: Quem é que te levou para lá? A minha doutora do estágio da Formação Profissional que tive na escola.

Mas ninguém te perguntou e tu contas...

Sim, é verdade.

B3 Aliás há colegas teus, não sei se era o teu caso, que não andam nas carrinhas, preferem ir a pé...

Eu também prefiro andar a pé, não gostava de andar nas carrinhas. Eu quando vinha do armazém para cima vinha na carrinha, mas não gostava de andar na carrinha.

Construção da deficiência:

Discurso do jovem sobre si próprio

Porquê?

Porque as pessoas olham... (pausa) Mas aquela carrinha, pelo menos a em que eu ia, não tinha problema, porque tinha os vidros escuros e ninguém via quem ia lá dentro.

Experiência de exclusão na comunidade

Então como achas que a comunidade vê esta escola? Os vizinhos, os amigos mais próximos, que conversas ouves no café?

Não oiço muito... (pausa) Mas oiço de um colega meu que desistiu da...(Instituição), diz que não quer vir para aqui... (pausa) Mas não diz porquê.

E tu achas que não tem nada a ver com as pessoas que frequentam a ...(Instituição)?

Eu acho que é por causa dos monitores e do trabalho, porque lá em baixo, no armazém, não há assim muitas pessoas com problemas. E também se calhar é por causa dos colegas.

Construção da deficiência:

Discurso do jovem sobre si próprio e sobre os seus pares

D2 Nos teus fins-de-semana ou folgas o que costumas fazer?

Ando de bicicleta.

Sozinho?

Sim. Vou passear com a ...(nomeia a mulher) e o meu filho.

Tempos livres e lazer

E1 Quando foste trabalhar para o ...(empresa) qual foi a reacção dos teus amigos mais próximos?

Foi boa.

Autonomia familiar e afectiva

E2 Como te sentiste?

Senti-me importante. Com mais responsabilidades, porque ia trabalhar numa empresa de prestígio, internacional. Repare, eu tenho um bom ordenado, médico de graça, brinquedos para a minha filha...tudo isso. As condições são mesmo boas.

Direitos e deveres

D1 E a gestão monetária? Como fazes a gestão do dinheiro?

Remuneração financeira

Sou eu que faço.

D1 Com quem vives?

Vivo com a minha sogra, meu sogro, tenho mais duas cunhadas e um cunhado, eu, o meu filho e a minha mulher.

Autonomia familiar e afectiva

A tua mulher trabalha?

Não, no momento não.

Mas fez formação também no... (Instituição)?

Fez formação no...(Instituição) e estágio no...(empresa), portou-se mal e veio-se embora.

D1 O teu vencimento dá para as despesas relacionadas contigo, teu filho, tua esposa?

Remuneração financeira

Dá.

D1 És tu que fazes essa gestão ou dás o dinheiro á tua sogra para gerir?

Remuneração financeira

Não, sou eu que faço a gestão.

D2 Quando saís, saís sempre sozinho? A tua mulher e o teu filho não te acompanham?

Eles acompanham-me sempre quando vou visitar a minha mãe, às vezes vou fazer compras, dar umas voltas à Câmara de ...(local).

Tempos livres e lazer

E1 Qual a reacção da tua mãe quando soube que estavas empregado no... (empresa)?

Autonomia familiar e afectiva

Foi boa. Ela disse que eu sempre... (pausa) que sempre soube que eu, neste estágio, sempre tinha fé...(pausa) coisas de mãe. Que eu tinha capacidades para ficar neste estágio. No outro não fiquei, porque tinha andado a trolha e não gostava muito, foi por isso que vim de novo para a formação, mas que neste que tinha confiança que eu ficasse.

E2 Houve então uma grande evolução entre um estágio e outro. O que foi significativo entre o 1º e o 2º estágio?

Sinto-me mais importante.

E2 E a sociedade, agora que és funcionário do ...(empresa), como é que as pessoas te vêem?

Sinto-me... (pausa) claro aquilo tem mais responsabilidade, porque o...(empresa) é sempre o ...(empresa). Tem milhões de funcionários. Sinto-me mais responsável e mais vaidoso por ser funcionário de ...(empresa). Sinto-me mais vaidoso.

Direitos e deveres

D6 E o que te proporcionou em termos práticos o emprego? Isto é o que fazes agora e dantes não fazias? Nos teus tempos livres ou noutros aspectos da tua vida?

Não estou a ver.

Para além da conferência a que foste, o que mudou, fazes viagens, vais à praia, ajudaste alguém... que fizeste de diferente?

Eu também não tenho muito tempo... (pausa) Mas comprei um computador, roupa, mesmo nos meus dias de folga, não tenho muito tempo para gastar o dinheiro, porque chego muito cansado. Mas às vezes saio, vou ao ...(empresa) e compro alguma coisa que goste para mim ou para o meu filho e compro.

Acesso a bens e serviços

Mas também participas com a alimentação lá em casa ou não?

Sim, dou 300 euros para alimentação e durante o mês ainda ajudo algumas coisas.

Autonomia financeira

F1 Quais são os teus sonhos para o futuro? O que pensas fazer? Disseste há pouco que vives com a tua sogra... Tencionas continuar lá?

Tenciono arranjar uma casa, casar. Falar com a ...(empresa) Social, para ver se passo de uma casa para outra. Queria ver se a minha mulher arranja emprego.

Auto-determinação

Autonomia familiar e afectiva

Acesso a bens e serviços

Que idade tem o teu filho?

Vai fazer agora em Junho 3 anos.

Acesso a bens e serviços

E Está na idade de fazer o quê?

Ir para a escola. Já o inscrevi no Jardim.

Direitos e deveres

F1/ F2 E os teus sonhos? Gostavas de voltar a estudar?

Sim, gostava de voltar a estudar.

Mudanças desejadas

F Referiste há pouco a questão do 9º ano. Já ouviste falar do Programa “Novas oportunidades”?

Sim, aliás alguns colegas meus andam a fazer essas novas

Acesso a bens e serviços

oportunidades.

Gostavas de progredir nos estudos?

Sim, mas com os meus horários, se calhar não sei se dá.

C3.1 Tenho ainda uma pergunta para te fazer. Achas que se não fosse a Dr.^a ...(Técnica de Inserção) tu tinhas conseguido este trabalho?

Formação
profissional

Não, nem nunca me imaginei ir para o ...(empresa), nem a pedir lá emprego. Eu não tinha habilitações para ir para lá.

Acesso ao 1º
emprego

E a ..., a tua mulher, porque é que achas que ela está desempregada? Pensas que ela necessita, como tu, e como outros jovens, de uma ajuda... tipo como a daqui do... (Instituição)? Aliás ela estava quase empregada...

Acesso a bens e
serviços

Ela precisa de uma ajuda... mas sem ajuda fica mais complicado.

E3 Achas que sozinhos, estes jovens conseguem fazer o mesmo, até ir a entrevistas para emprego?

Sim, eu agora consigo, mas dantes, não conseguia. Aliás eu fui a uma entrevista, a Vilar de ...(Local), quando vim da Junta para uma empresa de carros, depois disseram que me ligavam mas nunca mais me ligaram.

Mas houve aqui uma preparação para as entrevistas?

Houve. E essa preparação foi muito importante.

Formação
profissional

B7 E mesmo para o trabalho, pensas que tirando a questão específica de aprender carpintaria, electricidade... para além dessas diferentes áreas o que achas que aprendeste aqui e fez a diferença no mercado de trabalho? Percebes o que te estou a dizer?

Situação laboral
actual

Ah?

B7 Não tanto a parte técnica. Em termos humanos, competências pessoais que desenvolveram aqui e te proporcionou o acesso ao trabalho...

Formação
profissional

É mais por causa do falar...(pausa) Eu falava muito mal e agora estou completamente diferente. O comportamento é diferente. Agora tenho

Acesso a bens e
serviços

estado doente, mas nós lá temos sempre médico e não vou faltar. Também lá tomamos a vacina contra a gripe, fazemos exames de ano em ano...exames a tudo, e por isso não vale a pena estar a faltar. Na pontualidade também não tenho problemas.

Direitos e
deveres

O facto destas empresas terem alguns benefícios fiscais por

Auto-
determinação

integrarem pessoas com dificuldades, tem algum peso?

Mas o quê? O ...(empresa)?

Sim. Achas que eles recebem alguma coisa quando vos empregam?

Ah, isso? Eu acho que não.

C2.4 Para terminar, o que fez a diferença entre ficares lá ou vires embora como aconteceu à ...?

Foi o ordenado e a aprendizagem.

Desenvolvimento de competências pessoais

C2.4 E para a empresa? O que é que eles viram em ti? Por que é que ficaram contigo?

A assiduidade, pontualidade, a auto-imagem, sobretudo a imagem. Eles desde o início avisaram e eu não tenho problemas.

Formação profissional

E a execução das tarefas, não foi importante?

Sim, tenho às vezes algumas dificuldades, mas é só perguntar e quando for fazer o mesmo trabalho já sei e já não tenho problemas.

E4 Tu também não tens muito tempo livre, mas estás integrado em alguma associação, grupo desportivo, praticas desporto?

Não. Mas nós fazemos lá, algumas vezes, não temos é muito tempo, mas de madrugada, fazemos jogos de futebol entre departamentos. Aliás vai começar agora este ano um torneio de futebol.

Participação social

C4.3 Uma última pergunta. Sentes-te diferente das outras pessoas? Os outros vêem-te de forma diferente ou não?

Tempos livres e lazer

Não, eu também não me exponho... (pausa) Não digo...(pausa) Algumas pessoas sabem que eu trabalho no ...(empresa), mas outras não. Elas não precisam de saber e eu também não lhes digo.

Construção da deficiência:

Discurso do jovem sobre si próprio

E em termos de dificuldades, sentes-te diferente das outras pessoas da tua idade?

Não, eu sou o mais novo do ...(empresa), entre idade, sou o mais novo no meu departamento no ...(empresa). Eu sou praticamente o mais novo.

C4.3 Ninguém te trata de forma diferente, nem te protegem, nem puxam demasiado por ti?

Não, não. Aliás o meu chefe, quando eu assinei o contrato, disse-me mesmo: agora se alguém te tratar mal tu vens-me dizer.

E ele diz isso a todos os outros que entram? O discurso é o mesmo?

É a todos o mesmo.

E3 Se ficasses desempregado, o que farias?

la ao centro de Emprego inscrever-me, ali em... (local), para o subsídio de desemprego. Depois eu ia à procura de emprego.

Acesso a bens e serviços

Direitos e deveres

Auto-determinação

ANEXO II

ENTREVISTA II

Caracterização do Entrevistado B

O entrevistado B, do sexo feminino, com diagnóstico de deficiência mental moderada, estudou na escola regular até ao 9º ano, com medida de currículo alternativo do decreto-lei nº 319/91. Frequentou valência de Formação Profissional em Instituição. Realizou formação profissional em duas Instituições, primeiro a tempo parcial, em articulação com a escola, depois, na segunda a tempo inteiro. Efectuou estágio ao abrigo de protocolo, numa empresa, no distrito do Porto, tendo sido contratado no final. Trabalha no sector de embalagem dessa firma, tendo como colegas os entrevistados C e D.

Encontrava-se, à data de realização da entrevista, em licença de maternidade.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, com duração de cerca de uma hora, decorreu no dia 13 de Fevereiro de 2009, nas instalações da sede da Instituição em que o entrevistado realizou formação profissional. Tinha sido agendada previamente e autorizada a sua gravação em áudio.

A participação do entrevistado foi de integral cooperação e grande abertura, embora se tenha verificado alguma dificuldade na comunicação, pois o seu discurso nem sempre é facilmente perceptível. Houve necessidade de subdividir algumas questões previstas no guião, para melhor compreensão do entrevistado. Na transcrição procura-se reproduzir o discurso oral, tal como foi emitido/processado.

Posteriormente, aproveitou-se, o momento da entrevista à mãe, no dia 14 de Março, para colocar algumas questões relativas ao acesso a serviços na comunidade.

Guião da entrevista

DADOS A RECOLHER: Representações dos jovens contratados quanto aos itens:	
A1 Percurso escolar	<p>A1- Conta-me um pouco do teu percurso escolar... (Habilitações Literárias? Até que idade frequentaste a escola? Como te sentias lá?)</p> <p>A2- Foste apoiado por professor de Educação Especial? Se sim, em que é que te ajudou?</p> <p>A3- Quando e porque é que deixaste a escola? De quem foi a decisão? Porquê?</p> <p>A4- Neste momento, o que é que a escola representa para ti?</p>
B Formação profissional	<p>B1- Quem te encaminhou para a Formação?</p> <p>B2- Como te sentiste quando entraste pela 1ª vez na...(Instituição)?</p> <p>B3- Eras transportado nas carrinhas? Como te viam os outros? Os teus pais e amigos apoiaram a tua decisão de FP neste local?</p> <p>B4- Quem escolheu a área de Formação? Era esse o Curso que querias?</p> <p>B5- Quando terminaste a Formação, iniciaste estágio em que área? O estágio foi de encontro às tuas motivações e interesses?</p> <p>B6- Percebeste porque é que foi seleccionada essa área e não outra? (Nas sessões de DPS foram discutidas questões da empregabilidade?)</p> <p>B7- Que competências adquiriste na formação no...(Instituição)? O que aprendeste na formação ajudou-te no trabalho? Em que aspectos?</p>
C Enquadramento laboral actual: C1 Função profissional exercida	<p>C1.1- Estás empregado actualmente, desde quando? Que tipo de vínculo tens com a empresa? Conheces os teus direitos?</p> <p>C1.2- Gostava que me contasses um pouco do que fazes nesse trabalho...</p> <p>C1.3- Sentes dificuldades em executar o teu trabalho? Como é que resolves as dificuldades?</p> <p>C1.4- Essas dificuldades são partilhadas também pelos teus colegas?</p> <p>C1.5- Achas o teu trabalho importante em que aspectos? Porquê?</p>
C2 Questões relativas ao emprego	<p>C2.1- Qual é o teu horário de trabalho? Trabalhas para além desse horário?</p> <p>C2.2- Recebes horas extraordinárias? O salário é igual ao de um colega com as mesmas funções?</p> <p>C2.3- O que pensas da empresa onde trabalhas? Gostas de trabalhar lá? Porquê?</p> <p>C2.4- O que fez com que a empresa te</p>

	<p>contratasse a ti e não a outro jovem qualquer?</p> <p>C2.5- A técnica de Inserção da Formação fez acompanhamento no local do estágio. Achas que ajudou a tua integração na empresa?</p>
<p>C3 Questões relativas às relações com companheiros/ colegas de trabalho</p>	<p>C3.1- Quantas pessoas trabalham no teu sector? Costumam conversar uns com os outros?</p> <p>C3.2- Costumas almoçar com os teus colegas? Fizeste amigos no teu trabalho? Saem juntos, frequentas a casa dos teus colegas ou eles a tua?</p>
<p>C4 Questões referentes à relação com o superior hierárquico</p>	<p>C4.1- Que indicações e ordens de serviço dá o teu chefe aos teus colegas e a ti?</p> <p>C4.2- Como descreves a relação com o teu chefe? Gostas dele? Porquê?</p> <p>C4.3- És tratado como os outros colegas ou exigem-te mais, menos ou o mesmo que aos outros? Sentes algum tipo de protecção? Ou pelo contrário?</p>
<p>D Vida familiar e social dos jovens: Questões relativas a rotinas diárias, ocupação de tempos livres, lazer</p>	<p>D1- Com quem vives? Como geres o teu dinheiro?</p> <p>D2- Descreve-me a tua rotina diária. Ao fim de semana e nos tempos livres, o que fazes?</p> <p>D3- Achas que a passagem pelo ... (Instituição) mudou a tua vida? Que experiências te proporcionou?</p> <p>D4- Quando passaste a receber bolsa de Formação qual era o seu destino?</p> <p>D5- Os teus pais e familiares, deram-te mais liberdade a partir do estágio?</p> <p>D6- O que é que mudou na tua vida com o facto de auferires um rendimento mensal mais elevado?</p> <p>D7- O que mudou, desde a escola, passando pela formação, estágio, momento actual?</p>
<p>E Questões relativas à experiência de inclusão/ exclusão social na comunidade</p>	<p>E1- Como é que os teus pais, amigos, vizinhos, te passaram a ver quando foste contratado?</p> <p>E2- Sentes-te mais valorizado, respeitado, útil à sociedade, ou não notas diferença?</p> <p>E3- Conheces e exerces os teus direitos e deveres como cidadão?</p> <p>E4- Pertences a alguma associação ou grupo desportivo ou recreativo comunitário?</p> <p>E5- Alguma vez te sentiste olhado de forma diferente por teres passado pelo... (Instituição)?</p>
<p>F Questões relativas a expectativas dos jovens para a vida futura</p>	<p>F1- Quais os projectos e sonhos para o futuro?</p> <p>F2- Conheces o programa "Novas Oportunidades"? Gostavas de voltar a estudar? Porquê?</p>

Transcrição da Entrevista B

A1 Quais são as tuas habilitações literárias?

Ah?... (não responde; verbaliza pelo gesto não perceber)

A1 Qual o teu grau de escolaridade?

(continua a mostrar pela expressão facial desentendimento; balbucia um Ah??)

Até que ano estudaste?

Ano? ...(pausa) Ah!!!... (entendimento) 7°.

Percurso escolar

A2 Conta-me um pouco de como foi o teu percurso na escola, do que te lembras ainda...

Da Escola ?? Andei na escola de ...(E.B.2,3). Não tinha assim aulas como os outros tinham.

Resposta curricular escola regular

Então que aulas é que tinhas?

Tinha Ciências, Visual e o Apoio. Não tinha mais nada. E depois a professora do apoio arranhou uma escola... (pausa). Para eu ir para ...(Centro de Reabilitação), para aprender ...(pausa) aprender as coisas. Lá no...(local) fui aprender barros, tapetes, tecelagem, pecuária (vacas, animais), madeira e outra que era para a cozinha, aprender a cozinhar, fazer bolos e tudo. Andei 3 anos lá. Depois vim para aqui (refere-se Instituição). Aprender Serigrafia.

Formação Profissional

Desenvolvimento de competências pessoais

Disseste que estiveste lá três anos. De que idade até que idade, recordas-te?

Fui para lá com catorze anos. Andava na escola e no...(Instituição). Ia para ...(local) de manhã e de tarde ia para a escola. E, no outro ano, foi o contrário: ia para a escola de manhã e de tarde para ...(Instituição). E depois fiquei lá todo o dia e a escola para mim acabou.

Construção da deficiência:

discurso do jovem sobre si próprio

Percurso escolar

A1 Tinhas muitos amigos na tua escola?

Mais ao menos, não dava muito confiança... (pausa), porque eles gozavam comigo. Eu falava ...(pausa) tinha problemas de fala e os meus colegas, ligavam-me hoje e por exemplo amanhã não me ligavam.

Representação impacto da escola

Como é que te sentias então na escola?

Não sentia, nada.

Não tinhas nenhum amigo ou amiga especial? Alguém que te deixou saudades?

Representação
/impacto da
escola

Ah...tinha (com grande intensidade). Com alguns tinha muita confiança, com outros não.

E os professores...

Os professores ajudavam-me... (pausa) Ajudavam-me. Diziam aos meus amigos o que é que eu tinha, que tinha problemas na fala, para ter calma comigo, que eu era muito nervosa, que era para eu não me enervar ...(pausa). Eles riam-se e eu irritava-me e dizia: pronto professora não faço mais nada. Depois fui para o ...(local) e lá eles eram mais meus amigos.

Construção da
deficiência:

discurso do
jovem sobre si
próprio e dos
outros sobre si

Então gostaste mais de andar no ...(Instituição) pelos amigos?

Relações
interpessoais

Sim...(pausa). Não, também porque íamos para a praia. No Inverno não, estava muito frio. Mas no Verão íamos.

Formação
Profissional

Houve alguma pessoa que te deixou saudades?

Sim o ..., o... de, o de(refere os professores quase todos). Mas eu gostava era de ir para a praia. Para mim são muito simpáticos, eram todos muito simpáticos para mim.

Relações
interpessoais

A3 De quem foi, então, a decisão de deixar definitivamente a escola e ir para o ...(Instituição)?

Minha. Eu queria deixar, mas o ...(Instituição) também pediu para eu ir para lá mais tempo para aprender mais as coisas. A professora...(refere-se à Educação Especial) e a minha Directora de Turma também acharam que era melhor para eu aprender outras coisas.

Impacto/
representação
da escola

B1 O que sentiste quando os professores e técnicos tomaram essa decisão, quando os professores decidiram que se calhar era melhor frequentares o ...(Instituição) a tempo inteiro?

Impacto/
representação
da escola

Eu deixei ... (pausa). Deixei a escola, porque gostava muito do...(Instituição) de aprender. Gostava mais de andar no...(Instituição) a aprender do que na escola.

Formação
Profissional

A4 Agora que já és adulta, o que é que a escola representou ou representa para ti?

A escola? A saudade...

Impacto/
representação
da escola

Tens saudades da escola?

Sim, sim.

Mas de que aspectos da escola?

Não sei dizer. (sorrindo)

F2 Gostavas de voltar a estudar?

Um bocado... (pausa). Não sei ler muito, muito bem, gostava de aprender mais devagarinho, a ler melhor.

Proposta de mudança às respostas educativas curriculares vividas

A2 Mas... na escola, não tinhas apoio da educação especial?

Tinha, mas ... (pausa) Eu aprendi a ler, mas não sei ler assim como a senhora lê.

Quantas horas tinhas de Apoio, lembra-te?

Era todos os dias, de manhã ou de tarde, depende.

Esse apoio era individual, isto é, tinhas aulas sozinha?

Não, com uma colega minha que tinha só algumas aulas como eu.

Resposta curricular escola regular

B1 Disseste há pouco que foram os professores que te encaminharam para a... (Centro de Reabilitação). E como vieste parar à... (Instituição)?

(Não percebeu)

B2 Quem te mandou para o...(Instituição)?

Foi a Dr.^a do...(Técnicos do Centro de Formação).

B2 E como é que te sentiste a 1ª vez que entraste no... (Instituição)?

Senti-me... (pausa). Não gostava, por causa dos deficientes... (pausa). Ouvia muito barulho e às vezes ia para casa com dores de cabeça... (pausa) Na oficina gostava, mas aqui no Centro não gostei.

Construção da deficiência:
discurso do jovem sobre si próprio e sobre os outros pares

B3 Eras transportada pelas carrinhas do...(Instituição)? Como te sentias?

Sim. Mas... (pausa) Não gostava... (riu-se), não me sentia bem, porque ia sempre um deficiente ao meu lado e que se babava...(pausa) e eu não me sentia bem.

B3 E as pessoas, quando te viam a sair da carrinha, como te olhavam?

Bem... (pausa). Não sei. As pessoas ficavam a olhar para nós.

Sentias-te diferente?

Construção da deficiência:
discurso do jovem sobre si próprio

Não. (expressivo e peremptório)

B3 E os teus pais, os teus amigos, o que acharam quando vieste fazer formação para o...(Instituição)?

A minha mãe foi ao centro ...(Centro de Reabilitação), que disse que havia um centro para eu aprender melhor e tudo. Disseram que eu ia para o centro para aprender melhor e arranjar trabalho. E no...(Instituição) mandaram-me para aqui.

Construção da
deficiência:

discurso dos
outros sobre si
próprio

Formação
Profissional

B3 E como é que os teus pais reagiram?

(não compreende)

Acharam bem, mal, ficaram contentes?

Acho que sim. Não me lembro bem.

E tu, como te sentiste?

Não me lembro.

B4 Qual foi a área de formação que frequentaste no...(Instituição)?

Serigrafia.

Formação
profissional

B4 De quem foi a escolha da área de formação?

Foi feita por mim, porque eu gostava, já tinha feito no...(local) Artes gráficas.

B5 Quando terminaste a formação, começaste o estágio na empresa... E o estágio foi de encontro às tuas expectativas, isto

é, aquilo que deseavas fazer?

Mais ao menos. (riu-se)

1ª Experiência
Laboral

Acesso ao
emprego

B5 Porquê mais ao menos? O que esperavas encontrar lá?

Estava preparada para trabalhar, para dar dinheiro à minha mãe...(pausa). Para pagar a casa. Para pagar a casa não, a casa paga ela. Para pagar a luz, a água.

Auto-
determinação

Autonomia
familiar e
afectiva

C1.2 O que fazes lá na ...(empresa)?

Conto parafusos, vou para o pintor. Há um pintor...(pausa) Fazer coisas. Ajudo nas...(pausa) montar antenas para a televisão. Mas aquilo corta. Chego os parafusos.

Situação
laboral actual

C2.3 E gostas do que fazes?

Gosto.

Gostavas de fazer alguma coisa diferente?

Não, não, gosto muito.

B7 E o que achas que o... (Instituição) te ensinou? Em que é te ajudou, que serviu para arranjar aquele emprego?

Não sei... (ri)

Formação
Profissional

C3.1 Achas que sozinha conseguias arranjar aquele emprego?

Não. Sozinha não consigo... (pausa) Tenho vergonha (sorriu). Tenho vergonha de falar com as pessoas.

Desenvolvimento
de competências
pessoais

Mas para além de seres tímida, achas que sozinha tinhas a capacidade de ir a uma entrevista de emprego?

Isso sim.

B6 Onde é que isso foi treinado? Aqui no... (Instituição), nas sessões de DPS?

Sim, a Dr.^a ... (Técnica de Inserção) ensinou-nos a falar.

Formação
Profissional

C1.1 Que tipo de vínculo tens com a empresa?

(não responde)

Situação laboral
actual

C 1.1 Que contrato é que tens? Por quanto tempo?

(não responde)

És contratada ...és de quadro da empresa, tens contrato por quantos meses?

(encolhe-se)

Não sabes?

Não percebo.

Mas, olha tiveste que assinar um contrato?

Tive.

Situação laboral
actual

Foste tu que assinaste?

Fui (com firmeza). Eles mandaram e eu assinei.

Direitos e
deveres

C1.1 E tu conheces os teus direitos? Sabes que direitos tens como trabalhadora?

Não.

Nunca ninguém te explicou?

Não sei.

C1.3 E o que te pedem para fazer na empresa, fazes com facilidade?

Situação laboral actual

Não, demoro mais tempo. Dantes era mais lenta, agora estou melhor.

C1.3 E quando tens mais dificuldades o que fazes, para as resolver?

Construção da deficiência:
discurso do jovem sobre si próprio

Nada.

Não pedes ajuda a alguém?

Ah...Peço às minhas colegas e elas ajudam-me.

Relações interpessoais

C4.2 Tens amigas lá?

Ui, tenho tantas... (sorri)

Autonomia familiar e afectiva

C 4.2 Almoçam juntas? O que falam durante o almoço?

Sim almoçamos. Falo da minha vida e elas da vida delas.

D4.2 Depois das horas de trabalho costumam encontrar-se, às vezes?

Tempos livres e lazer

Agora não. Antes da... (bebé) nascer, sim.

Quando a ...(bebé) nasceu elas foram visitar-te?

Foram, foram, foram todas (sorri).

Autonomia familiar e afectiva

C2.1 E, qual é o teu horário de trabalho?

Entro às nove, depois lancho às 10 menos um quarto. Às 10.30 entramos para dentro. O almoço é à uma menos um quarto. Entro às duas uas menos um quarto. Lanche às 4 menos um quarto. Entro às 4h e saio às ...(hesita com os dias - quer dizer: de 2ª a 5ª sai às 6h e às 6º sai às 6 menos 1 quarto.)

Situação laboral actual

C4.2 Almoças na cantina?

Relações interpessoais

Sim, almoçamos todas juntas.

Tempos livres e lazer

C2.2 A empresa paga-te bem?

Sim

C2.2 Recebes o mesmo que as outras colegas?

(Acena afirmativamente) É. Quatrocentos euros e quê. É pouco, mas é uma ajuda.

Remuneração financeira

C2.2 Fazes horas extraordinárias?

Sim, eles pagam tudo direitinho.

Direitos e
deveres

C2.4 Como conseguiste este emprego?

Foi a Dr.^a ...(Técnica de Inserção).

Formação
Profissional

C3.1 E se não fosse a Dr.^a... (Técnica de inserção) tinhas conseguido arranjar este emprego?

Mais ao menos... (riu). Sim, sou capaz... (pausa) Não tenho a certeza...(pausa)Sou capaz de arranjar.

Acesso ao 1º
Emprego

Achas que já consegues arranjar um emprego sozinha se for preciso?

Sim.

Desenvolvimento
de competências
pessoais

D 3.1 Porquê? O que aprendeste aqui que fez com que sentisses essa segurança?

Não sei...(ri) Aprendi a chegar lá, a dizer que preciso de emprego...(pausa) a pedir o emprego. Não digo assim: preciso de emprego...

Formação
Profissional

Então treinaste as entrevistas no...(Instituição)?

Sim.

B7 E o que aprendeste mais no...(Instituição)?

A chegar a horas, a arranjar as minhas coisas. Aprendo aprendendo... a fazer o que me mandam.

Desenvolvimento
de competências
pessoais

D Sabes as horas? Orientas-te bem na rua?

Sim.

D6 O que mudou na tua vida a partir do momento em que começaste a ganhar o teu dinheiro?

Não sei...

D1 Quem gere o teu dinheiro?

A minha mãe. A conta está no meu nome e da minha mãe.

Acesso a bens e
serviços

D1 Quem faz as compras, para a casa, para a bebé?

A minha mãe. Mas, às vezes vou eu ao Modelo.

Autonomia
Financeira

D1 Com quem vives?

Eu, a bebé, os meus pais, minha irmã e os meus sobrinhos. A minha irmã está separada.

C4.1 Como é que o teu chefe te trata?

(ri) Diz que às vezes está mal, que tenho que fazer as coisas direitas.

C4.2 Gostas dele?

Eu gosto dele. Ele é muito simpático e tudo, mas às vezes quando começa a discutir comigo... (pausa). Mas ele tem razão... As coisas estão mal, ele tem razão... Ele é um homem que ajuda, porque ele é meu amigo... tem razão... diz está mal e eu corrijo. Fala à 1ª, fala à 2ª e aí eu aprendo. Ele primeiro disse que: "se não perceberes vem ter comigo que eu ...". E eu, pronto, vou ter com ele. E ele vem à minha beira e explica. Depois vem para ver e diz: "já está melhor.". Às vezes começa a discutir comigo, quando não está bem e eu digo "está bem".

Situação laboral actual

Relações interpessoais

Construção da deficiência:
discurso dos outros sobre si próprio

C4.3 E como é que ele faz com as tuas colegas?

Com as minhas colegas diz à primeira vez e não diz mais nada, ralha logo. A mim, dá-me mais tempo. (tem dificuldade em explicar objectivamente o que faz. Dá exemplo de uma situação concreta para se expressar, que não é claramente perceptível)

D5 A partir do momento em que entraste em estágio, e depois ficaste empregada, começaste a receber o teu dinheiro... Os teus pais deram-te mais liberdade, ou tratam-te da mesma forma?

Não, acho que é a mesma coisa.

Costumavas andar de transportes públicos, antes da formação? Como ias para a escola?

Acesso a bens e serviços

la de camioneta.

D.2 E ao fim-de-semana o que costumavas fazer?

Saía sozinha com as minhas amigas. Primeiro, a minha mãe não deixava, aos 16 anos não. Deixou a partir dos 17. Não...foi aos 18 anos.

Autonomia familiar e afectiva

D2 Como ocupavas os tempos livres antes de teres a bebé?

la passear. Comecei a namorar a partir dos 17. Primeiro a minha mãe disse que eu era muito nova, e eu comecei a namorar às escondidas, depois começou a desconfiar e eu disse a verdade à minha mãe.

Tempos livres e lazer

E a bebé como é que nasceu? Foi desse namoro?

Sim, mas estamos separados.

Chegaram a viver juntos?

Não. (peremptório e emotivo)

Mas gostavas de viver sozinha, na tua casa, com a tua filha?

Autonomia familiar e afectiva

Gostava, mas acho que não devo, porque ele andava comigo e com outra.

Auto-determinação

És tu que tratas da bebé?

Sim, mas a minha mãe trabalha perto, no outro andar e eu vou um bocadinho até lá para ela ver a menina.

Autonomia familiar e afectiva

E2 Achas que o teu trabalho é importante para a sociedade?

Acho que sim. É importante estar a trabalhar. As pessoas da rua perguntam onde eu trabalho e respeitam-me. Perguntam se eu ganho bem e eu digo: ganho bem, mas ganho pouco, mas dá para mim e para a bebé.

Remuneração financeira

Tempos livres e lazer

E4 Como passas o fim-de-semana? Pertences a algum grupo desportivo, coro... ?

Não, vou passear, vou para a praia. Gosto muito de praia.

E.1 Como gastas o teu dinheiro?

Não compro nada para mim. É a minha mãe quem compra.

Autonomia familiar e afectiva

E5 Mas, porquê? Sentes-te diferente?

Sim. (sorri envergonhada) Tenho a filha...(pausa) Eu antes ia passear, brincava...(pausa) Agora tenho uma filha. Saio na mesma, mas já não me apetece tanto, tenho a minha filha.

Tempos livres e lazer

E5 O que é que as pessoas dizem quando contas que fizeste Formação nesta escola?

Dizem que é uma escola para deficientes. E eu digo: eu andei lá a aprender, não é como os outros...(pausa). Não sou deficiente. Não é como os outros.

Construção da deficiência:
discurso dos outros sobre si próprio; discurso do jovem sobre si próprio

E5 Mas... Então tu sentes que tens mais dificuldades, mas não és uma pessoa com deficiência...

Mas já me disseram que eu sou deficiente. A minha mãe e tudo...

O que te disse a tua mãe?

Eu perguntei à minha mãe o que é que eu que tinha e ela disse-me que eu tinha problemas de fala, de ouvir, problemas de cabeça e que tinha uma barra da cabeça para baixo. Eu perguntei o que se passou e ela disse que quando nasci eu era normal e que depois a cabeça

Construção da deficiência:
discurso dos outros sobre si próprio;

começou a ficar grande, grande, e que me meteram uma barra, um tubo.

Construção da
deficiência:

discurso do
jovem sobre si
próprio

Sentes-te diferente?

Sim, mas ...(pausa) Porque sou mãe.

Importas-te de explicar o que queres dizer? O que é para ti ser mãe?

Porque antes da bebé nascer eu não sabia o que era ser mãe. Queria saber, o que era e tudo...(pausa). Estava muito curiosa. Quando o médico me disse está quase a nascer...(pausa) Quando me disse é uma menina...(pausa) Quando me disse: nasceu ...(pausa) as lágrimas começaram-me a cair (emociona-se). Comecei a sentir-me diferente.

Tu não fizeste nenhuma ecografia?

Eu não sabia que estava grávida. Eu não estava a perceber nada. Tomava a pílula, não estava enjoada nem nada, não sabia o que era isto. Não sentia ela a mexer, nem nada. Só quando me mandaram ir para o hospital é que eu percebi. A patroa da minha mãe é enfermeira, e disse que era melhor ir ao hospital, porque podia ser algum problema no tubo, tinha um papo e uma barriga grande e dura. Então, o médico quando me viu o peito viu que eu estava grávida. Eu não sabia... (pausa). Mandaram-me para o Hospital e disseram: ó minha senhora está quase. (ênfatisa a admiração). Já estava grávida há muito tempo, desde Março e ela nasceu em Novembro.

E quando foste ao Hospital?

Em Outubro, e ela nasceu em 24 de Novembro. Eu tomava a pílula e tomava medicamentos para a cabeça, depois estava com os pés inchados, tomava medicamentos, fazia alergia, tomava medicamentos e depois... (pausa) Não sabia, o médico não dizia nada. O médico do Hospital, não, da Caixa disse à minha mãe: D^a ... está quase, mais uma netinha. Mas ele disse que a minha mãe é culpada... (mostra indignação). E eu disse: “Senhor Doutor, não diga que a minha mãe é culpada, quem é culpada sou eu. “E ele calou-se. Mas disse: eu queria meter-te o aparelho. (explica) Eu ia ao Hospital de Santo António, por causa dos problemas da cabeça, mas a médica disse que eu tinha cabeça para pensar e eu tinha cabeça para pensar.

Autonomia
familiar e
afectiva

Auto-
determinação

E os teus pais, como reagiram à notícia da gravidez?

O meu pai queria que eu casasse. Mas a minha mãe disse que se eu não queria casar, não casava. O meu pai aceitou e disse. “ Fica aqui. Dá-se um jeitinho...”.

Autonomia
familiar e
afectiva

E5 Disseste há pouco que as pessoas te diziam que tu eras diferente, a tua mãe dizia que tu tinhas problemas...

A minha mãe dizia que eu tinha deficiência.

E5 E agora, que és adulta, sentes-te diferente dos outros? Notas que tens mais dificuldade do que os outros, deficiência ou dificuldades?

Um bocado de deficiência.

O que fazes pior do que os outros, ou menos bem do que os outros? Por exemplo, tu tratas bem da tua filha...

É assim: não sei bem as coisas. Às vezes pergunto à minha mãe o que faço à minha filha...quando chora e assim.

Achas que eras capaz de viver sozinha com ela?

Acho que não, porque nem sempre sei o que tenho de fazer à minha filha e a minha mãe explica-me. Ensinou-me a fazer o biberão. Eu não sabia nada: como dar o peito ao bebé, mudar a fralda. Eu não sabia e ela ensinou-me e a enfermeira também me ensinou.

E.1 E os teus vizinhos, como te tratam, como te olham, agora que estás a trabalhar?

Tratam-me bem. Conversam comigo.

F1 Quais são os projectos ou sonhos para o futuro? Que gostavas de mudar, de fazer?

Ah... (pausa). Muita coisa... (olha para a bebé). Mudava uma coisa...já mudei...

O que mudaste concretamente?

Tive a minha filha...

F1 E para a bebé, o que desejas?

Que ela não chorasse, que risse...

F1 Então, conta lá ...O que tencionas fazer no futuro?

Ficar lá em casa com o meu pai e com a mãe.

E casar...?

Não, não estou preparada. Arranjar namorado? Não estou preparada. O pai da minha filha quer que eu me junte com ele, mas eu não vou, devido ao que ele me fez. E namorar não quero. Prefiro estar com ela do que namorar.

Construção da deficiência:
discurso dos outros sobre si próprio;

Construção da deficiência:
discurso do jovem sobre si próprio

Relações interpessoais

Auto-determinação

Autonomia familiar e afectiva

E3 Quando regressares ao trabalho, quem vai ficar com ela?

Vou em Abril. Junto de minha casa há uma ama, paga-se 100 euros. É muito caro, não dá para mim. Há um infantário...(pausa) Falei com uma colega e ela disse-me que como estou separada e o pai não trabalha, “Acho que vais pagar menos no infantário, por seres mãe solteira.” Então vou ver, agora em Março.

Acesso a bens e serviços

Direitos e deveres

E3 Sabes que depois tens direito de redução de horário para amamentação?

Não sei disso.

Costumas ir sozinha ao médico com a menina?

Não, vou sempre com a minha mãe.

Mas... sentes que és capaz de prestar cuidados de saúde à bebé, isto é, sabes como deves fazê-lo?

Sou capaz, mas tenho medo de cair, porque tenho um problema no pé, e quando era mais nova caía muitas vezes, e tenho medo de cair com ela na rua. A minha mãe diz para quando quiser passear com a menina levar sempre o carrinho...e eu levo.

Acesso a bens e serviços

Construção da deficiência:
discurso dos outros sobre si próprio;

Alguma vez tiveste vontade de sair do estágio, sair da empresa, ir embora?

Não, gostei sempre muito. As minhas colegas são muito simpáticas, têm pena de mim...

Pena de ti... explicas-te melhor, o que queres dizer com “ ter pena”?

Pelos problemas que eu tenho, por ter a bebé...(pausa). Brinco com elas e elas comigo. Gosto muito do trabalho.

Autonomia familiar e afectiva

Relações interpessoais

E2 Sentes-te mais valorizada, ou mesmo realizada profissionalmente?

Mais ao menos. Gostava mais de trabalhar nos parafusos, mas preciso do emprego.

Inserção profissional ideal

F1 Imagina que tinhas uma varinha mágica, o que gostavas de fazer?

Trabalhar na embalagem, mas também gosto. Faço o que o chefe manda. Eu ando de um lado para o outro e os outros não, não andam para traz e para a frente, de um lado para o outro...

E porquê?

Não sei, mas se não fizesse mandavam-me embora e o dinheiro faz-me falta. Mas a minha amiga é muito simpática, foi-me visitar quando nasceu a bebé.

Autonomia
financeira

C3.1 No estágio, quem te ajudou?

Relações
interpessoais

A minha amiga e a Dr.^a... (Técnica de Inserção). Sem elas não conseguia o emprego. (Pausa, olhou para a bebé e continuou). Conheci o pai da ...(bebé) numa festa e comecei a namorar. Ele tem 21 anos. Trabalhava, mas agora já não trabalha.

Formação
Profissional

F2 Gostavas de voltar para a escola?

Acesso ao 1º
emprego

Não, gostava de aprender a ler e a escrever melhor em casa. Gostava de ter uma professora lá em casa, para aprender devagarinho.

Proposta de
mudança às
respostas
educativas
curriculares
vividias

E se fosses para uma escola de adultos?

Gostava, agora não, por causa da ...(bebé), mas depois? Nunca se sabe. (Sorriu)

Olha...Quando é que termina o teu contrato de trabalho?

Em Janeiro.

Direitos e
Deveres

E o que tencionas fazer quando terminar o teu contrato?

Fazer? Sei lá, o que o chefe mandar eu faço.

Esperas então que te renovem o contrato. Mas, vamos pensar assim: imagina que, no final de Janeiro, não te renovavam o contrato. O que farias?

Acesso a bens e
Serviços

O que é que eu fazia? Não sei.

E3 Pensa um pouco. Tu estás a fazer descontos, quais são os teus direitos? Tens direito a quê?

Não sei.

Direitos e
Deveres

Nunca ouviste falar no Subsídio de Desemprego?

Sim, já.

Então como fazias? Procuravas outro emprego?

Acesso a bens e
serviços

Sim, mais ao menos.

Achas que eras capaz de sozinha arranjar outro emprego?

Mais ao menos.

Explica-te melhor.

la trabalhar.

Mas, como fazias para ir trabalhar?

Fazia o que eles mandassem.

Já foste alguma vez ao Centro de Emprego?

Não, era a primeira vez.

Quando precisas de tratar do teu bilhete de identidade como fazes?

Acesso a bens e serviços

Vou ao Registo.

Se ficasses desempregada, então, onde ias?

la a Gaia, não é ao registo. Ao...ao...outro sítio.

E em relação à... (bebé), quando é preciso levá-la ao médico, como fazes?

A minha mãe trata de tudo.

Por que é que é a mãe? Por que é que não és tu?

Porque eu não falo em condições.

Oh, não falas em condições... falas. Eu percebo-te bem e tu a mim...

Construção da deficiência:

discurso do jovem sobre si próprio

Mas a minha mãe sabe melhor do que eu. Ela trata de tudo.

ANEXO III

ENTREVISTA III

Caracterização do Entrevistado C

O sujeito C, do sexo feminino, com 23 anos, está caracterizado como pessoa com deficiência mental ligeira. Frequentou a escola regular até ao 9ºano com medida de Currículo Alternativo do decreto-lei 319/91. Durante o 3º Ciclo, foi inserido a meio tempo em valência de Formação Profissional num Centro de Reabilitação. Passou, depois, para frequência a tempo inteiro na Instituição do estudo, tendo efectuado dois estágios em empresas distintas ao abrigo de protocolo. Foi contratada no final do segundo estágio.

Actualmente integra a equipa de embalagem, como trabalhadora indiferenciada e é colega dos jovens B e D numa empresa no distrito do Porto.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 25 minutos, foi realizada nas instalações da empresa onde trabalha, no dia 20 de Fevereiro de 2009, após horário laboral. O sujeito tomou conhecimento prévio e concordou com a gravação áudio.

O entrevistado manteve uma atitude de inibição, dando respostas sumárias e às vezes lacónicas. Não permitiu a abordagem a algumas questões relacionadas com a frequência da escola regular. Sentiram-se, também, por vezes, dificuldades na compreensão das perguntas. Recorreu-se, por isso, à simplificação de questões previstas no guião e ou à subdivisão de outras.

Na transcrição procurou-se respeitar o discurso oral, tal como foi produzido.

Guião da entrevista

DADOS A RECOLHER: Representações dos jovens contratados quanto aos itens:	
A1 Percurso escolar	<p>A1- Conta-me um pouco do teu percurso escolar... (Habilitações Literárias? Até que idade frequentaste a escola? Como te sentias lá?)</p> <p>A2- Foste apoiado por professor de Educação Especial? Se sim, em que é que te ajudou?</p> <p>A3- Quando e porque é que deixaste a escola? De quem foi a decisão? Porquê?</p> <p>A4- Neste momento, o que é que a escola representa para ti?</p>
B Formação profissional	<p>B1- Quem te encaminhou para a Formação?</p> <p>B2- Como te sentiste quando entraste pela 1ª vez na...(Instituição)?</p> <p>B3- Eras transportado nas carrinhas? Como te viam os outros? Os teus pais e amigos apoiaram a tua decisão de FP neste local?</p> <p>B4- Quem escolheu a área de Formação? Era esse o Curso que querias?</p> <p>B5- Quando terminaste a Formação, iniciaste estágio em que área? O estágio foi de encontro às tuas motivações e interesses?</p> <p>B6- Percebeste porque é que foi seleccionada essa área e não outra? (Nas sessões de DPS foram discutidas questões da empregabilidade?)</p> <p>B7- Que competências adquiriste na formação no...(Instituição)? O que aprendeste na formação ajudou-te no trabalho? Em que aspectos?</p>
C Enquadramento laboral actual: C1 Função profissional exercida	<p>C1.1- Estás empregado actualmente, desde quando? Que tipo de vínculo tens com a empresa? Conheces os teus direitos?</p> <p>C1.2- Gostava que me contasses um pouco do que fazes nesse trabalho...</p> <p>C1.3- Sentes dificuldades em executar o teu trabalho? Como é que resolves as dificuldades?</p> <p>C1.4- Essas dificuldades são partilhadas também pelos teus colegas?</p> <p>C1.5- Achas o teu trabalho importante em que aspectos? Porquê?</p>
C2 Questões relativas ao emprego	<p>C2.1- Qual é o teu horário de trabalho? Trabalhas para além desse horário?</p> <p>C2.2- Recebes horas extraordinárias? O salário é igual ao de um colega com as mesmas funções?</p> <p>C2.3- O que pensas da empresa onde trabalhas? Gostas de trabalhar lá? Porquê?</p> <p>C2.4- O que fez com que a empresa te</p>

	<p>contratasse a ti e não a outro jovem qualquer?</p> <p>C2.5- A técnica de Inserção da Formação fez acompanhamento no local do estágio. Achas que ajudou a tua integração na empresa?</p>
<p>C3 Questões relativas às relações com companheiros/ colegas de trabalho</p>	<p>C3.1- Quantas pessoas trabalham no teu sector? Costumam conversar uns com os outros?</p> <p>C3.2- Costumas almoçar com os teus colegas? Fizeste amigos no teu trabalho? Saem juntos, frequentas a casa dos teus colegas ou eles a tua?</p>
<p>C4 Questões referentes à relação com o superior hierárquico</p>	<p>C4.1- Que indicações e ordens de serviço dá o teu chefe aos teus colegas e a ti?</p> <p>C4.2- Como descreves a relação com o teu chefe? Gostas dele? Porquê?</p> <p>C4.3- És tratado como os outros colegas ou exigem-te mais, menos ou o mesmo que aos outros? Sentes algum tipo de protecção? Ou pelo contrário?</p>
<p>D Vida familiar e social dos jovens: Questões relativas a rotinas diárias, ocupação de tempos livres, lazer</p>	<p>D1- Com quem vives? Como geres o teu dinheiro?</p> <p>D2- Descreve-me a tua rotina diária. Ao fim de semana e nos tempos livres, o que fazes?</p> <p>D3- Achas que a passagem pelo ... (Instituição) mudou a tua vida? Que experiências te proporcionou?</p> <p>D4- Quando passaste a receber bolsa de Formação qual era o seu destino?</p> <p>D5- Os teus pais e familiares, deram-te mais liberdade a partir do estágio?</p> <p>D6- O que é que mudou na tua vida com o facto de auferires um rendimento mensal mais elevado?</p> <p>D7- O que mudou, desde a escola, passando pela formação, estágio, momento actual?</p>
<p>E Questões relativas à experiência de inclusão/ exclusão social na comunidade</p>	<p>E1- Como é que os teus pais, amigos, vizinhos, te passaram a ver quando foste contratado?</p> <p>E2- Sentes-te mais valorizado, respeitado, útil à sociedade, ou não notas diferença?</p> <p>E3- Conheces e exerces os teus direitos e deveres como cidadão?</p> <p>E4- Pertences a alguma associação ou grupo desportivo ou recreativo comunitário?</p> <p>E5- Alguma vez te sentiste olhado de forma diferente por teres passado pelo... (Instituição)?</p>
<p>F Questões relativas a expectativas dos jovens para a vida futura</p>	<p>F1- Quais os projectos e sonhos para o futuro?</p> <p>F2- Conheces o programa "Novas Oportunidades"? Gostavas de voltar a estudar? Porquê?</p>

Transcrição da Entrevista C

A1 Quais são as tuas habilitações literárias?

Escola?

Sim...

9º Ano.

Percurso escolar

A1 Conta-me um pouco do teu percurso escolar...

Não sei...

A3 Até que idade frequentaste a escola?

Até ao nono ano, mas já não me recordo...(pausa) Foi até quando fui para a ...(Centro de reabilitação) e depois para a ...(Instituição).

A1 Tinhas muitos amigos na escola?

Na... (E.B. 2,3) tinha umas raparigas.

Da tua turma?

Não, também andavam no...no (Centro de Reabilitação).

Impacto/
representação
da escola

A2 Então foste apoiada por professora de educação especial?

Assim no 5º e no 6º já não me recordo bem, mas parece que não. Mas a partir do 7º tinha metade das aulas e metade de apoio.

Respostas
curriculares na
escola

A2 E em que é que te ajudou o apoio de educação especial?

Em muitas coisas.

Podes concretizar?

Já não me recordo muito bem.

A3 Quem é que tomou a decisão de deixares a escola?

Acho que foi mesmo a escola.

Impacto/
representação
da escola

E porquê?

Não sei.

Não tens nenhuma opinião sobre isso?

Não responde (encolhe os ombros)

A1 Houve alguém que te deixou saudades na escola?

Não.

Nem mesmo as tuas amigas?

Não, porque essas raparigas, continuei a vê-las no...(Centro de reabilitação). Depois de passar para ...(Instituição) deixei de as ver.

A4 Neste momento, que já passaram alguns anos, já nem te lembras muito bem com que idade deixaste a escola... o que é que a escola representa ou o que representou para ti?

Foi bom enquanto durou.

Impacto/
representação
da escola

F2 Gostavas de voltar a estudar?

Não sei.

Nunca pensaste nisso?

Não, seria um caso a pensar.

B2 Disseste-me há pouco que da escola passaste para ...(Centro de Reabilitação) e daí para ...(Instituição). Como te sentiste quando entraste a 1ª vez no...(Instituição)?

Formação
profissional

Senti-me sozinha. No primeiro dia... (pausa) Mas, depois, no segundo já não se passava nada.

B3 Eras transportada nas carrinhas?

Acesso a bens
e serviços

Não, era nas camionetas. Ia sozinha nas camionetas quer para ...(Instituição) quer para ...(Instituição).

B3 E o que tua mãe, os teus familiares, o que acharam da decisão, de ires para ... (Instituição) fazer formação?

Não sei. Acho que a minha avó me apoiou.

B4 Quem escolheu a área de formação?

Fui eu, quando andava no... (Instituição). Gostava de Serigrafia e escolhi Serigrafia no ... (Instituição).

Formação
profissional

Mas, quando terminaste o estágio, foste integrada em que área?

Na cozinha, no ...(refere empresa).

E, na tua opinião, por que é que não conseguiste emprego lá no... (empresa) no final do estágio?

Não sei, ou porque não precisavam ou porque não queriam...

Mas tu gostavas de ter ficado lá?

Claro, em qualquer cozinha que houvesse... era o que eu gostava...

Inserção
profissional ideal

C1.1 Como te sentes aqui no teu emprego?

Bem, não fiquei triste nem na altura, nem agora.

Situação laboral
actual

B6 Chegaste a perceber, porque é que foi escolhida essa área e não Serigrafia, isto é, a escolha foi discutida contigo?

A Dr.^a ...(Técnica de Inserção) perguntou-me se eu queria fazer lá estágio e eu disse que sim. Depois no fim fiquei em casa no mês de Agosto e depois comecei a trabalhar aqui. A estagiar de Setembro a Dezembro. E, depois, fiquei pela fábrica em Janeiro.

Acesso ao 1º
emprego

B7 Que competências adquiriste no... (Instituição) que permitiram o emprego, isto é, o que aprendeste lá?

A comportar direito, falar direito para as pessoas e acho que mais nada.

Desenvolvimento
de competências
pessoais

B7 E esses aspectos ajudaram-te no trabalho?

Não, acho que não me ajudou. Cheguei aqui comecei a trabalhar e fui fazendo o trabalho que me diziam.

Gostavas de voltar a ... (Instituição) no dia do estagiário?

Sim, era tipo... (pausa) tipo ... uma folga aqui.

Formação
profissional

C1.1 Que tipo de vínculo tens com a empresa onde trabalhas neste momento?

Para agora é bom...

Situação laboral
actual

C1.1 Estás contratada? Conhecês os teus direitos?

Sim. Acho que sim.

C1.1 E quais são, então, os teus direitos?

Não sei...(pausa) Recebo o ordenado de lei, subsídio de alimentação, prémio de assiduidade (parece que é 340 euros)...(pausa). Não sei bem...

Direitos e
deveres

C1.2 Gostava que me falasses um pouco do que fazes no teu trabalho...

É na embalagem, fecho os copos e depois meto numa máquina e saem numa saca.

C1.3 Sentiste ou sentes dificuldades em executar as tarefas, isto é, sentes dificuldades naquilo que fazes na empresa?

Não. É assim: em todos os trabalhos quando se começa de novo e não se sabe, no início sente-se dificuldade.

Construção da
deficiência:

C1.4 Diz-me, tens mais dificuldades ou as mesmas das colegas que trabalham contigo?

discurso do
jovem sobre si
próprio

Não, faço o mesmo que elas.

C2.4 Na tua opinião, o que fez com que te contratassem a ti e não a outro jovem qualquer?

Não sei.

E3 Sozinha conseguirias arranjar este emprego?

Não, porque passava por aqui muitas vezes, mas nunca tinha reparado nesta fábrica.

E3 Mas... e se agora ficasses desempregada, conseguirias arranjar emprego sozinha?

Acho que sim.

E3 Nesse caso o que farias?

Acesso a bens e
serviços

la ao centro de emprego e depois ia aos sítios procurar trabalho e depois se houvesse lugar ia ao centro de emprego.

Situação laboral
actual

C 4.1 Quantas pessoas trabalham no teu sector?

Costumam estar 3 em cada lado.

Relações
interpessoais

C4.1 Costumam conversar umas com as outras? De que falam?

Sim, do trabalho. Outras vezes falamos de nós.

C4.2 Costumas almoçar cá na empresa, com as tuas colegas?

Sim.

C4.2 Como definirias os teus colegas, para ti são colegas ou amigos? Por exemplo, saem juntos?

Autonomia
familiar e
afectiva

São só colegas de trabalho. Prefiro ser só colega de trabalho...(pausa). Não gosto de muita confiança.

Construção da
deficiência:

C5.1 Como te tratam os teus colegas e mesmo os teus chefes? Sentes-te mais protegida ou que te ajudam mais...?

discurso do
jovem sobre si
próprio

Tratam-me igual aos outros todos.

D1 Com quem vives agora?

Autonomia
familiar e
afectiva

Com o meu namorado, há 4 anos.

D1 Como geres o teu dinheiro?

Gerindo (ri) ... (pausa) Chego ao fim do mês pago as minhas despesas e depois fico com algum para ir às compras e outro para durante o mês.

Autonomia financeira

O teu companheiro trabalha?

(Acena afirmativamente)

O que faz?

Ladrilhador.

D2 Como é a vossa rotina ao fim-de-semana? O que fazem nos tempos livres?

À sexta-feira à noite é para descansar. Ao sábado limpo a casa e ao domingo vejo TV ou quando é a minha vez de enfeitar, vou enfeitar os pais do meu namorado: um mês é a irmã do meu namorado; outro mês somos nós.

Tempos livres e lazer

D3 A passagem pela ...(Instituição) e depois o estágio na empresa mudou a tua vida nalguma coisa? Em que aspectos?

Mudou ... (pausa) em eu ter ficado aqui a trabalhar efectiva e...(imperceptível)

Acesso ao 1º emprego

D3 Agora que já tens um salário maior, o que mudou durante este ano na tua vida? O que conseguiste fazer e que dantes não podias fazer?

Consegui ir a um passeio muito longe, de três dias... (pausa) a Nazaré e a outra praia famosa...(pausa) Figueira da Foz. Fui passeando durante o ano todo...(pausa) ir ao Shopping, ao cinema, à praia, à piscina. Vamos onde apetece.

Acesso a bens e serviços

Tempos livres e lazer

D5 Desde que foste para o estágio sentiste mais liberdade? A tua mãe deu-te mais liberdade?

Não, eu já vivia com a minha avó. E depois com o meu namorado. Namorei em 2005 e juntei-me em 2006.

E1 Há pouco referiste a família do teu namorado... como é que eles reagiram, isto é, a tua cunhada, e mesmo as pessoas tuas amigas, quando contaste que estavas empregada?

Não disseram nada, nem tinham nada que dizer: é um trabalho qualquer como os outros.

Autonomia familiar e afectiva

E1 Conversas com a tua avó sobre o teu trabalho? Como é que ela reagiu à notícia do teu emprego?

Ela já faleceu. Na altura (pausa)...deu-me os parabéns.

F1 Quais são os teus sonhos ou projectos para o futuro?

Bons. Melhores do que o que era dantes.

O que queres dizer com isso? Podes explicar-te melhor?

Dantes não tinha dinheiro e agora tenho. Vou guardá-lo para depois ir passear ...(pausa). Quando der.

Remuneração
financeira

F1 E filhos? Tencionas ter filhos?

Tenciono. Gostava de ter filhos, quando for operada a um quisto ou até antes, se demorar muito a ser operada.

Autonomia
familiar e
afectiva

F2 Já ouviste falar no Programa Novas Oportunidades? Sabes o que é isso?

Já nos ... (refere local) tem.

Acesso a bens
e serviços

F2 E gostavas de voltar a estudar?

Não sei.

Agora que já és adulta, que decorreram alguns anos desde a tua saída da escola, passaste pelo 1º estágio na ...(empresa), depois aqui nesta empresa, havia alguma coisa que gostasses de mudar na tua vida ou fazer de forma diferente?

Não sei (sussurra). Acho que não.

E5 Voltando a ...(Instituição), sabes que no...(Instituição) é dada formação a jovens com alguma dificuldade. Alguma vez te sentiste diferente no...(Instituição)?

Não, tenho o mesmo que as outras.

Construção da
deficiência:

discurso do
jovem sobre si
próprio

E5 Então, porque é que achas que tiveste um currículo diferente na escola?

As professoras é que decidiram isso, porque... (pausa) eu tinha, tenho um problema...um atraso... (os olhos enchem-se de lágrimas)

Quem te disse isso?

Os médicos...e a minha mãe e a minha avó.

Construção da
deficiência:

discurso dos
outros sobre si
próprio

E5 Quando à pouco te perguntei se alguma vez te sentiste olhada ou tratada de forma diferente era aí que eu queria chegar...

Construção da
deficiência:

discurso do
jovem sobre si
próprio

Não... (pausa) Eu sinto ... (pausa) Eu faço o mesmo que os outros.

Então como é que te defines?

Tenho mais dificuldades na escola e assim do que os outros, de resto faço o mesmo.

Como é que apanhas o autocarro?

Ora, fico na paragem, à beira da paragem e espero. Leio para onde ele vai e se for entro.

E3 Costumas ir votar?

Fui uma vez, acho eu...

Construção da
deficiência:

discurso do
jovem sobre si
próprio

Direitos e
deveres

ANEXO IV

ENTREVISTA IV

Caracterização do Entrevistado D

O entrevistado D, do sexo masculino, com diagnóstico de deficiência mental moderada, tem 24 anos. Frequentou a escola regular até ao 9ºano, usufruindo da medida de Currículo Alternativo, ao abrigo do Decreto-lei 319/91. Iniciou formação profissional num centro de reabilitação, primeiro em tempo parcial, em articulação com a escola, depois na Instituição a tempo inteiro. Realizou estágio, com duração de um ano, tendo resultado no final a sua contratação, enquanto trabalhador indiferenciado numa empresa dos arredores do Porto, onde laboram os jovens B e C.

Condições de realização da entrevista

A entrevista realizou-se em dois momentos distintos: primeiro, nas instalações da empresa; depois num espaço público escolhido pelo entrevistado, por manifesto cansaço. Houve, por isso, necessidade de um segundo encontro, proposto pelo próprio sujeito. A entrevista decorreu nos dias 27 de Fevereiro e 1 de Março, perfazendo no total cerca de 45 minutos de conversa.

A gravação em áudio havia sido autorizada previamente. Registou-se alguma inibição inicial, mais vincada no primeiro encontro, quer pela presença do gravador, quer pela dificuldade na descodificação de algumas questões. Procedeu-se, por isso, à simplificação das perguntas previstas no guião.

No segundo encontro, a atitude do sujeito caracterizou-se pela participação colaborante, apesar de algumas dificuldades de expressão e de organização das ideias. Verificou-se ainda fuga a alguns itens ligados à deficiência e em particular referentes a um dos locais em que fez formação.

A transcrição procura reproduzir o discurso oral conforme foi emitido.

Guião da entrevista

DADOS A RECOLHER: Representações dos jovens contratados quanto aos itens:	
A1 Percurso escolar	<p>A1- Conta-me um pouco do teu percurso escolar... (Habilitações Literárias? Até que idade frequentaste a escola? Como te sentias lá?)</p> <p>A2- Foste apoiado por professor de Educação Especial? Se sim, em que é que te ajudou?</p> <p>A3- Quando e porque é que deixaste a escola? De quem foi a decisão? Porquê?</p> <p>A4- Neste momento, o que é que a escola representa para ti?</p>
B Formação profissional	<p>B1- Quem te encaminhou para a Formação?</p> <p>B2- Como te sentiste quando entraste pela 1ª vez na...(Instituição)?</p> <p>B3- Eras transportado nas carrinhas? Como te viam os outros? Os teus pais e amigos apoiaram a tua decisão de FP neste local?</p> <p>B4- Quem escolheu a área de Formação? Era esse o Curso que querias?</p> <p>B5- Quando terminaste a Formação, iniciaste estágio em que área? O estágio foi de encontro às tuas motivações e interesses?</p> <p>B6- Percebeste porque é que foi seleccionada essa área e não outra? (Nas sessões de DPS foram discutidas questões da empregabilidade?)</p> <p>B7- Que competências adquiriste na formação no...(Instituição)? O que aprendeste na formação ajudou-te no trabalho? Em que aspectos?</p>
C Enquadramento laboral actual: C1 Função profissional exercida	<p>C1.1- Estás empregado actualmente, desde quando? Que tipo de vínculo tens com a empresa? Conheces os teus direitos?</p> <p>C1.2- Gostava que me contasses um pouco do que fazes nesse trabalho...</p> <p>C1.3- Sentes dificuldades em executar o teu trabalho? Como é que resolves as dificuldades?</p> <p>C1.4- Essas dificuldades são partilhadas também pelos teus colegas?</p> <p>C1.5- Achas o teu trabalho importante em que aspectos? Porquê?</p>
C2 Questões relativas ao emprego	<p>C2.1- Qual é o teu horário de trabalho? Trabalhas para além desse horário?</p> <p>C2.2- Recebes horas extraordinárias? O salário é igual ao de um colega com as mesmas funções?</p> <p>C2.3- O que pensas da empresa onde trabalhas? Gostas de trabalhar lá? Porquê?</p> <p>C2.4- O que fez com que a empresa te</p>

	<p>contratasse a ti e não a outro jovem qualquer?</p> <p>C2.5- A técnica de Inserção da Formação fez acompanhamento no local do estágio. Achas que ajudou a tua integração na empresa?</p>
<p>C3 Questões relativas às relações com companheiros/ colegas de trabalho</p>	<p>C3.1- Quantas pessoas trabalham no teu sector? Costumam conversar uns com os outros?</p> <p>C3.2- Costumas almoçar com os teus colegas? Fizeste amigos no teu trabalho? Saem juntos, frequentas a casa dos teus colegas ou eles a tua?</p>
<p>C4 Questões referentes à relação com o superior hierárquico</p>	<p>C4.1- Que indicações e ordens de serviço dá o teu chefe aos teus colegas e a ti?</p> <p>C4.2- Como descreves a relação com o teu chefe? Gostas dele? Porquê?</p> <p>C4.3- És tratado como os outros colegas ou exigem-te mais, menos ou o mesmo que aos outros? Sentes algum tipo de protecção? Ou pelo contrário?</p>
<p>D Vida familiar e social dos jovens: Questões relativas a rotinas diárias, ocupação de tempos livres, lazer</p>	<p>D1- Com quem vives? Como geres o teu dinheiro?</p> <p>D2- Descreve-me a tua rotina diária. Ao fim de semana e nos tempos livres, o que fazes?</p> <p>D3- Achas que a passagem pelo ... (Instituição) mudou a tua vida? Que experiências te proporcionou?</p> <p>D4- Quando passaste a receber bolsa de Formação qual era o seu destino?</p> <p>D5- Os teus pais e familiares, deram-te mais liberdade a partir do estágio?</p> <p>D6- O que é que mudou na tua vida com o facto de auferires um rendimento mensal mais elevado?</p> <p>D7- O que mudou, desde a escola, passando pela formação, estágio, momento actual?</p>
<p>E Questões relativas à experiência de inclusão/ exclusão social na comunidade</p>	<p>E1- Como é que os teus pais, amigos, vizinhos, te passaram a ver quando foste contratado?</p> <p>E2- Sentes-te mais valorizado, respeitado, útil à sociedade, ou não notas diferença?</p> <p>E3- Conheces e exerces os teus direitos e deveres como cidadão?</p> <p>E4- Pertences a alguma associação ou grupo desportivo ou recreativo comunitário?</p> <p>E5- Alguma vez te sentiste olhado de forma diferente por teres passado pelo... (Instituição)?</p>
<p>F Questões relativas a expectativas dos jovens para a vida futura</p>	<p>F1- Quais os projectos e sonhos para o futuro?</p> <p>F2- Conheces o programa "Novas Oportunidades"? Gostavas de voltar a estudar? Porquê?</p>

Transcrição da Entrevista D

(1º momento: cerca de 15m)

A1 Qual é o teu grau de escolaridade?

7º ano.

Percurso
Escolar

A1 Lembras-te até que idade frequentaste a escola?

Até aos 16.

A1 Conta-me um pouco do teu percurso escolar...tinhas muitos amigos, gostavas de andar lá?

Relações
interpessoais

Sim.

A3 Tenta lembrar-te... quando foste para a formação, percebeste porque é que ias deixar a escola? Quem é que decidiu que devias deixar a escola?

Representação
impacto da
escola

Não sei.

A3 Explicaram-te por que motivo ias para a formação?

Não.

A4 Neste momento o que é que a escola significa para ti?

Não sei. (sussurra)

Deixou-te saudades?

Não. (desvia o olhar)

B4 Que áreas de formação frequentaste no ...(Instituição)?

Estava nos computadores...desmontava peças dos computadores.

Formação
Profissional

B4 Era esse o curso que querias?

Não sei.

Gostaste de frequentar a formação profissional?

Gostei.

B7 O que aprendeste lá?

Muita coisa.

Desenvolvimento
de competências
pessoais

Tinhas ou tens muitos amigos da formação?

Tenho. Eu ajudava muito o ...(refere um colega). Tinha dificuldades e eu ajudava-o.

Relações
interpessoais

Costumas sair com ele?

Não. Gosto de andar sozinho.

D2 Como passas os teus tempos livres? Conta-me, por exemplo, o que fazes ao fim-de-semana...

Fico em casa, a jogar à bola, ao computador...às vezes saio.

Tempos livres e
lazer

E4 Ouve dizer que és atleta de alta competição, em que modalidade?

Quatrocentos metros.

C3.2 E depois dos treinos, saís com os teus amigos, vais ao cinema, a espectáculos?

Tempos livres e
lazer

Não. Gosto de andar sozinho. Cinema não...(pausa) Às vezes aos espectáculos. Já fui ver a Luciana Abreu, mais...(pausa) fui ao Pavilhão Rosa Mota, ao espectáculo da Rádio Festival.

B4 Quem escolheu a tua área de formação na empresa?

Formação
Profissional

Foi o (refere nome do técnico) para fazer o estágio de um ano. Já fiz e agora estou a trabalhar.

B6 Percebeste por que é que foi seleccionada essa área e não outra?

Não sei. (sussurra)

C1.3 Quando chegaste à empresa, nos primeiros dias, sentiste alguma dificuldade?

Construção da
deficiência:

Discurso do
jovem sobre si
próprio

Não. (desvia o olhar)

C1.2 Mas ... em que sector trabalhas?

Na pintura.

Situação laboral
actual

D1.2 Olha, ... tu não estiveste sempre na pintura, pois não? Então o que fizeste antes?

Nos tubos, na embalagem, onde estão os... (Jovens B e C) (pretende referir embalagem).

Situação laboral
actual

C1.3 Sei que no início não foi muito fácil. Porquê? Queres contar-me?

Não sei. (sussurra)

Como é que te acolheram, isto é, como te receberam as pessoas? Eram tuas amigas, ajudavam-te?

Relações
interpessoais

Eram...(pausa) **Todos falavam comigo.**

C4.3 Olha, voltando ao teu trabalho actual na pintura. Fazes o mesmo que os outros colegas? Exigem-te menos, mais, igual aos outros?

Construção da
deficiência:

Não ... (pausa) Menos. Seguro os ferros, tiro a fita dos ferros. **É mais simples.**

Discurso do
jovem sobre si
próprio

C1.3 Sentes-te pressionado com o tempo?

Não. **Faço o trabalho ao meu ritmo.**

D6 O que é que mudou na tua vida desde que tens um emprego, o teu ordenado?

Acesso a
bens e
serviços

É melhor...(pausa) Primeiro estava em casa e depois fui trabalhar.

O que já compraste com o teu dinheiro?

Nada.

D1 Quem gere o teu dinheiro?

Autonomia
financeira

Os meus pais...(pausa) Quando quero alguma coisa peço-lhes e eles compram.

E Já sabes conduzir?

Acesso a
bens e
serviços

Não, ando a tirar a carta... (pausa) o código.

Em casa quem faz as refeições?

A mãe, **mas eu passo a ferro.**

Formação
Profissional

B Onde aprendeste?

No... e no...(Instituição) refere os locais de Formação Profissional.

Desenvolvimento
de competências
pessoais

F1-E quais são os teus planos para o futuro? O que gostavas de fazer?

Tirar a carta.

E no atletismo, vais trazer-nos uma medalha de França?

Tempos livres e
lazer

Logo se vê.

Quantas vezes treinas por semana?

Três vezes.

E qual é a duração dos treinos?

Uma hora.

E5 Diz-me, alguma vez te sentiste olhado ou tratado de forma diferente pelos outros, na fábrica, na escola...?

Não.

Porque é que achas que não conseguiste estudar até mais tarde?

Não tinha capacidades.

Quem te disse isso?

Eu próprio... (sussurra)

(mostra-se cansado, agitado, impaciente)

Sugeri novo encontro. A mãe, que estava à sua espera, convidou-me para tomar o pequeno-almoço no sábado. Agradei o convite e agendamos nova conversa.

2º momento - 01 de Março de 2009

Duração: cerca de 25m

B5 Quando foste para a...(Instituição) quem escolheu o Curso que irias frequentar?

A... (Técnica de Inserção) mandou-me para estágio e arranjou sítio para eu ir trabalhar.

B6 A Dr.^a ... (Técnica de Inserção) discutiu contigo as possibilidades que tu tinhas, isto é, apresentou várias hipóteses para escolheres? Percebeste por que é que foi seleccionada esta área e não outra?

Não, só uma. Foi para eu ir para aquela empresa.

Tu gostavas de andar na Formação no...(Instituição)?

Gostava.

E5 Sentiste-te alguma vez tratado de forma diferente ou olhado pelos outros de outra forma?

Não. Não.

C Quando tu vieste para a empresa, sei que no início te custou a adaptar à mudança. Queres falar um bocadinho sobre isso? Quais foram as dificuldades que sentiste?

Construção da
deficiência:

discurso do
jovem sobre si
próprio

Formação
Profissional

Acesso ao 1º
emprego

Formação
Profissional

Construção da
deficiência:

discurso do
jovem sobre si
próprio

Foi em conhecer as pessoas. Depois habituei-me e comecei a trabalhar.

D2 E o que fazes nos teus tempos livres? Importas-te de me contar o que fazes ao fim de semana e nos tempos livres?

Vou ao estádio ver futebol; vou aos concertos da Luciana Abreu e outros; treino; mais...(pausa) vou para as aulas de condução; jogo futebol com o meu irmão; mais...(pausa) ouço música; vou passear.

Tempos livres e lazer

E amigos...tens algum amigo especial com quem saís às vezes?

É assim: de Norte a Sul tenho vários. No Norte tenho 15 ou 20. Tenho muitos amigos.

Autonomia familiar e afectiva

D2 E quando vais aos concertos com quem vais?

Vou sozinho, gosto de andar sozinho. É assim: quando podem, podem, vamos; quando não podem, não podem. Vou sozinho.

F1 Quais são os teus planos para o futuro? O que gostavas de fazer ainda?

Arranjar casa... (pausa) casar. Casa perto dos meus pais, porque gosto muito dos meus pais, do meu irmão da minha irmã, da família toda.

Mudanças desejadas

B7 O que é que aprendeste na formação profissional ajudou-te no teu trabalho?

Ajudou-me...Ajudaram-me...

Acesso ao 1º emprego

B6 O que discutiam nas sessões de DPS?

Sobre o trabalho... mais: os amigos; a maneira de se comportar; como falar com os professores; com os chefes ... muitas coisas.

Formação Profissional

B7 E isso ajudou-te agora na empresa?

Ajudou-me muito. Aprendi a ser bem comportado, a trabalhar bem, a falar com os outros também.

Desenvolvimento de competências pessoais

C3.2 Onde e com quem costumavas almoçar?

Na empresa, com os colegas. Às vezes vou ao café sozinho...(pausa) gosto mais de andar sozinho.

Autonomia familiar e afectiva

C.4.3 Sei que as pessoas gostam muito de ti na empresa...

Chamam-me ...(refere o nome abreviado e no diminutivo)

Construção da deficiência:

C4.3 Por que será que te tratam assim? Sentes-te mais protegido ou tratado de forma diferente?

discurso do jovem sobre si próprio

Não, não. É mais fácil para eles de dizer o meu nome.

Diz-me, desde que começaste a trabalhar, a ganhar o teu ordenado... quanto ganhas, sabes?

Remuneração
financeira

Não sei. Depende do patrão.

D6 Olha... mas como ia dizendo, desde que ganhas o teu ordenado o que mudou?

Autonomia
familiar e
afectiva

Os meus pais deram-me mais liberdade. Saio, ando sozinho...(pausa) faço as coisas direitas. Mais: arrumo a casa, o quarto; ajudo a passar a ferro; pôr a mesa; ajudo o meu irmão a vestir-se...

Desenvolvimento
de competências
pessoais

E onde aprendeste essas coisas todas?

Em casa e no... e no... (refere locais de formação)

Formação
Profissional

E2 Agora que tens o teu trabalho, com planos para o futuro, sentes-te diferente, mais útil à sociedade, mais respeitado?

Não. Não noto diferença, é igual.

E2 E, como reagiram os teus colegas, por exemplo no atletismo, o teu treinador, quando contaste que tinhas arranjado emprego?

Relações
interpessoais

Ficaram felizes... (pausa) deram-me os parabéns.

F2 Diz-me, gostavas de voltar à escola, de estudar mais?

Gostava de estudar. É assim de manhã ia para o trabalho, depois das 8.30 às 6.30 trabalhava. Depois das 6.30 às nove gostava de estudar. E à noite ia aos treinos.

Mudanças
desejadas

Disseste-me que já fizeste muitas viagens por causa do atletismo, queres contar-me um pouco sobre essa experiência?

Fui uma vez à Polónia, uma vez a Amesterdão, Manchester; mais... a Fortaleza, a Itália, à França...vou outra vez para a semana... a 4 de Março. Para o futuro vai ser em... na Costa Rica.

Tempos livres e
lazer

Quais as provas em que corres?

Corro 400, 300, 100, estafetas. O meu professor pede e vou. Gosto mais de correr.

E quando ganhas como te sentes?

Fico muito feliz.

Quem te proporcionou essa experiência?

Foi o meu Stôr ...(nomeia o professor). Foi assim: corri uma vez na escola de ...(E.B.2,3... - escola regular onde estudava), os meus amigos ajudaram-me, fui com eles e ganhei.

Relações
interpessoais

E4 Como se chama a Associação a que estás ligado?

Clube de ... treino lá em ..., em ... - na pista coberta, ou na ...(refere locais nos arredores do Porto).

Tempos livres e
lazer

Tu treinas muito e és campeão...

Vice-campeão do mundo seis vezes, outras 3, quatro...(corrige-me)

Tens, então, muitas medalhas lá em casa...

Tenho dez quilos de medalhas e doze taças, os meus diplomas todos... Nos 400 fiz 56, nos 300 fiz 25 segundos, 100 fiz 12 e estafetas. (sorrindo)

E3 Imagina que ficavas desempregado, achas que conseguias arranjar emprego sozinho?

Arranjava, arranjava.

Acesso a bens e
serviços

Em que área gostavas de trabalhar?

Em muitas, gostava de ser empregado de mesa, servir ao balcão.

Inserção
profissional ideal

E agora, com o teu trabalho, sentes-te diferente?

Estou uma pessoa adulta. Saio à noite sozinho.

Autonomia
familiar e
afectiva

Explica-me lá melhor o que é isso de ser adulto...

Tenho mais responsabilidades, sou bem comportado, tenho trabalho, mais: o meu ordenado.

E onde desenvolveste essas competências, isto é, onde aprendeste isso, então?

Em todas as áreas, em muitos sítios, desde a escola, a ... a... (refere os locais onde fez formação) até à fábrica.

Formação
Profissional

No dia do estagiário gostavas de voltar ao ...(Instituição) e rever os teus colegas?

Preferia ficar na fábrica.

Porquê?

Preferia ficar no trabalho... fazem muito barulho.

Mas houve alguém que te deixou saudades ou uma marca

Construção da
deficiência:

discurso do
jovem sobre si
próprio

especial? Ou pelo contrário algo de que não gostaste?

Não... não sei...gostava de todos. (sussurra)

Quando desligo o gravador fala do atletismo solta-se muito mais... Continuamos a conversar sobre as provas de atletismo que vai realizar. Perguntei se a competição ia ser transmitida na televisão. Respondeu:

Ah ... se eu fosse primeiro-ministro mudava tudo no mundo...

Direitos e
Deveres

O que mudavas concretamente?

Escolas, hospitais, transportes. Mandava 20 navios para comer... para transporte de comida para a Guiné... mais: mandava médicos para a Guiné...

Estiveste a ver o programa da Catarina Furtado...

Foi. "Directórios"...acho que é assim que se chama.

Mas em Portugal o que mudavas?

Mandava pintar as escolas e coisas necessárias para as escolas. Livros para as escolas e materiais que as crianças precisassem.

Mudanças
desejadas

E no desporto? Foi por aí que começaste...

No desporto mudava...fazia uma associação para atletas deficientes com apoio.

O que é que a Federação paga?

Deslocações, comida, transporte...mais nada.

Sei que estás preocupado porque vais estar 5 dias fora da empresa. Queres falar-me sobre isso...

Preocupa-me... mais ... o patrão. É chato para mim. É chato para o patrão. Paga-me na mesma.

Direitos e
Deveres

Tens medo que te despeçam?

Não... mas faço falta. O Sr. ... (nomeia o patrão) disse: "Podes ir e traz-me uma medalha."

E.2 O teu trabalho é importante?

Para mim é muito importante.

E3 Costumas ir votar?

Já fui uma vez.

ANEXO V

ENTREVISTA V

Caracterização do Entrevistado E1

Na entrevista V, recolheu-se a opinião do Director do Departamento de Manutenção (Obras, Projectos, Distribuição) de uma conceituada Superfície Comercial, nos arredores do Porto, que contratou o Entrevistado A. Foi-lhe atribuído o código E1, significando empregador do jovem A. Este sujeito é licenciado em engenharia e representa no estudo a entidade patronal. Exerce funções de Gestor de distribuição há 15 anos. Supervisiona, desde 2006, no Grupo os estágios de pessoas com DM em articulação com a Técnica de Inserção de Formação Profissional do Centro de Formação. Acompanhou, nessa condição, o estágio do sujeito A em estudo. Foi o responsável e dinamizador da abertura da empresa à inclusão nas suas equipas de colaboradores com Deficiência Mental.

Condições de realização da entrevista

A entrevista durou cerca de 35 minutos. Foi realizada no dia 04 de Março de 2009, no gabinete da empresa em que o entrevistado exerce funções, tendo sido combinada anteriormente e autorizado o seu registo em áudio.

O sujeito E1 mostrou uma participação colaborante, discorrendo com facilidade e desenvoltura sobre os assuntos discutidos. O seu discurso denota conhecimento das temáticas em estudo e formulação de juízos fundamentados pela experiência. A transcrição procura ser fiel ao discurso oral, tal como foi produzido. Omitimos contudo a referência explícita a nomes de pessoas, instituições e ou locais.

Guião de entrevista:

DADOS A RECOLHER - Representações dos empregadores quanto aos seguintes itens:	
A- Papel da formação profissional	<p>A1- Qual o papel da Formação Profissional no desenvolvimento destes jovens? Quais as competências que os jovens desenvolveram na Formação Profissional?</p> <p>A2- De que forma poderia a Formação Profissional melhor responder às reais necessidades do mercado de trabalho, em particular, no caso desta população?</p> <p>A3- Quais são as expectativas destes jovens quando iniciam o estágio nesta empresa? Concretizam-se?</p> <p>A4- Qual a percepção que tem sobre as tomadas de decisão/escolhas de formação? São efectuadas pela família, pelos jovens, outros...?</p> <p>A5- Pelo que pôde observar, ao longo da sua experiência, que mudanças se efectuaram na vida destes jovens, ao longo do estágio? E com a contratação?</p>
B- Enquadramento laboral actual: Perceber as representações dos empregadores quanto à colocação inclusiva	<p>B1- Quantos estagiários com DM receberam até ao momento? Quais as funções que desempenharam? Quantos foram integrados nos quadros da empresa? Identifique, na sua opinião, os factores que determinaram o sucesso e ou insucesso?</p> <p>B2- Quais as maiores dificuldades sentidas na integração destes jovens?</p> <p>B3-As remunerações são realmente compatíveis com as funções desempenhadas? Auferem benefícios fiscais ou outro tipo de apoio do estado? Sem estes continuariam a apostar nestes jovens?</p>
C- Experiência de inclusão/exclusão social na comunidade (tempos livres, horas de almoço, festas/eventos da empresa, outros)	<p>C1-O que fez a Gerência aceitar estes estágios? Teve algum peso na decisão as contrapartidas/ benefícios fiscais?</p> <p>C2-Como se relacionam estes jovens com os colegas de trabalho e com os superiores hierárquicos? Apercebe-se de algum tipo de “discriminação” ou tratamento diferenciado?</p> <p>C3-Qual a percepção que tem sobre o exercício dos direitos e deveres pelos jovens de que estamos a falar?</p>
D- Mudanças no papel da escola, família, estado, sociedade para a inclusão	<p>D1-Se pudesse, que aspectos mudaria: ao nível do papel da escola, da família, do estado, da sociedade... para melhor responder às necessidades destes jovens?</p>

Transcrição da Entrevista:

C1 Na qualidade de Director do Departamento de Manutenção do Grupo (...) segue de perto os estágios promovidos por determinadas Instituições, nomeadamente ...(Instituição), com vista ao desenvolvimento de uma integração profissional de jovens com DM. O que é que na sua opinião fez o grupo (...) abrir-se a esta proposta, isto é, à realização destes estágios?

Ora bem, isto **basicamente surgiu de uma necessidade**. Nós tínhamos uma equipa, que na altura, salvo erro, estávamos com uma equipa de 28 ou 30 pessoas no Departamento e havia a **necessidade de meter mais duas pessoas no departamento devido ao aumento do volume de movimento que tínhamos**. Procurávamos pessoas das áreas de carpintaria, electrotecnia, electricidade, serralharia, construção. Portanto, andávamos a ver qual das equipas iríamos reforçar, já que temos vários técnicos especializados nestas áreas. Entretanto, **surgiu oportunidade através do nosso Departamento de Recursos Humanos de um estágio com dois jovens que, na altura, vinham de uma Associação, e que poderiam integrar o quadro de segunda a sexta, sábados e domingos em casa, e que poderiam suprir a falta que tínhamos**. Foi um desafio. Basicamente isto foi um desafio, não é? Não uma contratação directa, senão **aproveitar esta situação de estágio para ver que tal se iam dar, neste caso ambas as partes, não é?** Nesta filosofia entraram dois jovens, do qual estiveram connosco a estagiar salvo erro um ano, e acabámos por optar dentro das vagas que tínhamos. Entretanto tivemos a baixa de uma pessoa, e acabámos por meter efectivamente um. E também, porque o Departamento cresceu. Cresceu e optámos por um. Não contratámos lamentavelmente o segundo, porque em verdade, falhou muito no estágio. Falhou.

A1 Qual é, na sua opinião, o papel ou importância da formação profissional, que eles têm no...(instituição)? Isto é, de que forma contribuiu ou não para o desenvolvimento destes jovens?

Bom, contribuiu bastante, porque é assim: nós termos uma pessoa indiferenciada é um bocado complicado. O termos uma pessoa indiferenciada numa equipa em que todos técnicos têm uma qualificação média ou média alta... acabam por ser os chamados ajudantes. E depois não se deixam incluir. Andam com este, andam com o electricista, andam com o serralheiro, mas não têm uma arte. **O que acabou por facilitar o estágio destes dois? Bem, é que os dois já vinham de uma área, com algo palpável, já vinham pelo menos com um conhecimento, embora com pouca prática, mas quando nos referíamos a determinadas situações técnicas, já sabiam do que estávamos a conversar**. Foi isso que nos levou a facilitar a

Abertura da empresa à Formação Profissional

Resposta da FP ao mercado de trabalho

Papel da Formação Profissional

Factores de insucesso na integração laboral

Enquadramento laboral

Factores de insucesso na integração laboral

Resposta da FP ao mercado de trabalho

integração deles aqui. Agente já sabe que quando eles entraram...a equipa do departamento é toda polivalente, mas eles entraram numa das equipas que se chama Equipa de Serviços, coordenada pelo chefe...(refere o nome) onde temos a serralharia, a carpintaria, a canalização e a construção civil nessa equipa de serviços e foi aí que eles se integraram. Na vertente eléctrica, eles não estavam muito à vontade, por isso, foi nesta área que eles se integraram. Depois foi engraçado, porque uma das condições que exige e pedi a colaboração do ...(Instituição) foi que precisávamos de um carpinteiro. Tínhamos um carpinteiro e precisávamos de outro carpinteiro. Então fizemos uma visita guiada, estivemos a ver os móveis e pedi a colaboração do ...(Instituição). Pedi-lhes que fizessem formação ao ...(Jovem A) na área de carpintaria, pois se o fizessem poderíamos ficar com ele. Entre meter uma pessoa de fora e ele...era uma pena, pois ele já conhecia tão bem cá dentro, já se mexia nas distintas áreas era uma pena, era um desperdício não dar oportunidade ao ...(Sujeito A) neste sentido.

Resposta da FP
ao mercado de
trabalho

Resposta às
expectativas dos
jovens

Em igualdade de circunstâncias, dão preferência cá no Grupo a um jovem com frequência de Formação Profissional ou privilegiam a habilitação académica?

Ora bem, eu posso falar pelo meu Departamento. Normalmente nós buscamos pessoas já com qualificação profissional. Isto porquê? Porque os equipamentos aqui investidos são de tecnologia de topo logo é muito complicado para nós ter pessoas indiferenciadas. As pessoas indiferenciadas para nós funcionam em serviços secundários, tipo, serviços como arrumação de carrinhos, arrumação de papelotes, ecopontos. Portanto em questão de equipamentos e maquinarias já precisamos de pessoal com qualificação média, média alta. E eles, a segunda linha de técnicos, que não é bem uma segunda linha, digamos que é uma equipa de serviços que são necessários às outras áreas carpintaria, construção, serralharia, vai mais agarrar as pessoas que não precisam de uma qualificação tão alta. Portanto tenho várias categorias cá dentro. Por exemplo categoria de chefes de salas de máquinas, que são pessoas que vêm da área de electromecânica com conhecimento muito global do resto de diversos tipos de instalações, são os nossos chefes de equipa principal. Temos os da área de electricistas, temos a parte dos electrotécnicos que trabalham toda a parte de hotelaria e maquinaria mais sofisticada e temos a parte dos serviços, que é onde eles se integram.

Enquadramento
laboral actual

Resposta da FP
ao mercado de
trabalho

Resposta da FP
ao mercado de
trabalho

A3 Quais são de uma forma geral as expectativas destes jovens, como o sujeito A e o outro jovem, quando iniciam o estágio na empresa?

A expectativa que nós temos deles, sinceramente, numa primeira fase, é uma fase de estágio, então procuramos formá-los na área em

Resposta às
expectativas dos
jovens

que eles mais se enquadram. Depois é um bocadinho consoante a evolução deles. Por exemplo o ...(Jovem A) teve um adaptação muito mais fácil do que o outro jovem. Isto é assim: há trabalhos bons e trabalhos maus; há dias em que o trabalho agrada mais e outros em que agrada menos; **mas posso-lhe dizer que o trabalho que não agrada tanto ou que agrada menos tanto acontece num chefe de sala de máquinas, que é técnico superior, como acontece num técnico mais básico. Por isso, temos a polivalência, e às vezes as pessoas não se adaptam a essa situação.** Uma coisa que tivemos aqui preocupação e que eu transmiti a toda a equipa foi que quando estes jovens se integrassem na nossa equipa, estes jovens eram mais um, portanto, **igual aos outros, não há diferenciação: é a mesma colaboração, é o mesmo convívio, é as mesmas brincadeiras, é as mesmas regras, é tudo igual; quando temos que falar a sério falamos; quando temos que brincar brincamos. Temos de ter esta postura com eles.** E isso acho que ajudou bastante, porquê? Porque eles sentiram-se à vontade connosco, **não se sentiram diferenciados...** Eu noto muito isso. Levas um rádio... e estás contactável, toma lá, tens uma pen (que é um telefone interno) e ligas para nós. Hoje fazes isto, amanhã fazes aquilo e eles notaram logo que **começaram a fazer aquilo que os outros faziam, a fazer exactamente igual.** Se havia que fazer: ir a uma avaria eléctrica iam; se tinham que ir a uma máquina iam; podiam não resolver o problema, porque é natural, mas havia já alguém atento por trás. Por isso, temos pessoas com outro nível de preparação, que assessoravam, acompanhavam estes jovens. O que acontece com estes jovens, **nós notámos com estes jovens, principalmente no caso do ...(sujeito A) é que quando lhe são dadas determinadas tarefas desde que acompanhado as tarefas são executadas. Quando está sozinho, às vezes, também é medo de errar, fica mais inibido.** Para contrariar isso eu digo-lhe: não há problema, se errares, erras a primeira, a segunda e à terceira hás-de acertar. **E as orientações são dadas neste sentido, de incentivo.** E é também uma forma de contrariar isso. E digo-lhes ainda: não faz mal, quando errares, avisa-nos, para nós estarmos prevenidos; assim sabemos que erraste, temos tempo de reagir e remediar a situação. **E acho que esta forma de falarmos com eles, esta flexibilidade, com esta forma de organizar o dia-a-dia eles se integraram muito bem aqui. Portanto eu não posso dizer que neste momento haja diferença.** Eles têm uma rotação muito grande, como nós, trabalham de manhã de tarde, fazem noites, é exactamente igual e há uma integração que é total. Neste momento não se pode falar em diferença. **Estão completamente incluídos.** A disponibilidade deles é igual aos outros, há convívio, um bom ambiente de trabalho. A equipa também é muito jovem, estamos a falar de uma faixa etária entre os 22 e 35, não se criou a barreira de há o chamado oficial ou o moço. Não, **ele está aqui para aprender de uma forma natural, como há outros**

Factores de sucesso/insucesso na integração laboral

Relações interpessoais

Aceitação da diferença/deficiência

Factores de insucesso na integração laboral

Aceitação da diferença/deficiência

Enquadramento laboral actual

Factores de insucesso na integração laboral

Construção da deficiência

Discurso dos outros sobre o jovem

aprendizes noutras áreas.

C2 A questão da diferença ou da deficiência foi alguma vez colocada no estágio?

Não, não, não, nesse sentido não. Pelo menos nas duas pessoas que tive aqui não senti isso. O que notei no outro rapaz que tive aqui é que basicamente não tinha iniciativa. O problema dele era não ter iniciativa. Enquanto que o... (Sujeito A) apercebeu-se rapidamente que era uma oportunidade de emprego e que se tivesse...(pausa) e porque os colegas lhe diziam se colaborares, se fizeres tudo certinho, o ...(refere-se a ele próprio) vai ter isso em atenção. Repare eu não sou polícia de ninguém, sou pago para ser Director de Departamento, não é? Simplesmente o que nós fazemos aqui é dar condições às pessoas para trabalharem. Agora elas têm que vir. E o outro colega dele, foi isso...(pausa) a iniciativa dele, as faltas, via-se que não tinha motivação, vinha por arrasto, não tinha iniciativa, para mim foi esse o principal problema. Enquanto o ...(Sujeito A) não, sempre tentou, quando não sabia, procurava, perguntava, era muito diferente.

Factores de insucesso/

sucesso na integração laboral

Construção da deficiência

Discurso dos outros sobre o jovem

A5 Pelo que pôde observar, sr. engenheiro, que mudanças se efectuaram na vida deste jovem, ao longo do estágio e com a contratação?

Considero que está mais estável, mais desinibido...porque ele às vezes tinha medo de falar e eu dizia-lhe: fala, não tenhas problema; tu fala, quando não sabes fala, não tens que ter medo ou vergonha, quando não sabes fala. Tu tens é de falar, e quando não souberes não tens que ter vergonha, tens é que falar. Pergunta à primeira, pergunta à segunda e ele libertou-se muito mais. Ele começou a desinibir-se mais e a falar. Em qualquer situação antes ele era capaz de ficar calado. E eu dizia-lhe tu és um ... abafado. Tens é de falar. E hoje em dia está perfeitamente, metemo-nos com ele, ele brinca connosco, contamos anedotas. Olhe ainda agora chegou cá e disse. “ Quero casar-me, podia ser neste período?” E eu disse: “Sim senhor, combina com a ...(refere a Assessora) e resolvemos tudo. Agente aqui entende-se, falamos com a malta toda, trocamos, alteramos os horários entre todos, o que for preciso. Se fosse dantes ele se calhar acanhava-se. E também porque ele tem um chefe de equipa, - nós aqui rodamos as pessoas de turnos e equipas em cada seis meses - e o chefe actual é uma pessoa que o dinamiza muito, corrige, diz está bem, não o deixa para trás, puxa por ele, e ele quer aprender. Não houve discriminação, ele passa perfeitamente despercebido... claro que há situações mais técnicas, de fichas específicas com instruções específicas e eu aí digo: avisa o ... acompanha o ...(sujeito A), por exemplo quando é mistura de produtos ou assim...Aí tenho mais cuidado, porque ele não se sente tão à vontade. Mas, atenção, repare, que não considero que ele

Impacto da FP no desenvolvimento de competências pessoais

Relações interpessoais

Factores de sucesso/ insucesso na integração

Construção da deficiência

Discurso dos outros sobre o jovem

tenha alguma falta, deficiência ou algum problema, senão que tenho aqui também pessoas com a 4ª classe, e têm também algumas limitações nesse sentido, mas são perfeitos...na construção civil são excelentes como pedreiros e trolhas...mas têm limitação nessa área técnica e nós estamos aqui, enquanto quadro superior para isso, para dar essa ajuda, essa formação.

C2 Na entrevista, o ...(sujeito A), referiu que tinha muitos amigos cá na empresa. O sr. engenheiro também foi referindo o bom ambiente e ajuda dos colegas nos diferentes turnos. Pode falar-me um pouco da relação dele com os colegas, como passam os tempos livres...?

Repare numa coisa... nós passamos mais horas aqui do que em casa. A nossa vida... há dias em que não é fácil, não é fácil (ri). E há uma boa relação entre toda a equipa. O ...(refere a empresa) organiza uns torneios de futebol. Nós, às vezes, organizamos...por exemplo no Natal, temos a nossa festa da Manutenção que é super-animada, é com a equipa toda, somos trinta pessoas...29 homens e uma mulher. Eles convivem muito lá fora. Por acaso temos uma equipa excelente nesse sentido. As pessoas são muito...acho que extra-profissional tentam ajudar-se uns aos outros, assessora-lo, aconselha-lo, e sei que eles lá fora...vão jantar, cear juntos. E olhe temos uma brincadeira aqui: durante a semana, aparece um chefe e traz um bolo ou umas bolas de Berlim e estamos todos de serviço, de manhã ou de tarde e juntamo-nos todos, tomamos café uns com os outros, ou o pequeno-almoço, há esta confraternização e ele gosta, traz também...integrou-se perfeitamente.

Relações interpessoais

Tempos livres e lazer

Tempos livres e lazer

Considera esta experiência uma mais valia para a empresa?

Eu acho que sim... eu considero que sim, porque repare numa coisa, é uma possibilidade que estamos a dar a uma pessoa para ajudar. E se integrou. Integrando-se perfeitamente ... tanto é que eu posso dizer que já tive situações em que é necessário reduzir pessoal e é muito complicado introduzir pessoas novas na equipa, o nosso objectivo aqui é manter as pessoas todas juntas...

Construção da deficiência

Discurso dos outros sobre o jovem

C2 Mas acha que essa ligação é genuína entre todos, ou apercebe-se de alguma situação às vezes entre colegas de discriminação ou superprotecção?

Não vejo nesse sentido. É uma questão de...Repare: são todos jovens. Às vezes há "chispas". Eu próprio, às vezes, sou um dos que "chispo" primeiro: ou por questões técnicas, ou porque não concordo com um procedimento, uma manobra, ou uma situação. Vamos lá a ver: aqui é como em tudo. Sabe que se há duas pessoas que estão a colaborar e há sempre aquele que tenta ver se, que diz: "tenho aqui o ...(Sujeito A) e ele é que vai buscar

Aceitação da diferença/ deficiência

Construção da deficiência

Discurso dos outros sobre o jovem

Relações interpessoais

aquilo”. E é uma questão difícil de gerir, porque hoje está com este, amanhã com aquele chefe, mas nós apercebemo-nos disso com o tempo e sabemos concretamente quem são e tentamos desviá-lo disso. Mas isso se acontece com o... (sujeito A) também **acontece com outros, está a perceber? Acontece com outros também. Às vezes, aqueles técnicos mais habilitados aproveitam e pronto se tiver que carregar uma tábua, que carregue ele que eu não a levo... Mas isso não é uma questão do ... (Sujeito A), ou de deficiência. Isso acontece com todos os que chamamos técnicos de iniciação (electricista de base, carpinteiro de base, electromecânico de base...).** Mas nós procuramos cortar logo com esse efeito, mal nos apercebemos. Os nossos próprios chefes já conhecem quem tenta abusar mais um bocadinho e pomo-los logo com outros. Isso acontece com todos, até conosco...há sempre quem tente abusar um bocadinho...(ri)

Aceitação da
diferença/
deficiência

C3 Do que conhece do Sujeito A, qual a percepção que o Sr Eng. tem sobre o exercício de direitos, deveres, deste jovem, isto é, acha que ele conhece bem os seus direitos, deveres, tem dificuldades...?

Não, dificuldades não. Às vezes, quando tem dúvidas ele sabe muito bem onde se deve dirigir. Sabe distinguir muito bem, se é uma questão administrativa fala com a ...(Assessora), se é um problema numa determinada área fala comigo, se é noutra área fala com o ... ou o ... (refere outros colaboradores). Isso ele sabe muito bem distinguir. Se for uma questão de horários, ou remuneração incorrecta, fala com a ...(assessora) se for outro assunto com o ...(refere outro técnico) se for uma questão mais pessoal fala comigo. Ele sabe muito bem ponderar.

Direitos e
Deveres

E essas competências... onde é que as adquiriu?

Trazia algumas da FP, as competências básicas. E com a evolução dele aqui no tempo, desenvolveu outras. Pouco a pouco começou a aprender com quem devia tratar este assunto ou aquele. Começou a seguir a hierarquia, foi algo que discutimos e trabalhamos aqui com eles. Nós trabalhamos em equipa, como vê, num ambiente de “Open space”. Portanto há uma ligação muito rápida entre nós e os técnicos. Mas eles sabem muito bem que se tiverem qualquer situação num determinado trabalho a executar, primeiro falam com chefe de equipa, que irá ajudar a resolver o problema. Se não estiver cá falam com o chefe de máquina que está sempre cá um 24 horas, são rotativos. **Se o problema não for resolvido é que vêm mais acima na hierarquia. E isso ele já nota bem.** Com o outro jovem que tivemos a estagiar já não acontecia isso. Apesar da formação e a explicação ter sido igual para todos, ele à mínima coisa vinha logo reclamar, seja com quem for dos que estávamos aqui. Vinha logo reclamar às chefias superiores, vinha logo reclamar. Não que a gente não os

Impacto da FP
no
desenvolvimento
de
competências
pessoais

Direitos e
Deveres

atenda, mas às vezes são coisas tão insignificantes que não têm que chegar a nós, mas sim ser logo colmatadas, não se justifica.

B1 O insucesso desse jovem que tem vindo a referir e o sucesso de outros jovens deveu-se, na sua opinião, essencialmente a que factores?

A formação foi a mesma. O problema dele foi, logo desde o início não ter iniciativa. Ele vinha aqui para estar as 8 horas e receber no final do mês. O objectivo dele aqui era que isto passasse depressa. Tanto é que, nós no início, tivemos uma conversa com ele, porque ele estava a ser uma má influência para o ... (Sujeito A). Nós tivemos duas más influências aqui: logo de início, -porque nós temos muitos serviços contratados com outras empresas de limpeza e temos pessoas que nos fazem aqui apoio à manutenção, que cobrem outros serviços secundários, que são coordenados por nós no Call Center e essas pessoas, por vezes, iam com eles fazer alguns trabalhos. Mas essas pessoas têm um contrato, se servem ficam, se não servem chamamos a empresa e são substituídas, é uma empresa multi-serviços que temos cá dentro. E, às vezes influenciavam mal e logo no início separamos duas pessoas dessa empresa. Mas notámos que o outro jovem estava a tentar levar o ... (Sujeito A) na dele, porque isto era para passar tempo... Somente que ele abriu os olhos. Vamos ser sinceros, temos aí pessoas casadas, com responsabilidades, com outra estabilidade. O ... (Sujeito A) entretanto viu-se na situação de ser pai e esse colegas chamaram-no à atenção: "Cuidado não te juntes que te estragas, não vás por esse caminho, não vais desenvolver." Ele, então, começou a caminhar nesse sentido, separou-se por completo. Tanto que na fase final, quando o outro colega soube que ele ia ficar cá na empresa, ficou muito revoltado. Nós dissemos-lhe que ele ia sair pela porta grande, ou seja quando quisesse podia vir visitar-nos e aí houve uma revolta grande... Os colegas, principalmente os que já têm uma certa estabilidade, são casados, etc., foram sem dúvida uma grande ajuda. Transmitiram-lhe um bocado a situação deles. Em termos gerais a equipa toda colaborou com ele. Claro que ele tem mais trabalho e afinidade com uns do que com outros, até em termos de trabalho, de horários, mas de uma forma geral a equipa colaborou toda com ele.

Factores de sucesso/insucesso na integração

Relações interpessoais

Factores de sucesso/insucesso na integração

D1 Considerando a sua experiência real no terreno, na formação profissional e pessoal destes jovens... o que considera fundamental para a inclusão social de jovens com estas características?

Eu acho que é fundamental dar-lhes oportunidade. Porque, não se pode criar discriminação numa pessoa, mas antes reservar-lhe uma oportunidade. Para isso é fundamental dar-lhe oportunidade. É fundamental que venha para um meio que seja transparente para

Aceitação da diferença/deficiência

ambas as partes, isto é, em que nós conheçamos as limitações deles e eles conheçam as nossas exigências. Isso é fundamental. Penso que é a única forma de podermos partir para um trabalho em conjunto. Portanto sei as limitações que ele tem, sei até onde posso ir com ele, até onde posso apostar com ele. Ele da minha parte sabe como é que eu funciono, como esta máquina toda junta funciona e até onde pode ir também na sua formação. Até à data não tenho nada a apontar ao ...(Sujeito A). Acho-o um rapaz excelente, tenho uma boa relação com ele. Quando ele erra agente chama-o, explica e ele escuta e aceita. Às vezes até dá para a risota...para a brincadeira, como com os outros. Não levo as coisas no sentido de incompetência. Sabemos que é como tudo, há trabalhos em que a pessoa facilita, e aí corrigimos, tu sabes fazer melhor, já o fizeste, mas é difícil ter acontecido uma situação dessas com o ...(sujeito A) é mesmo muito raro.

C2 Alguma vez notou os olhares de... como hei-de dizer, ser visto de outra forma pelos outros?

Não, porque eu nem sequer conto aos outros que ele vem de ...(Instituição). Ele é um técnico da manutenção, como os outros. Puro e duro. Porque nos convites que temos, no dia-a-dia, ninguém...ele só tem uma coisa a saber: se ele chega a uma assistência e não consegue resolver um problema, sabe o que tem a fazer, pega no rádio, contacta a sala de máquinas e alguém há-de resolver o problema. E isto não é só com o ...(Sujeito A), é com todos, com os outros também acontece. Esse funcionamento é normal. Pela nossa parte, nem sequer passamos isso: olha cuidado que ele tem alguma limitação. Isso não, não fazemos isso. Aliás isso está ultrapassado há séculos. Isso foi no início, tínhamos algum cuidado porque eram estagiários e não eram os únicos que estavam a estagiar aqui. E como sabe isto é um meio muito grande, mas acaba por ser muito pequeno, tudo se sabe...eu acho que muita gente nem sabe de onde ele veio. Ele passa perfeitamente despercebido.

D1 Atendendo à sua experiência e contacto directo com estes jovens, qual deveria ser o papel do estado, da escola, da sociedade para melhor encaminhar estes jovens? Refiro-me à sua opinião pessoal...

Acho que é importante que as empresas colaborem nesse sentido. Não posso dizer a taxa de sucesso, aqui de dois foi 50%, mas é muito subjectivo, porque não estamos a apreciar isto num leque muito grande. Mas acho que a sua é uma questão muito pertinente, porque há que dar oportunidade a este tipo de pessoas. Eles fazem como todos nós parte da sociedade. E se lhes for dada oportunidade, formação, a verdade é que se formos a ver, nós não notamos diferença.

Construção da
deficiência

Discurso dos
outros sobre o
jovem

Aceitação da
diferença/
deficiência

Aceitação da
diferença/
deficiência

D1 Que tipo de formação defende para estes jovens, na escola regular, em escola especial, outra...?

Não sei...é complicado. Não sei se a escola reuniria condições para fazer este tipo de formação e do acompanhamento que o...(Instituição) dá. Mas digo-lhe o que nós reparamos mais, logo no início foi que eles vinham com bases, com uma experiência profissional que ajudou bastante.

Impacto da FP

C1 Qual o impacto dos benefícios ou contrapartidas fiscais na decisão da empresa de proporcionar estágio a estes jovens e depois na contratação?

Eu acho que pode ter tido...claro que foi logo ponderado. Mas o Grupo gosta de se antecipar. Olhe temos um contrato com a ...(refere-se a um Centro de Educação e Formação), para a jardinagem, já anterior e não foi por uma questão de preço ou custos. É uma questão de ajudar, são nossos vizinhos e gostamos de ajudar. É já uma questão sensibilidade. Claro que esta é uma empresa e como tudo os benefícios fiscais também ...mas acho que não foi a questão principal. Repare estes foram os únicos estagiários que tive, podia já ter ido buscar mais... mas não é uma questão de oportunidade, agora vamos buscar estagiários para nos cobrir as necessidades, porque o leque de trabalho aumentou, entende? Mas com certeza que sempre que a empresa me der oportunidade de colocar aqui estagiários, vou integrar esses jovens sem problema nenhum, porque mesmo que não fique com eles, acho que é um contributo nós conseguirmos formar pessoas. Nem sequer ponho isso em causa. Aliás, ainda no outro dia disse ao Director: quando tiverem estagiários, mandem-nos para a manutenção que a gente forma-os lá. É uma questão de, digamos que, de know-how que já sentimos pelas pessoas. Acho que correu muito bem. Acho que correu muito bem principalmente com o... (Sujeito A). Correu mesmo muito bem. Correu excelentemente.

Abertura da empresa à Formação Profissional

Aceitação da diferença/deficiência

Abertura da empresa à Formação Profissional

ANEXO VI

ENTREVISTA VI

Caracterização do Entrevistado E2

O entrevistado - código E2 - é o Director dos Recursos Humanos da empresa que contratou os jovens B, C e D ouvido na qualidade de representante da entidade empregadora. Supervisiona desde 2007 os estágios de pessoas com DM em articulação com a Técnica de Inserção da Formação Profissional de uma Instituição no distrito do Porto. Acompanhou, nessa condição, o estágio dos sujeitos B, C e D em estudo. Foi o responsável e impulsionador da abertura da empresa à inclusão de colaboradores com deficiência Mental.

Condições de realização da entrevista

Precedeu a realização da entrevista a visita guiada à fábrica em actividade, com explicitação do funcionamento de cada um dos sectores, com maior ênfase nas unidades que integram os jovens em estudo e onde se realizam os estágios (embalagem, pintura, gravura/estampagem).

A entrevista durou cerca de 45 minutos. Foi realizada no dia 16 de Fevereiro de 2009, nas instalações da empresa em que o entrevistado exerce funções, tendo sido acordada previamente e autorizado o seu registo em áudio.

O sujeito mostrou-se colaborante, discorrendo sobre os assuntos com facilidade. A transcrição procura ser fiel ao discurso oral, tal como foi produzido.

Guião de entrevista:

DADOS A RECOLHER - Representações dos empregadores quanto aos seguintes itens:	
A- Papel da formação profissional	<p>A1- Qual o papel da Formação Profissional no desenvolvimento destes jovens? Quais as competências que os jovens desenvolveram na Formação Profissional?</p> <p>A2- De que forma poderia a Formação Profissional melhor responder às reais necessidades do mercado de trabalho, em particular, no caso desta população?</p> <p>A3- Quais são as expectativas destes jovens quando iniciam o estágio nesta empresa? Concretizam-se?</p> <p>A4- Qual a percepção que tem sobre as tomadas de decisão/escolhas de formação? São efectuadas pela família, pelos jovens, outros...?</p> <p>A5- Pelo que pôde observar, ao longo da sua experiência, que mudanças se efectuaram na vida destes jovens, ao longo do estágio? E com a contratação?</p>
B- Enquadramento laboral actual: Perceber as representações dos empregadores quanto à colocação inclusiva	<p>B1- Quantos estagiários com DM receberam até ao momento? Quais as funções que desempenharam? Quantos foram integrados nos quadros da empresa? Identifique, na sua opinião, os factores que determinaram o sucesso e ou insucesso?</p> <p>B2- Quais as maiores dificuldades sentidas na integração destes jovens?</p> <p>B3-As remunerações são realmente compatíveis com as funções desempenhadas? Auferem benefícios fiscais ou outro tipo de apoio do estado? Sem estes continuariam a apostar nestes jovens?</p>
C- Experiência de inclusão/exclusão social na comunidade (tempos livres, horas de almoço, festas/eventos da empresa, outros)	<p>C1-O que fez a Gerência aceitar estes estágios? Teve algum peso na decisão as contrapartidas/ benefícios fiscais?</p> <p>C2-Como se relacionam estes jovens com os colegas de trabalho e com os superiores hierárquicos? Apercebe-se de algum tipo de “discriminação” ou tratamento diferenciado?</p> <p>C3-Qual a percepção que tem sobre o exercício dos direitos e deveres pelos jovens de que estamos a falar?</p>
D- Mudanças no papel da escola, família, estado, sociedade para a inclusão	<p>D1-Se pudesse, que aspectos mudaria: ao nível do papel da escola, da família, do estado, da sociedade... para melhor responder às necessidades destes jovens?</p>

Transcrição da Entrevista:

C1 Conte-me um pouco da forma como esta empresa tem vindo a integrar jovens com Deficiência Mental. O que fez a gerência aceitar estes estágios?

Nós começamos por trabalhar com estes jovens através da ... (Instituição) a nível da Formação Profissional. Fazemos um produto específico (embalagem em caixinhas de alguns parafusos e outros componentes, que integram outro produto que fornecemos a um cliente), que proporcionou a integração em estágio de formandos do (Instituição). Começamos com os Formandos ... (refere 4 jovens). Desses estágios, acabámos por contratar ...(Jovens B e C). O... (refere outro jovem) por diversos motivos, entre eles, faltas, desinteresse, acabou por não ficar na empresa. Depois ficámos também com o ...(Jovem D) no 2º estágio. Este começou o estágio na parte da embalagem, mas não foi bem sucedido, por não se estar a integrar muito bem. Talvez devido à deficiência dele ser mais profunda, o trabalho de contar parafusos, tornava-se mentalmente muito cansativo. Depois foi integrado num trabalho mais físico, na parte da pintura, que exige mais esforço físico do que mental. É um exemplo para a empresa de boa integração.

Abertura da empresa à Formação Profissional

Resposta ao mercado de trabalho

Factores de insucesso na integração laboral

Discurso do empregador sobre o jovem com DM

A1 O Sr. referia há pouco que foi a técnica da Instituição que vos procurou no sentido de estabelecimento de parceria para estágios. Qual foi, então para si, o papel da Formação do ...(Instituição) no desenvolvimento destes jovens?

A formação que eles tiveram lá ajudou-os a conhecer a forma como se devem comportar no ambiente laboral, no mercado de trabalho. Nesse aspecto foi importante terem recebido a formação no...(Instituição), porque os jovens treinam competências para trabalhar, como se devem comportar, como devem fazer... No caso dos estágios a Dr.^a ... (refere-se à Técnica de Inserção dos jovens) começou a prepará-los com antecedência para o tipo de trabalho que iriam fazer: ensaios de separação de parafusos, contagem, treino e esclarecimento de dúvidas, o que facilitou bastante a integração. Quando chegaram cá foram integrados mais facilmente. Se tivessem vindo para a empresa sem preparação teria sido muito mais difícil e até confusa a integração. Se não tivesse havido essa preparação poderia tornar-se até pernicioso, sentirem-se rejeitados, ou não conseguirem adaptar-se à tarefa. Assim foi muito mais fácil. Também conta muito o facto de terem sido integrados em equipas pequenas, no sector da embalagem sendo seu tutor o (refere-se ao entrevistado C1 – colega de trabalho dos jovens) e a responsável por eles o (entrevistado C2 - colega de trabalho dos jovens) pessoas com muita paciência. Do nosso lado preparámos com antecedência a vinda deles, falámos com os responsáveis, reunimos,

Factores que determinam o insucesso/sucesso na integração laboral

Impacto da FP no desenvolvimento de competências pessoais

1ª experiência laboral

Factores que determinam o sucesso

sensibilizámos para o tipo de deficiência. Para além disso, os responsáveis estiveram presentes na entrevista anterior ao estágio. Dessa forma, quando chegaram cá já sabiam o tipo de serviço que iam fazer, conheciam as pessoas com quem iam trabalhar. Foram e são muito apoiados pelo... (entrevistada C2) que tem muita paciência, gosta de explicar e cuida sempre deles, acaba por estabelecer com os jovens uma relação muito próxima.

Construção da deficiência

Discurso dos outros sobre o jovem

Relações interpessoais

Durante o estágio houve e há uma articulação estreita entre os técnicos do... (Instituição) e da empresa. A Dr.^a...(Técnica de Inserção) reúne com frequência connosco, temos reuniões de avaliação dos formandos, vamos discutindo com eles aspectos a corrigir e quais os que devem manter. Há uma grande proximidade.

Resposta da FP ao mercado de trabalho

A3 De uma forma geral, quais são as expectativas dos jovens quando iniciam a Formação /estágio na empresa?

Resposta da FP às expectativas dos jovens

As expectativas são ...conseguirem o emprego... tornar-se independentes, ganharem independência através do trabalho, começar a receber uma remuneração, sentirem-se valorizados.

1ª experiência laboral

A3 Na sua opinião, essas expectativas concretizam-se?

Sim, de uma forma geral acabam por se concretizar. No caso concreto, temos ficado com alguns estagiários formandos, que ficam no quadro. Aos que não ficam é-lhes claramente explicitado o motivo ou motivos, na reunião de avaliação de desempenho, na qual participa também a Dr.^a...(Técnica de Inserção). Nessa reunião são referidos os pontos fortes, os menos bons e o motivo pelo qual não vão ficar. Normalmente, os que não ficam é por não se terem concentrado, não darem produtividade, ou empenhado o suficiente. Apesar da deficiência, nós sabemos que eles não são tão deficientes quanto isso. Têm uma deficiência moderada a ligeira, portanto sabem reconhecer se estão empenhados ou não. Às vezes, empenham-se mais nos assuntos pessoais, ou alguns são muito jovens: envolvem-se em namoricos, SMS ... o que perturba um bocadinho o seu desempenho e eles acabam por reconhecer, na reunião de avaliação, que poderiam ter feito mais um pouco.

Resposta da FP às expectativas dos jovens

Factores insucesso na Formação

Construção da deficiência

Discurso dos outros sobre o jovem

A4 Essas escolhas no processo de formação, são, na sua opinião, tomadas por quem?

Nós informamos o...(Instituição), a Dr.^a...(Técnica de Inserção), do tipo de trabalho que temos disponível para estágio. A Dr.^a...(Técnica de Inserção) com base no tipo de trabalho e de formandos que tem no...(Local de formação/Instituição), selecciona alguns para falarmos pessoalmente. Concordando com o perfil dos formandos, a Dr.^a...(Técnica de Inserção) fala com os pais. A pré-selecção é feita pela Dr.^a...(Técnica de Inserção) e se concordarmos com essa selecção, posteriormente a Dr.^a...(Técnica de Inserção) contacta os

Abertura da empresa à Formação Profissional

Papel da Formação

pais e iniciam o estágio.

B1 Quantos estagiários receberam até ao momento?

Recebemos sete estagiários, com deficiência mental de ligeira a moderada.

Abertura da empresa à Formação Profissional

B1 Quantos ficaram integrados no quadro da empresa?

Três. Dos quatro que não ficaram podem salientar-se como factores de insucesso a falta de assiduidade, de interesse e o ambiente familiar, que muitas das vezes não é dos melhores. Alguns não conseguiram integrar-se plenamente. Um dos estagiários só se aplicou no final do estágio. Ao procedermos à avaliação foi tido em consideração o total do processo. Houve várias chamadas de atenção durante o mesmo, mas o jovem não melhorou. Por isso acabámos por deixá-los ir, dado que seria injusto. Pode haver outros formandos que mereçam uma oportunidade. Ao dar a oportunidade aos menos esforçados, poderíamos deixar de fora outros formandos que se aplicam a 100% e merecem também uma oportunidade.

Factores insucesso na Formação

Aceitação da diferença/ deficiência

B2 Quais são as maiores dificuldades sentidas por estes jovens na fase de integração?

Não sei...talvez o ambiente que tem mais regras do que no...(Local de Formação). Exige o cumprimento de regras e horários precisos.

Construção da deficiência
Discurso dos outros sobre o jovem

B2 Em termos de comportamento relacional, verificam-se dificuldades ou integram-se com facilidade?

Como as equipas onde os colocamos são pequenas e damos formação inicial aos supervisores, envolvendo-os também nas entrevistas, isso facilita bastante a integração.

Factores que determinam o insucesso

Factores que determinam o sucesso

C2 E quanto aos jovens que já estão a trabalhar cá na empresa, nota algum sentimento de discriminação dos colegas, ou que os outros sentem que são mais protegidos?

Não. O grau de exigência é o mesmo: execução de trabalho com perfeição. A nível de rapidez, talvez não se possa exigir tanto, mas também não é expectável que produzam com tanta rapidez como uma pessoa dita "normal". A nível dos colegas penso que não há discriminação, antes pelo contrário. Como temos tido sempre o cuidado de colocá-los em equipas pequenas, há um conhecimento pessoal mais próximo e as pessoas tendem a apoiar os deficientes. Havendo qualquer situação, como já ocorreu... uma situação em que um colaborador normal brincou com outro com deficiência e ele não entendeu. Depois sentei os dois e resolveu-se a questão.

Relações interpessoais

Factores que determinam o sucesso

Construção da deficiência
Discurso dos outros sobre o jovem

C2 E como é que estes jovens se relacionam com os superiores

Relações interpessoais

hierárquicos?

Cumprem as regras como os outros. Quando surge qualquer situação pontual, reunimos e explicámos as regras e facilmente se ultrapassa a dificuldade.

Aceitação da diferença/deficiência

A1 Em termos de autonomia pessoal e social, o que mudou nestes jovens, ao longo destes anos, desde o estágio até ao emprego?

Inicialmente eram um bocadinho fechados. Não se valorizavam. Com o trabalho tornaram-se muito mais confiantes. Consideram-se mais autónomos, sentem-se respeitados aqui, integrados, que têm a vida deles, o seu ordenado, trabalho ...tornam-se muito mais autónomos, empenhados e confiantes.

Impacto da FP no desenvolvimento de competências

B3 E em termos de remuneração, esta é compatível com a função que exercem, isto é, é igual à dos restantes trabalhadores com a mesma função ou há alguma discrepância?

Neste momento são operários não especializados, estão com salário mínimo, que neste momento é de 450 euros. Temos ainda um prémio de desempenho que também recebem e subsídio de alimentação. O ordenado deles não pode ser comparado com o dos outros colegas, porque os outros produzem mais. Mas qualquer das formas há muitas pessoas que têm ordenado semelhante ao deles.

Enquadramento laboral actual

Direitos e deveres

Construção da deficiência

Discurso dos outros sobre o jovem

B3 O que faz com que esta empresa receba estes jovens e não outros na mesma circunstância, a questão de subsídio de compensação é relevante?

Não o considero o aspecto mais relevante, porque temos uma empresa associada em Espanha, no ramo electrónico, que faz um trabalho com deficientes também. Eles têm uma Associação de Apoio à Deficiência muito interessante. Eles próprios criaram uma empresa de trabalho temporário: contactam com essa empresa, a Associação leva 20 ou 30 pessoas com deficiência e durante por exemplo 2 ou 3 semanas faz um trabalho específico, por exemplo, montar caixas e depois vão-se embora. Até já falei dessa exemplo ao...(refere-se à Técnica de Inserção), mas ele refere que um projecto destes cá ainda é difícil de implementar. Ainda estamos muito verdes.

Facilitadores da abertura da empresa à FP

Aceitação da diferença/deficiência

Proposta de outro modelo de FP

Mas como lhe estava a dizer, essa empresa ligada à Associação é em Valência. E esta empresa por ser associada à outra já tem um trabalho com deficientes já há algum tempo. Por isso não foi nada difícil aceitar os estagiários do...(Instituição). Já há uma cultura da empresa de respeito e não discriminação. Também como pôde observar, não discriminamos pelo sexo, temos pessoas de ambos os sexos, não é bem 50% , mas aproxima-se. Não discriminámos também pela idade, admitimos um à pouco tempo um Senhor com

Aceitação da diferença/deficiência

57 anos... olhámos para a experiência de vida das pessoas, da forma de ser, da dedicação e não a idade.

C3 Qual a percepção que tem sobre o exercício dos direitos e dos deveres destes jovens, isto é, na sua opinião conhecem os seus direitos como cidadão, exercem-nos? Que sentem real igualdade de oportunidades ?

Direitos e deveres

A nível da empresa são tratados como os outros, não há diferença. No exterior não sei, talvez haja um bocadinho de discriminação, mas não tenho contacto muito próximo com a vida pessoal deles. Já falei com os pais de alguns e nota-se que gostam que eles trabalhem, que sejam autónomos, têm uma preocupação grande em que eles se tornem autónomos e auto-suficientes. Encaram o trabalho com muita responsabilidade, vão acompanhando de perto os seus filhos.

Impacto da FP no desenvolvimento de competências pessoais

D1 Atendendo à sua experiência, quais considera serem as reais necessidades destes jovens com Deficiência mental ligeira a moderada?

Sentirem-se integrados, sentirem que são produtivos, úteis, porque o trabalho permite isso. Alguns deles vinham muito inseguros, não tinham auto-estima e não se conheciam a eles mesmos e com o trabalho, com apoio de toda a gente sentem-se úteis, valorizados, têm mais auto-estima.

Impacto da FP no desenvolvimento de competências pessoais

D1 Se pudesse, que aspectos mudaria ao nível do papel da família, sociedade, da escola, para permitir a inclusão?

A nível de escola, tem que se ver caso a caso, porque as deficiências moderadas têm mais facilidade de integração numa escola normal. E não são tão ostracizados pelos colegas, porque as crianças podem ser muito cruéis. E sendo diferentes teria de ser feita em escolas pequenas com turmas pequenas, em que se pudesse fazer acompanhamento e sensibilização para a diferença. Em escolas grandes iria ser muito perigoso para jovens com deficiência, porque eles podiam sentir-se rejeitados. Nesse caso seria talvez aconselhável ter ou escolas mais pequenas onde eles pudessem ser integrados ou escolas especiais. Porque aí não seriam tão ostracizados pelos colegas. Deve evitar-se que sejam rejeitados ou alvo de riso pelos colegas, por se ser diferente. Um deficiente mental é alguém mais semelhante, a deficiência não se nota tanto como por exemplo num caso motor... os colegas podem gozar e não se aperceberem que ele é diferente, o que pode causar ao aluno um sentimento de rejeição à escola. Pode ser muito pernicioso para o aluno com deficiência. Penso que deveriam ser integrados em escolas pequeninas, escolas piloto, em turmas pequenas, testes especiais, aulas de recuperação, maior tempo com o professor.

Construção da deficiência
Discurso dos outros sobre o jovem

Mudanças necessárias

Mudanças necessárias

D1 Qual pensa que deveria ser o papel da escola para preparação para a etapa seguinte, isto é para a transição a vida adulta?

Deveria ser proporcionado um maior número de estágios, como o ... (Instituição) ou outras Associações fazem. As escolas também o poderiam fazer para eles sentirem a diferença entre a escola e o mundo laboral, porque acabando a escola se não tiverem acompanhamento eles perdem-se, não conseguem integrar-se no mundo laboral, pois não conhecem as regras. Têm mais dificuldades em integrar-se, pois não estão habituados às regras. Caberia à escola dar umas aulas de preparação para o mundo laboral, externo. Caberia aí, elaboração de currículos, trabalhar com informática na pesquisa de emprego, aconselhá-los nesse aspecto para eles se tornarem também mais independentes. Eu sinto que o deficiente mental se não treinar tem mais dificuldades. Se treinarmos eles habituam-se a pensar dessa forma e torna-se mais fácil a integração e pesquisa feita por eles no mundo do trabalho. Um psicólogo ou professor que acompanhasse nessa transição: dando formação, mostrando como podem pesquisar emprego, verificar as habilitações, acompanhar nas entrevistas iniciais, sensibilizar as empresas a admitirem os jovens com deficiência.

Mudanças
necessárias

Proposta de
outro modelo de
formação

Construção da
deficiência

Discurso dos
outros sobre o
jovem

D1 E em termos do papel da sociedade, o que ainda falta fazer?

Sensibilizar as pessoas para a deficiência mental. A nível de deficiência física já começa a haver consciência para a diferença, a nível da deficiência mental não. Se não houver sensibilização ninguém está disponível para admitir alguém que não conhece, não sabe como lidar com o seu problema.

Mudanças
necessárias

D1 E quanto ao papel do estado?

O estado é o impulsionador disto tudo. É quem deveria dar força às escolas para integrar da melhor forma o deficiente: através de apoio especializado, de um psicólogo, de um professor que apoiaria a transição; atenção na colocação dos deficientes em escolas mais apropriadas, não em escolas grandes onde a integração é mais difícil e mais perigosa para os miúdos, em que se pudesse dar maior acompanhamento aos miúdos. A nível da sociedade deveria fazer-se uma campanha de sensibilização sobre a deficiência a nível da deficiência mental para as pessoas estarem mais mentalizadas e disponíveis para acolher a deficiência mental. Deveria fazer-se articulação dos diferentes serviços. Poderia fazer-se como em Espanha, (refere-se a uma Associação que criou uma empresa em Valência) em que a Associação criou uma empresa que integra todos (quer ligeira, quer moderada), todos têm trabalho. Podem ser todos rentabilizados e sentirem-se úteis. Em Portugal, mesmo a nível das

Mudanças
necessárias

Proposta de
outro modelo de
formação

Resposta da FP
às expectativas
dos jovens

Associações, existe um desfasamento entre as actividades da escola, os cursos da Formação Profissional que existem nas Associações e o mundo real. Os Cursos são ou um pouco desfasados do mundo real ou porque já não têm saída, ou são cursos em que há excedente de mão-de-obra, deviam ser mais adequados a nível geral. As Associações tendem a substituir-se ao estado, mas não têm os meios suficientes para cuidar dessa forma do deficiente mental e da sua plena integração na sociedade. Essa tarefa é individual, exige um estudo de caso a caso e é muito oneroso para o Estado. Talvez por isso não exista ainda um trabalho desses em Portugal.

Mudanças necessárias

ANEXO VII

ENTREVISTA VII

Caracterização dos Entrevistados C1 e C2

Na entrevista VII foram ouvidos os sujeitos C1 e C2, respectivamente dos sexos masculino (C1) e feminino (C2), com 38 e 25 anos, na qualidade de colegas de trabalho dos jovens B, C e D, numa empresa dos arredores do Porto.

O elemento do sexo masculino pertence ao quadro da empresa há 15 anos. Acompanhou na qualidade de supervisor geral os diferentes estágios realizados ao abrigo de protocolo com o Centro de Formação, ao longo de dois anos.

A entrevistada do sexo feminino está na empresa há cerca de ano e meio é contratada e chefe de equipa de embalagem. Orientou directamente o estágio do jovem D, no período em que esteve no seu sector. Os sujeitos B e C integram a sua equipa de trabalho actualmente.

Condições de realização da Entrevista

A entrevista, de cerca de 35 minutos, realizou-se no dia 19 de Fevereiro de 2009, após horário de trabalho, nas instalações da empresa. Tinha sido acordada antecipadamente e autorizada a sua gravação em áudio.

Apesar de ter sido combinada entrevista individual, os sujeitos sugeriram no próprio dia, no momento de entrevista, a sua realização em conjunto, por se sentirem mais confortáveis assim, referindo que seria enriquecedor para todos a contraposição de pontos de vista.

A entrevista decorreu com fluência, num tom coloquial, não se escusando os sujeitos a nenhuma questão. Na transcrição procurou-se respeitar, o discurso oral, tal como foi produzido.

Guião de entrevista

Dados a recolher: Representações dos colegas de trabalho	
A- Experiência de inclusão/ exclusão Social na empresa (tempos livres, horas de almoço, festas/eventos da empresa, outros)	<p>A1-Como se relacionam estes jovens com os colegas de trabalho e com os superiores hierárquicos?</p> <p>A2-Apercebe-se de algum tipo de “discriminação” ou tratamento diferenciado, quer por protecção ou ajuda excessivas ou por rejeição?</p> <p>A3- Identifica, por parte dos colegas de trabalho, algum sentimento camuflado de inclusão fictícia ou alguma tolerância à diferença?</p> <p>A4-Qual a percepção que tem sobre o exercício dos seus direitos e deveres? Isto é, na sua opinião: - exercem plenamente os seus direitos e deveres? - existe real igualdade de oportunidades ou acha que a inclusão é fictícia? Porquê?</p>
B- Vida familiar e social dos jovens	B1- Pelo que pôde observar, ao longo da sua experiência, que mudanças se efectuaram na vida familiar e social, destes jovens, ao longo do estágio? E com a contratação?
C-Importância da formação profissional para estes jovens	C1-Quais foram, na sua opinião, as competências que os jovens desenvolveram na Formação Profissional?
D- Enquadramento laboral	D1- Quais as maiores dificuldades sentidas na integração destes jovens quando chegam à empresa?
E- Contributos da família, escola e formação profissional	E1- o que salientaria como contributos da escola, família, formação profissional na inclusão social destes jovens?
F- Mudanças no papel da escola, família, estado, sociedade para a inclusão	F1- Se pudesse, que aspectos mudaria na escola, família, estado, sociedade, com vista à inclusão social destes jovens?

Transcrição da Entrevista

A1 Sei que contactam com jovens com deficiência mental cá na empresa, através dos estágios, já há cerca de 2 anos. Qual a percepção que têm da forma como estes interagem convosco e com os restantes colegas da empresa?

Sujeito C2: *Integram-se bem, são pessoas humildes, pelo menos comigo sempre foram, aceitam as ordens e os pedidos.* Por vezes, ficam transtornados com algumas coisas que dizemos, *mas falamos com o máximo de cuidado possível, porque não são pessoas como nós, que podemos compreender tudo facilmente, têm pequenas deficiências mentais.* De resto, penso que lido com eles como com qualquer outra pessoa. *Em relação aos restantes colegas, tiveram algumas dificuldades no início, o que é normal, pois era tudo novo, mas dão-se bem com todos.*

Relações
interpessoais

Construção da
deficiência

Discurso dos
colegas sobre o
jovem

Relações
interpessoais

Sujeito C1: Eu tenho uma perspectiva não só dos jovens que cá estão, mas também dos que cá passaram, que foram bastantes. *Nem todos têm facilidade de integração assim tão fácil como isso, como aqueles que nós aproveitamos. A chegada deles é sempre muito difícil, a integração deles é sempre um pouco lenta e nota-se que eles vão ganhando confiança a partir do momento que fazem amizades, do momento que as pessoas os põem à vontade.* A partir daí vão evoluindo uns melhor outros pior e *há sempre aqueles que não têm a parte de fora da fábrica a ajudar a integração,* porque senão teríamos mais jovens integrados. Posso dar o exemplo de um jovem que quando tinha a parte familiar a colaborar, aqui era uma pessoa totalmente diferente: cumpria as exigências. Quando tinha problemas familiares, andava distraído... E como ele outros casos. Eles não são todos iguais, cada pessoa é uma pessoa, *mas nota-se num primeiro impacto que são todos muito tímidos, recatados, mas a partir daí, vão começando a desenvolver competências, que é o caso do ... (jovem D), que era muito tímido, mas agora está mais liberto nos movimentos que faz, no contacto com os colegas, não falando muito na mesma, mas nota-se que tem maior à vontade.*

Relações
interpessoais

Autonomia
familiar e
afectiva

Desenvolvimento
de competências
pessoais

1ª Experiência
laboral

Construção da
deficiência

Discurso dos
colegas sobre o
jovem

Sujeito C2: Ele (refere-se ao sujeito D) *parecia mesmo um bichinho, não falava, apontava para as coisas, era muito “despassarado”, mas à medida que foi passando o tempo foi evoluindo. Foi uma questão de ajustamento a outra actividade: mudou-se para um sítio que exigia mais movimento e ele gosta. Desenvolveu bastante. Agora fala, nem sempre se percebe o que ele diz, mas perguntamos de novo e ele responde. Mas está totalmente diferente. Ficou outra*

Desenvolvimento
de competências
pessoais

pessoa completamente diferente.

B1 Vamos concentrar-nos nos jovens que estão cá inseridos. Que competências acham que desenvolveram no estágio? O que mudou na vida deles, desde o estágio até à contratação?

C1: Eles mudaram não só a nível de auto-estima, como também na sociedade. Foram adquirindo ao longo do tempo uma personalidade totalmente diferente da que tinham. Foram-se sentindo mais úteis, mais prestáveis. Outro factor também é o de se manterem a eles próprios que afecta também psicologicamente e vão mudando um bocadinho.

C2: Começaram até a namorar (sorrindo).

B1 Que mudanças observam a esse nível, isto é, na vida afectiva, actividades de tempos livres?

C1: Eles mudaram muito. Quando entraram eram muito fechados, um pouco desconfiados. A... (Sujeito C), por exemplo, era muito fechada, só falava o essencial, agora vai falando mais...só aceitava ordens de...(Sujeito C) , mas falamos com ela e explicamos que desde que fosse uma indicação válida, deveria aceitar as indicações, porque: “É bom para ti e para os outros, mesmo sugestões de outros colegas”. A partir daí ela melhorou o diálogo.

C2: E já conta coisas particulares da vida dela, coisa que dantes não fazia.

Mas, reparem a A... (Sujeito B) considera a... (C2) mais do que uma colega de trabalho, é uma amiga...o que pensam disso?

C1: Repare, a...(Sujeito B) foi sempre diferente dos outros, mais aberta, mais comunicativa... Foi preciso dar-lhe orientações ao contrário, isto é, para controlar a conversa, pois distrai-se facilmente com a conversa. Apesar de ter problemas na fala, não teve dificuldades de integração.

A2 Identificam por parte dos outros colegas algum tratamento diferenciado, por protecção ou rejeição?

C1: No início, no primeiro estágio, houve pequenos problemas com alguns colegas, porque nem sempre entendiam que estes jovens eram diferentes. Mas numa reunião o Sr ...(empregador dos jovens B, C e D) chamou a atenção para esse facto. Depois foram sensibilizados para as dificuldades destes jovens e as coisas têm corrido bem.

A3 Mas, relativamente a estes jovens em concreto, notam que são olhados pelos outros de forma diferente, isto é, estão

1ª Experiência
laboral

Acesso ao 1º
Emprego

Competências
pessoais

Situação
financeira

Autonomia
familiar e
afectiva

Autonomia
familiar e
afectiva

Relações
interpessoais

Relações
interpessoais

Construção da
deficiência

Discurso dos
colegas sobre o
jovem

Relações
interpessoais

Construção da
deficiência

Discurso dos
colegas sobre o
jovem

integrados ou existe digamos que apenas tolerância à diferença?

C2: As... (refere-se às jovens B e C) não, porque nós as integramos. Quando elas vieram pela primeira vez, vieram logo almoçar para a minha mesa, na hora do intervalo estamos sempre juntas, e as outras pessoas, os outros colegas de outras secções, também se chegam, conversamos uns com os outros, não há problemas é "Super normal". Mas o ... (Sujeito D), é aquele que interage mais com outras pessoas pela sua função e é ao mesmo tempo o mais protegido dentro da firma, por exemplo é acarinhado por todos, chamam-lhe nomes carinhosos, é bonito. Ao princípio as pessoas tinham uma mente mais fechada, ficavam mais a observar...Penso que partia mais dele, no início ele era muito fechado, estava sozinho, ia para aqui ia para ali sempre sozinho. Mas agora fala com todos e as pessoas falam com ele, mas agora é igual.

C1: Aqui ninguém trata ninguém de forma diferente: fala-se da mesma maneira, quando se explica é da mesma forma, quando notámos que eles não percebem voltámos a explicar normalmente, como aos outros.

B1 E em termos da Formação Profissional no ... (Instituição), o que trazem na bagagem ou que competências lhes falta ainda desenvolver?

C1: O que se nota muito é que vêm muito cheio de regras (ri). Eles vêm tipo robots, têm que fazer isto e aquilo. Vêm muito fechados e quando sentem que estão a trabalhar numa equipa liberalmente, se calhar isso provoca-lhes a tal desconfiança. Porque eles pensam "então nós lá éramos obrigados, - penso eu pela forma como procedem e dizem -, que é horas e dias para tudo". Quando sentem mais liberdade no trabalho, penso eu o poderem optar, fazer isto e aquilo, até evoluem. A possibilidade de puderem optar leva-os à tal desconfiança, será que estou a fazer bem ou mal, etc. Mas até evoluem com a liberalização no trabalho.

B1 E no que se refere aos tempos livres e lazer, apercebem-se de mudanças?

C1: Não consigo perceber muito isso porque eles são muito reservados, e fora da fábrica não sabemos bem ...

C2: Por exemplo, a ... (Sujeito B) é mais aberta e diz que o ordenado ajuda muito, apesar de o dar à mãe. Ela mesmo diz que anda mais feliz, por ganhar o dinheirinho dela. Apesar de o dar à mãe. Não sei se sabe, ela vive com a mãe, a irmã e sobrinhos... mas repare, porque não quis casar com o pai da bebé.

Situação laboral actual

Relações interpessoais

Tempos livres e lazer

Construção da deficiência

Discurso dos colegas sobre o jovem

Formação profissional

1ª Experiência laboral

Acesso ao 1º Emprego

Desenvolvimento de competências pessoais

Tempos livres e lazer

Autonomia familiar e afectiva

Auto-determinação e objectivos pessoais

C1: Mas, no caso dela, acho muito bem, porque tem dificuldades e os outros podem aproveitar-se dela, a qualquer momento. Ela não vê maldade em nada.

Construção da deficiência
Discurso dos colegas sobre o jovem

E quanto aos ... (Sujeito C e D), que mudanças se constataam?

C2: A ... (Sujeito C) nota-se que ajudou muito. Nota-se que passa mais dificuldades económicas do que os outros. Já vive com o companheiro, tem a vida organizada. Pensa ter filhos... Nota-se que tem muitas dificuldades económicas, até dá pena às vezes... (pausa) Acho que o emprego a foi ajudar bastante, porque na formação só ganhava 200 Euros. Aqui ganha 500. Vê-se que é muito bom para eles. Para nós já é, não é?

Situação financeira

Auto-determinação e objectivos pessoais

C1: O... (Sujeito C) também andou aí uns tempos que não recebia a bolsa de formação, ficou sem subsidio devido ao rendimento dos pais, mas andava aqui todo bem disposto na mesma. O patrão disponibilizou-se logo a resolver o problema, “quem anda cá recebe ordenado como os outros” disse e resolveu o problema.

Situação laboral

D1 Na vossa opinião quais são as maiores dificuldades que eles sentem quando chegam?

Construção da deficiência
Discurso dos colegas sobre o jovem

C2: A comunicação.

C1: (acrescenta) Depois a timidez.

C2: Mas eu acho isso normal, porque mesmo nós quando chegamos a um sítio novo, ficamos também assim. Só quando os dias vão passando e vamos conhecendo as pessoas é que nos sentimos mais à vontade com elas, não é? Isso não acontece só com eles, acontece a todos, pelo menos comigo também acontece.

Construção da deficiência
Discurso dos colegas sobre o jovem

C1: O ambiente familiar é outro aspecto que também interfere bastante na integração deles. Os namoricos também interferem no trabalho. Por parte dos colegas aqui na empresa, as pessoas aceitam-nos bem, como a qualquer outro colega sem dificuldades.

Autonomia familiar e afectiva

A4 Mas, ainda voltando aos colegas, sentem que a inclusão é verdadeira ou que existe protecção?

Relações interpessoais

C1: Penso que não. Quando o ... (Jovem C) foi integrado na equipa da pintura, ele chegou lá e teve dificuldades de integração. Eu apercebi-me disso e falei com o Encarregado Geral e a Chefe da Pintura e expliquei-lhes que as pessoas não nascem ensinadas. Hoje a própria chefe da pintura diz que ele é dos que mais colabora na equipa da pintura. No início chegaram lá disseram como era que se fazia o serviço e deixaram-no a trabalhar sozinho. Notava-se que ele estava a trabalhar nervoso. Mas, a situação foi corrigida e agora não, quando não sabe, fica nervoso, mas pergunta. Para além disso, há ainda outro aspecto que é determinante, por exemplo no ...

Construção da deficiência
Discurso dos colegas sobre o jovem

Autonomia familiar e afectiva

(Sujeito D), nota-se claramente o papel da família por detrás. A família dele tem posses para o pôr e dar aquilo que ele precisa. Nota-se que os pais o acompanham, falam com ele com carinho, vemos isso mesmo quando a mãe o vem buscar às vezes. E nos outros estagiários nota-se muitas lacunas a esse nível.

Aliás já falei com a Dr.^a (Técnica de Inserção) e o Sr. ...(Director dos Recursos Humanos) também, sobre essa parte, e ela diz mesmo que essa parte ainda é difícil de trabalhar. Acho que era preciso fazer reuniões, sessões familiares para alertar para certas situações. Eu apercebo-me aqui que “muitos deles nas famílias não são ninguém”. Ou melhor, pertencem aquela família, mas são tratados precisamente à parte daquela família.

E1 Qual o papel da escola e mesmo da sociedade, neste processo, na inclusão destes jovens? Gostava de ouvir a vossa opinião.

C1: A escola (refere-se à Instituição) alerta-os para as responsabilidades, para o que têm que cumprir, horários, regras. Dá-lhes também formação mesmo psicológica para o que têm cumprir aqui. A prática damos nós aqui. É quase como quando tirámos a carta de condução: agente vai lá para tirar o documento, a prática é que faz o resto.

E quanto ao papel da sociedade...?

C1: Devia ajudar na integração deles, sempre que surjam possibilidades, com subsídios ou campanhas para alertar para este problemas.

A3 Vocês, vêem-nos como diferentes?

C2: Já os achei mais. Agora passam completamente despercebidos. Para mim são exactamente iguais aos outros colegas.

C1: Nós temos aqui na empresa temos pessoas como o ...(Sujeito C) e são pessoas ditas normais. Por exemplo, o ...(Sujeito C) evolui e as outras não. O ...(refere outro funcionário da empresa) por exemplo, que é considerado normal, não. Ainda noutro dia estive duas horas e meia, e supostamente não tem qualquer problema, para perceber uma instrução. Mas tudo depende da deficiência de cada um. Se no seio da família fossem mais acompanhados, mais apoiados, mais acarinhados, se calhar nem precisavam de uma Associação para os desenvolver e integrar na sociedade, bastava a família. Continuamos a viver numa sociedade subsídio - dependente e se calhar muitas famílias integram-nos nesses Centros ou Associações para ir tirar os dividendos da situação. Para ir buscar o subsídio de deficiência...(pausa) Outros é para não estar aturar os

Mudanças propostas

Construção da deficiência

Discurso dos colegas sobre o jovem

Formação profissional

1ª Experiência laboral

Acesso ao 1º Emprego

Mudanças propostas

Construção da deficiência

Discurso dos colegas sobre o jovem

Alteração ao modelo de Formação profissional

Mudanças necessárias

filhos durante o dia...Infelizmente é assim. O Centro tem feito o que pode, proporciona-lhes diferentes experiências, põe-nos a interagir. Mas na minha opinião, o... (Instituição) trata-os de forma muito rígida e isso torna-os muito rígidos. Nunca vi de perto, mas nota-se pela resposta deles aqui na empresa.

F1 Mas então que resposta é que apontaria para estes jovens, se tivesse poder de decisão, em termos políticos ou educativos?

C1: Cada caso é um caso, teria que se estudar. Mas se calhar não os punha...(pausa). É assim: um centro é uma casa, é um quartel militar onde eles lá estão e não têm mais opções de nada. Se eu tivesse meios eu acho que lhes dava, ou melhor, em vez de ter esse meio fechado, lhes proporcionava logo esse tal estágio com situações onde eles participassem mesmo na vida real com outras pessoas não os pondo à parte. Quer dizer, eles ao estarem naquele espaço naquele quartelzinho deles fechado, convivem todos com a mesma deficiência, todos com a mesmas pessoas, eles sabem que estão ali, porque a sociedade disse "eles são diferentes".

Alteração ao modelo de formação profissional

Construção da deficiência
Discurso dos colegas sobre o jovem

C2: Exacto a sociedade criou aquele logótipo " eles são diferentes". Mas muito deles quando estavam aqui em estágio, diziam que não gostavam de estar lá, não queriam voltar para lá. Eles vão lá um dia por mês no dia do estagiário, e eles ficavam todos chateados quando tinham de ir. Eu dizia-lhes, mas então enquanto vais não estás a trabalhar, mas eles diziam que preferiam ficar a trabalhar.

Outro modelo de formação profissional

C1: Eles sentem lá um rótulo, não sei...(pausa). Se houvesse meios para eles estarem no meio da sociedade, uma ligação directa entre a escola e as empresas, não haver nada no meio que os fizesse sentir diferentes...seria melhor.

Outro modelo de formação profissional

C2: Eles aqui sentem-se iguais a toda a gente...(pausa). Lá só têm pessoas como eles ou com problemas ainda mais graves, percebe?

Construção da deficiência
Discurso dos colegas sobre o jovem

C1: Aqui sentem que podem lutar por algo que irá fazer diferença no futuro. Fazem dois estágios e se não ficarem, depois têm que arranjar emprego por meios próprios. Tivemos aqui um exemplo, que no final do estágio teve de arranjar emprego e arranjou, mas não disse que tinha passado pelo...(refere centro de formação) por medo que os outros julgassem que tinha menos capacidades para executar a tarefa.

Acesso ao 1º Emprego

A4 Qual a percepção que têm sobre o exercício dos seus direitos e deveres?

C2: Pelo que me apercebo os ...(Jovens C e D) têm mais dificuldades. Não sei se conhecem bem os seus direitos e deveres,

Direitos e deveres

quanto mais exercê-los...

Acesso a bens e serviços

C1: Sim, sim, mas o ...(Sujeito B) sabe bem qual é o seu ordenado. Ainda agora com a licença de maternidade informou-se e desenrascou-se. Por isso, acho que sim, que os conhece. E o namorado da ...(Sujeito C) teve um problema com uma multa e ela foi tratar de tudo no Tribunal, por isso... acho que sabem ou se não sabem perguntam.

Direitos e deveres

A4 Para terminar...uma última pergunta: Existe uma real igualdade de oportunidades para estes jovens ou acham que a inclusão é fictícia?

Construção da deficiência

C1: Aqui na empresa, como já lhe disse, somos todos iguais. Eles são tratados da mesma forma que os restantes trabalhadores. Lá fora, não sei bem...

Discurso dos outros sobre o jovem

E qual é a sua opinião?

C2: Concordo contigo, mas no exterior não sei...acho que ainda são vistos um pouquinho de lado...como coitadinhos, por isso é que escondem às vezes o sítio onde fizeram formação. Não sei se por vergonha ou medo de acharem que eles não são capazes...é difícil responder.

Construção da deficiência

Discurso dos outros sobre o jovem

Mudanças necessárias

ANEXO VIII

ENTREVISTA VIII

Caracterização dos Entrevistados FD1 e FD2

Nesta entrevista ouviram-se os sujeitos com código FD1 e FD2, que constituem os familiares, mais concretamente, os progenitores do sujeito D.

O pai (FD1), de 44 anos, tem o 4º ano de escolaridade e é electricista numa empresa nos arredores do Porto.

A mãe, designada FD2, de 42 anos é doméstica, tendo dedicado a sua vida aos cuidados do filho. Tem 6º ano e frequenta actualmente o Programa “Novas Oportunidades”, à noite, para obtenção do 9ºano de escolaridade.

Condições de realização da entrevista

Precedeu a realização da entrevista uma conversa informal com os entrevistados com explicitação dos seus objectivos e finalidade da investigação. Havia sido acordado e autorizado previamente o seu registo em áudio. A entrevista durou cerca de 20 minutos e foi realizada no dia 27 de Fevereiro de 2009, nas instalações da empresa em que o entrevistado exerce funções. A mãe assumiu-se como educadora mais próxima.

Liderou a entrevista, caracterizando-se a sua participação pela total colaboração. Não se escusou a responder a qualquer questão, mesmo quando a emoção emergia.

A transcrição procura ser fiel ao discurso oral, tal como foi produzido.

Guião de entrevista

DADOS A RECOLHER: Representações dos pais dos jovens quanto aos itens:	
A- Percurso escolar do jovem	<p>A1- Gostava que me falasse um pouco sobre a/o sua/seu filha/o...como foi o percurso dela/dele na escola, passagem para a formação profissional e recentemente integração na empresa.</p> <p>A2- Foi apoiado por professor de Educação Especial? Se sim, de que medidas usufruiu?</p> <p>A3- Qual o contributo da Educação especial no desenvolvimento do jovem?</p>
B- Questões relacionadas com a formação profissional, empresa e deficiência	<p>B1- Qual a reacção do jovem, amigos e família à formação profissional no ...(Instituição)?</p> <p>B2- Qual o impacto da formação profissional na vida do jovem e na da família? Que competências adquiriu que permitiram ou facilitaram o emprego?</p> <p>B3- O que mudou na vida do jovem e da família com o salário?</p> <p>B4- Quais os factores que fazem com que as empresas proporcionem estes estágios e o emprego?</p> <p>B5- Alguma vez sentiu que o jovem foi olhado ou tratado pelos outros de forma diferente, na escola, formação, empresa... outros locais?</p>
C- Enquadramento laboral actual	<p>C1- Como se sente relativamente ao emprego actual do jovem? Corresponde às expectativas?</p> <p>C2- Em caso de desemprego, acha que o jovem é capaz de arranjar emprego sozinho ou necessita de mediação?</p>
D- Vida familiar e social dos jovens	<p>D1- Conte-me um pouco da forma como o jovem ocupa os tempos livres e férias...</p> <p>D2- Que diferenças destaca a esse nível no período antes e pós formação/emprego?</p>
E- Experiência de inclusão/ exclusão Social na comunidade	<p>E1- Considera que o jovem está integrado na empresa e na sociedade?</p> <p>E2- Descreva a forma como o jovem acede aos Serviços.</p>
F- Contributos da escola, da família e da formação profissional	F1- Quais os contributos da escola, formação e emprego no desenvolvimento da jovem? Que aspectos mudaria?
G- Expectativas dos pais para vida futura	G1- Quais os projectos para o futuro?

Transcrição da Entrevista

A1 Gostava que me falassem um pouco sobre o vosso filho... como foi o percurso dele na escola, passagem pela Formação profissional e agora a integração na empresa...

FD2: Não sei muito bem o que hei-de dizer... (pausa). Ele teve sempre muitas dificuldades, foi seguido desde pequenino em Terapia da Fala, primeiro no Centro de São José, depois no Maria Pia. Depois conseguimos a Terapia da Fala em gabinete. Depois foi para o Ciclo e continuou com as Terapias, recebi um subsídio do estado que pagou as sessões durante dois anos para ele aprender no gabinete (menciona o nome) em... . E depois foi para o Centro da... (local) e de lá para a (Instituição). Foi no...(Instituição) que arranjaram para ele vir para esta empresa.

Construção da deficiência

Discurso dos familiares sobre o jovem

Percurso vivido na escola regular

Formação Profissional

A2 O vosso filho foi apoiado pela Educação Especial?

FD2: Sim, quase desde que nasceu. Logo no parto... (pausa). Foi por fórceps...(pausa). Ele ficou afectado na parte direita do cérebro e esteve quinze dias na incubadora. Mal saí da Maternidade, isto há 24 anos atrás, pagámos numa consulta doze contos num médico particular no Porto. Ele disse-nos sempre que ele iria ter dificuldades na aprendizagem, que teríamos que andar dois a quatro anos para trás na idade dele. Mas, graças a Deus, até agora, eu acho que ele até se tem desenvolvido muito bem.

Acesso ao 1º emprego

Construção da deficiência

Discurso dos familiares sobre o jovem

A2 E na escola, como foi o percurso dele, que tipo de currículo frequentou?

FD2: Ele tem o 9º ano incompleto, tem o 6º ano. Andou lá no Ciclo três anos, depois os professores viram que ele não aprendia mais e mandaram-no para...(local). Os professores de (...) (refere a escola E.B.2,3) mandaram-no para... (Instituição), para ver se ele aprendia

Percurso vivido na escola regular

Formação Profissional

uma profissão. Eu queria que ele estudasse mais, tirasse o 9º ano ao menos ou o 12º ano como a irmã, mas ele não aprendia mais. Ele, aliás, não fazia todas as disciplinas como os outros colegas. Só tinha algumas, as mais práticas, acho que era assim, e o ensino especial. Sabe, eu nunca arranjei trabalho, andei sempre com ele de um lado para o outro, em consultas, em terapias, transportes... duas três vezes por semana, às vezes mais...nunca pude arranjar emprego.

Mudanças desejadas

Construção da deficiência

Discurso dos familiares sobre o jovem

B2 Qual o impacto da Formação Profissional na vida do vosso filho e na vossa vida?

FD2: Eu acho que não... (pausa), que teve pouco impacto na vida dele. Ele no... (local) queria ser jardineiro, depois quando veio para...(Instituição) mudou de ideias: começou com o atletismo e se calhar

Formação Profissional

por influência dos colegas mudou de ideias, já não queria ser jardineiro, queria arranjar trabalho.

B2 O que acham que ele aprendeu em termos de competências na Formação Profissional?

FD2: Eu acho que ele não aprendeu muito no... (local). Aqui no... (Instituição) também foi a mesma coisa. Aprendeu a lavar carros, montar e desmontar peças na reciclagem...se calhar ele não daria para outra coisa, e escolheram o que era melhor para ele... (pausa). Mas eu não sei se o meu filho não terá possibilidade de ter outro emprego melhor.

Formação Profissional

Desenvolvimento de competências pessoais

Inserção profissional ideal

D2 E em termos de competências pessoais e relacionais, isto é, na forma de ser, de se relacionar convosco, com amigos, com os irmãos... notaram alguma mudança, antes e após a formação?

FD2: Ele fala...(pausa) sabe manter um diálogo...(pausa) sempre teve muitos amigos, mas gosta mais de andar sozinho, do seu canto. Mas, agora sempre tem mais responsabilidade, mesmo no cumprimento dos horários.

Desenvolvimento de competências pessoais

Relações Interpessoais

E a nível de autonomia?

FD2: Ele é autónomo, sempre usou os autocarros desde pequenino e ia para...(local) de comboio, depois de ensinado. Sempre se levantou cedo. Mas desde que veio para esta empresa, com o trabalho, ele já viu que isto aqui é de responsabilidade, levanta-se a horas, até bem cedo, cumpre o horário. É trabalhador, faz o que lhe mandam. Faz o que andou a treinar na...(Instituição).

Acesso a Bens e Serviços

Situação laboral actual

Desenvolvimento de competências pessoais

B4 Na vossa opinião, o que faz com que estas empresas aceitem estes jovens com mais dificuldades?

FD2: Uns...(pausa) acho que é para ajudar estes jovens...(pausa) ou também têm alguém na família com problemas e estão mais sensibilizados para isso e dão uma ajuda. Para outros patrões, acho que conta também os incentivos do Estado...(pausa) eu acho que alguns fazem-no por causa dos subsídios do estado. Claro que uma empresa não vai pôr uma pessoa assim em vez de um bom trabalhador. Claro que eles também trabalham, mas precisam de mais tempo para aprender. Precisam que falem bem com eles, com calma.

Construção da deficiência

Discurso dos familiares sobre o jovem

O senhor (dirijo-me ao pai) referiu há pouco, antes de iniciarmos a entrevista, que ele é atleta de alta competição, vai para França agora em Março. Quer contar-me um pouco dessa experiência?

FD1: Sim. Ele começou pela escola, assim de repente... (pausa). Ele foi sempre a várias provas e nós deixámos. Nunca pensei que chegasse ao nível em que está agora. Só que nós não recebemos ajudas nenhuma da Federação, o que está mal, pois no período em que está fora deixa

Tempos livres e Lazer

Mudanças desejadas

de trabalhar. Até agora a empresa não tem descontado os dias, mas já viu? Agora são cinco dias e ele ainda está há pouco tempo a contrato...(pausa).É aborrecido, ponha-se no lugar os patrões. O governo só dá valor ao Futebol, não viu nos Para - olímpicos? Não querem saber. Eu é que compro tudo. Tenho que o levar aos treinos de preparação na Maia, é deslocações, é camisolas, sapatilhas, é tudo.

Situação
laboral actual

Direitos e
deveres

E1 e E2 Acham que o vosso filho tem capacidade para conseguir arranjar emprego sozinho?

Construção da
deficiência

Discurso dos
familiares
sobre o jovem

FD1: Não, provavelmente tinha que pedir a alguém, aos meus patrões para o deixar trabalhar comigo.

Relações
Interpessoais

Auto-
determinação

FD2: Não, não, não concordo. Ele teria, porque, eu, às vezes, até fico admirada com a conversa e o entendimento dele. Ele conhece as pessoas, os vizinhos, do prédio inteiro, conhece mais pessoas do que eu em vinte anos que lá moro. E às vezes diz: “Mãe, já falei com o Sr. ... e com o Sr.... (vizinhos do restaurante, ou de outras empresas), para se ficar desempregado arranjar emprego”. Eu acho que uma pessoa que o conheça facilmente lhe dá emprego, pois ele é muito trabalhador e responsável. E acho que se ficasse desempregado, ele ia ao centro de emprego e arranjava emprego. Ele desenrasca-se, desenrasca-se sozinho. Vai para todo o lado. Vai ao médico, trata do que é preciso...anda a tirar a carta...não sei se vai conseguir fazer o código, mas logo se vê.

Direitos e
deveres

Acesso a
bens e
serviços

B5 Alguma vez sentiu que o seu filho foi tratado de forma diferente, ou olhado de maneira diferente na escola, na Formação, noutros locais?

Construção da
deficiência

FD2: Não...não.(expressão facial indica o oposto; as lágrimas afloram)

Discurso dos
familiares sobre
o jovem

E o senhor, o que acha?

FD1: Não, não, é igual aos outros. Só no Desporto, é que não têm apoios como os outros. É tudo para o futebol, não vê?

D E os seus amigos, familiares, quando souberam que ele tinha arranjado emprego, como reagiram?

Ficaram contentes, mas também nós não temos grandes ligações com a família. Cada um em sua casa é que está bem. Não gosto de grandes ajuntamentos sabe?

F1- Se tivessem poder para isso, o que mudariam para que jovens como o vosso filho, isto é, com as características dele, fossem integrados mais facilmente na sociedade, no trabalho, na escola?

Mudanças
desejadas

FD2: Primeiro de tudo a educação dos pais com o apoio do estado.

Apoio? Importa-se de explicar melhor o que quer dizer?

FD2: Apoio para eles próprios... (pausa, reinicia o discurso com alguma emoção). Há pais que não reagem bem às deficiências dos filhos. Há pais que não reagem bem, julgam que os filhos são separados na escola, na formação. Pelo menos nos ... (refere os locais de formação) ouvíamos a opinião uns dos outros e eu lia e fomos aprendendo uns com os outros... (pausa). Primeiro o apoio aos pais. A mim, nunca me incomodou o facto dele andar no... (Instituição), porque sei que era do que ele precisava. (emociona-se)

Construção da deficiência

Discurso dos familiares sobre a

F1- E na escola?

FD2: Para mim deviam andar todos juntos... (pausa). Sabe, o meu filho mais novo tem 6 anos, e na sala dele anda uma menina com problemas e é tratada de modo igual por todos. As crianças se forem habituadas a conviver com estes problemas até ajudam. Ela tem uma tarefeira, é apoiada por uma professora de Ensino Especial e vem também à escola uma terapeuta da fala. Assim é melhor: uns puxam os outros e não há diferença. Se o estado fizesse assim até poupava, acho eu.

Mudanças desejadas

Propostas de mudanças às respostas educativas curriculares

F1- E em termos de emprego, mudava algum aspecto?

FD2: Ele está feliz aqui, por isso, para mim está tudo bem. Ele comigo abre-se, conversa, já o conheço bem e sei que ele está feliz aqui. As pessoas preocupam-se com ele. Olhe, por exemplo noutro dia o (...) (Empregador) disse-me que ele andava a comer mal, que comia muito depressa. Ele almoça aqui na cantina com os colegas. Todos se preocupam com ele. Mas o sonho dele era trabalhar na restauração, como empregado de balcão de um café ou assim...

Situação laboral actual

Relações interpessoais

D2 Para terminar, diga-me em que aspectos mudou o seu filho, antes e depois da formação?

FD1: Agora já sai, vai até ao El Corte Inglés com os colegas, vai aos espectáculos da Luciana Abreu, tem fotos com ela de vários espectáculos...(pausa) não sei como consegue, mas ele desenrasca-se.

Formação Profissional

Relações interpessoais

FD2: Fica muito preocupado quando perde alguma coisa, fica muito preocupado com o dinheiro. Sabe, já foi assaltado uma vez, agora dou-lhe apenas 5 ou 10 euros de cada vez, para o que ele precisar. Tem a continha dele e é poupado. Está mais adulto, mais responsável, ajuda nas tarefas de casa, por exemplo, passa a ferro, limpa a casa, cuida do irmão mais novo quando eu vou vender para as feiras... Sai sozinho. Está um homenzinho. Até já diz que quer comprar uma casa e quem sabe até casar...

Autonomia familiar e afectiva

Auto-determinação

ANEXO IX

ENTREVISTA IX

Caracterização do Entrevistado FB

O entrevistado com código FB é familiar - mãe - da Jovem B. Tem quarenta anos, o 4º ano de escolaridade e é empregada doméstica numa residência particular vizinha. Assumiu a educação da jovem, quase sozinha, durante anos, face à ausência do marido por emigração. Actualmente vive com o marido, a jovem em estudo e a sua bebé, uma outra filha de 32 anos desempregada e os descendentes desta.

Condições de realização da entrevista

A entrevista durou cerca de 60 minutos. Foi realizada no dia 14 de Março de 2009, na residência desta, por convite. Foi combinada anteriormente e autorizado o seu registo em áudio.

Precedeu a realização da entrevista uma conversa informal com a entrevistada com explicitação dos seus objectivos e finalidade da investigação.

A mãe liderou a conversa, apesar da presença física do pai, por este ter estado emigrado durante longos anos em França. A figura materna mostrou disponibilidade de resposta às questões enunciadas, com desinibição.

A transcrição procura ser fiel ao discurso oral, tal como foi produzido. Omitimos contudo a referência explícita a nomes de pessoas, instituições e ou locais.

Guião de entrevista

DADOS A RECOLHER: Representações dos pais dos jovens quanto aos itens:	
A- Percurso escolar dos jovens	<p>A1-Gostava que me falasse um pouco sobre a/o sua/seu filha/o...como foi o percurso dela/dele na escola, passagem para a formação profissional e recentemente integração na empresa.</p> <p>A2- Foi apoiado por professor de Educação Especial? Se sim, de que medidas usufruiu?</p> <p>A3- Qual o contributo da Educação especial no desenvolvimento do jovem?</p>
B- Questões relacionadas com a formação profissional, empresa e deficiência	<p>B1- Qual a reacção do jovem, amigos e família à formação profissional no ...(Instituição)?</p> <p>B2- Qual o impacto da formação profissional na vida do jovem e na da família? Que competências adquiriu que permitiram ou facilitaram o emprego?</p> <p>B3- O que mudou na vida do jovem e da família com o salário?</p> <p>B4- Quais os factores que fazem com que as empresas proporcionem estes estágios e o emprego?</p> <p>B5- Alguma vez sentiu que o jovem foi olhado ou tratado pelos outros de forma diferente, na escola, formação, empresa... outros locais?</p>
C- Enquadramento laboral actual	<p>C1- Como se sente relativamente ao emprego actual do jovem? Corresponde às expectativas?</p> <p>C2- Em caso de desemprego, acha que o jovem é capaz de arranjar emprego sozinho ou necessita de mediação?</p>
D- Vida familiar e social dos jovens	<p>D1- Conte-me um pouco da forma como o jovem ocupa os tempos livres e férias...</p> <p>D2- Que diferenças destaca a esse nível no período antes e pós formação/emprego?</p>
E- Experiência de inclusão/ exclusão social na comunidade	<p>E1- Considera que o jovem está integrado na empresa e na sociedade?</p> <p>E2- Descreva a forma como o jovem acede aos Serviços.</p>
F- Contributos da escola, da família e da formação profissional	F1- Quais os contributos da escola, formação e emprego no desenvolvimento da jovem? Que aspectos mudaria?
G- Expectativas dos pais para vida futura	G1- Quais os projectos para o futuro?

Transcrição da Entrevista

A1 Gostava que me falasse um bocadinho sobre o percurso da ...(jovem B), na escola, passagem para a formação profissional e recentemente integração na empresa.

A ... (Jovem B) teve muitas dificuldades desde o início, na fala. Falava, falava, falava e ninguém a entendia. Até pensavam que ela era estrangeira, porque ninguém a entendia e como o pai estava fora pensavam isso. Chegou à fase de entrar para a escola teve sempre aquele problema. Apoios?... (pausa) apoios, poucos. Depois saí da casa onde estava, vim para aqui, ela andou ali na ...(Escola EB1 regular) um anito ou quê e depois foi para a escola ...(E.B. 2,3 regular) de... . Andou lá até ao 7º ano, mas não completou, porque não consegui. Não tinha capacidade para seguir mais. Chegou andar ali em ...(refere local) num Centro de Terapia da Fala, mas eles disseram que não adiantava nada andar lá. Na altura, eram quatro contos cada hora, e se a gente se atrasasse um bocadinho na camioneta, pagava na mesma quatro contos por meia hora ou o tempo que fosse. Depois chegaram à conclusão de dizer que não valia a pena eu nadar lá a gastar dinheiro, porque não valia a pena. Cheguei depois a ir para umas consultas ali em...(local) para Terapeuta da Fala. Ainda andou lá bastante tempinho, depois teve alta, não adiantava. Operação também não adiantava, cheguei a ir ao Hospital de Gaia, mas o Chefe, o Chefe mesmo do Hospital também disse que não adiantava nada, o problema dela era no cérebro e se mexesse no cérebro acabava tudo. Depois essa professora em... (professora da Educação Especial) disse-me: “Se eu mandar a senhora para um médico, meu conhecido, não é desconfiar da senhora, a senhora vai?” Eu disse-lhe que sim. “Pela minha filha faço tudo, só não faço o que não puder.” E lá fui para o Porto sem saber nada. Andei lá também em várias consultas e assim, mas acabei por desistir. Mas a capacidade dela, nas consultas, na escola e tudo, fui notando que ela ia melhorando na fala. Depois na escola de ...(E.B.2,3) arranjam para ela ir para o ...(Centro de Reabilitação), vinha a carrinha aqui a casa buscá-la, no horário que era para ir para o Centro, e depois ia para o...(local). Se fosse de manhã, eles vinham cá buscá-la e depois, de tarde, levavam-na para a escola; se fosse de tarde, iam buscá-la à escola, levavam para a ...(local) e depois traziam-na cá a casa. Depois lá andou. Depois eles lá na ...(local) arranjam vaga para ela vir para aqui (Instituição) e esteve na...(Instituição) a fazer Formação para aí 4 anos, salvo erro, escolheu Serigrafia. Mas para Serigrafia estava difícil para arranjar empresa, foi quando a Dr.ª...(Técnica de Inserção) arranjou para onde ela trabalha agora, para fazer Estágio. Foi para lá, andou lá um ano a fazer estágio, depois assinaram contrato. Entrou em 2007, andou um ano em Estágio, e no fim assinou contrato. Agora em Janeiro de 2009 renovou contrato. Para

Construção da deficiência

Discurso dos familiares e discurso dos outros sobre o jovem

Percurso vivido na escola regular

Construção da deficiência

Discurso dos familiares e discurso dos outros sobre o jovem

Formação profissional

1ª Experiência laboral profissional

Acesso ao emprego

agora, como ela a bebé e tudo, eu estava com medo que o emprego estivesse em risco. E parece que estava mesmo... O ... (Director dos Recursos Humanos), não sabia que ela andava de bebé, ela foi muito abaixo, não estava a dar a produção que havia de dar e eles estavam com ideias de a mandar embora no fim do contrato. Então lembrei-me de ligar à Dr.^a... (Técnica de Inserção) e falar como ela estava, quando eu soube. Eu não sabia também, quando soube ela já tinha 33 semanas. Contei-lhe o que se estava a passar. A Dr.^a ... (Técnica de Inserção) disse: “Vou ver o que posso fazer.” Ela foi lá e foi quando eles disseram que ela estava muito em baixo, não estava a dar a produção que dava dantes, e que estavam a pensar despedi-la. Mas, uma vez que o problema era esse, o despedimento então estava fora de questão. Agora, não sei. Acabou o contrato em Janeiro, não a mandaram embora, nem nada.

Situação laboral actual

D^a..., a senhora estava a referir há pouco que o problema da ... foi sempre da fala. Qual o diagnóstico que tinha?

Foi. Isto é assim, fui para o Hospital de... (identifica local) três vezes para ter a ... (Jovem B) e mandaram-me embora. Dois dedos de dilatação, isto está atrasado, isto está atrasado e mandavam-me embora. Mas pelas contas da médica da Caixa, logo a primeira vez que eu fui ao Hospital para ficar lá, era já a altura em que ela havia de nascer. E pelas minhas contas também. Mas como a dilatação estava atrasada mandaram-me embora. Da segunda vez, tornei a ir, com dores, tornaram a dizer “Dois dedos de dilatação, a senhora vai embora, que está atrasado.” Da terceira vez, tornei a ir, mas já com quinze dias e a bebé lá dentro, e eu já não a sentia mexer. E, a minha sogra disse-me: “Vai ao Hospital, que tu assim não andas bem. Vai ao Hospital que a bebé já não mexe, deve andar já morta aí dentro”. Eu assustei-me logo e fui logo. Cheguei lá e quem me atendeu ia-me mandar embora outra vez. Mas eu disse-lhe: “Desculpe senhor Dr. mas eu hoje não saio daqui! Porque estive cá tal dia, dois dedos de dilatação, mandaram-me embora; estive aqui tal dia, voltaram a mandar-me embora. E agora não me fazem nada? E de mais a mais não sinto a bebé a mexer.” Mesmo assim mandaram-me para a enfermaria e estive lá uma tarde inteira sem me fazerem nada. Eu a dizer, que já era o terceiro bebé que tinha, que não fazia a dilatação, que era só à força de soro e injeções que fazia a dilatação, que sozinha não conseguia, mas não adiantou nada. Depois levantei-me sozinha ia uma médica a passar e contei-lhe, então fui para a sala de partos, mas mesmo assim estive ali em sofrimento, mas primeiro que ela nascesse? Ouvi o médico a dizer para a enfermeira: “Vamos tratar da mãe porque o bebé parece que nada feito” Pôs aquele funil, nada, Depois uma cinta eléctrica na barriga, nada. Entretanto ela começou a dar voltas e nasceu. Completamente uma peça roxa. Não chorou. Levaram-na logo para aquela salinha onde arranjam os bebés, chorar? Nada. Sei lá, tinha passado já para aí meia hora quando ouvi um choro muito fraquinho

parecia quase um gato a miar. Enfermeira veio á minha beira e disse “Esteja descansada que a sua bebé já chorou. Um choro muito fraquinho, mas temos gente.” E diz ela. “ A senhora não imagina como a sua bebé estava. Andava com se fosse numa poça de água choca e bebé aquela porcaria toda”. Arranjaram-na mas ela nunca mais veio para a minha beira. Veja lá com 3.300 gramas e com 49 cm, não precisava, não precisava. Depois tive alta, mas ia lá todos os dias. Andava sempre atrás do médico e tanto insisti “ Quero saber o que se passa com a minha bebé, quero saber o que se passa com a minha bebé!”, que ele acabou por me dizer “ É muito grave. A sua bebé bebeu parto e o parto subiu-lhe à cabeça”. Depois disse-me : vamos fazer um exame no Hospital Santo António fazer um exame à cabeça, se quiser acompanhar a bebé esteja aqui às x horas e pode ir com a enfermeira”. Eu fui, mas para mim aquilo era escuro, era um televisor... eu no fim, fiquei sozinha com o médico e aproveitei para lhe perguntar o que se passava com a minha bebé. Ele disse:”Eu não lhe posso dizer!” Mas eu insisti: “Sabe o meu marido não está cá e eu tenho de lhe dizer o que se passa com a bebé.” Ele então pediu para eu fazer de conta que não sabia de nada, porque o médico da bebé é que tinha que me dizer. Mas acabou por me explicar.” **Sabe ... o tempo que ela andou a mais lá dentro, bebeu aquele parto, subiu à cabeça, estava-lhe a criar líquido na cabeça**”, ela, bebezinha tinha uma cabeça enorme ...e duas células já mortas”. E disse-me que ela tinha que fazer uma operação o mais rápido possível para expulsar aquele líquido para fora. Perguntei ao médico se resultava e eles disse-me que na maioria dos casos, que sim. Voltou para o hospital, mas depois deram-lhe alta, porque havia muitos casos de meningite no Hospital. E não é que ela apanhou também? Fui logo com ela para o Hospital outra vez. Esteve entre a vida e morte. Depois foi recuperando. Depois teve alta e veio para casa. Mas pendia a cabecinha para o lado onde tem a válvula, sabe, era o peso do líquido. Depois, foi para o Hospital Maria Pia, e... o meu medo era que ela não aceitasse a válvula. Depois nunca mais marcavam a operação e o tempo a passar. Até que, através de uma colega de trabalho, arranjei uma enfermeira amiga que trabalhava lá e ela foi logo operada. Era uma quinta-feira e foi operada logo na segunda. E foi à primeira, correu bem graças a Deus. Havendo conhecimentos há tudo, não havendo não se arranja nada. Aos seis anos foi operada às vistas e começou a usar óculos.

Discurso sobre a Deficiência

Construção da deficiência

Discurso dos familiares e discurso dos outros sobre o jovem

A2 Diga-me ... ela foi sempre apoiada pela Educação Especial? Se sim de que medidas usufruiu?

Ora bem, **na Escola ela foi, foi sempre apoiada pela Educação Especial. Mas não fazia as disciplinas todas. As disciplinas eram sempre diferentes dos outros. E... tinha educação especial com a professora do apoio.**

Percurso vivido Escola regular

A3 Para si, qual foi o contributo da Educação Especial no desenvolvimento da ...(jovem B)?

Ora bem, eu acho que a ajudou muito.

Mas, em que aspectos? Importa-se de concretizar?

Eu acho que a... (jovem B) da maneira como falava, da maneira como compreendia, se não tivesse andado na Ensino Especial, se calhar nem até ao 7º chegava. Não sei quase de certeza que não. E depois ali na escola de...também disseram que não valia a pena ela estudar mais, que o problema dela não permitia andar mais para a frente. Foi quando foi para a ...(local), para o Centro, e lá também aprendia, era tipo uma escola sabe, aprendia um bocadinho de cada coisa. Mas para além disso aprendeu uma profissão. Depois veio para a ...(Instituição). Sem a Formação na...(Instituição) não tinha conseguido chegar onde está hoje.

B1 Qual foi a reacção da sua filha, da senhora, da irmã, isto é, da família mais chegada, quando ela iniciou a Formação ali na ...(Instituição)?

Eu reagi bem, porque deve de compreender, nós, se já é difícil arranjar emprego para pessoas que não têm problemas nenhuns, que fará para pessoas como a minha filha, não é? E nós não temos conhecimentos, nem nada, era muito mais difícil eu a empregar num sítio qualquer, não é?

B1 E como foi adaptação dela à ...(Instituição)?

Ela gostava de lá andar. Só que o que a chocava um bocadinho, que ela às vezes chegava a casa e dizia, era aquelas crianças mais deficientes. Ela às vezes dizia assim: “Ò mãe, até me custa ver aquelas crianças deficientes” .

B1 E a Sr.ª, como é que viveu essa situação?

Como imagina, eu ...pronto...(pausa) uma mãe ou um pai que gostem muito dos filhos não gostam de ver os filhos assim, não é? Mas tenho a agradecer muito à Dr.ª... (Técnica de Inserção) e à ...(Monitora da Formação). Tenho a agradecer também ao Dr. ...(Coordenador da Formação), tenho a agradecer muito, sem a ajuda deles ela não conseguia estar onde está hoje, empregada.

B2 Dª ... , diga-me, então, na sua opinião, qual foi o impacto da formação profissional na vida da ... (jovem B) e mesmo na da vossa família? Isto é, que competências é que ela adquiriu, que permitiram ou facilitaram o emprego?

Acho que ela cresceu muito. Desenvolveu em bocadinho, mesmo aqui em casa, começou a ajudar. Ela ajuda no que pode,

Percurso vivido
Escola regular

Formação
Profissional

Acesso ao
1ºemprego

Construção da
deficiência

Discurso dos
familiares sobre
o jovem

Acesso ao
1ºemprego

Construção da
deficiência

Discurso dos
familiares sobre
o jovem

Discurso do
jovem sobre os
outros pares

Formação
Profissional

Acesso ao 1º
emprego

Formação
Profissional

desenrasca-se, mas tem uma coisa é muito vagarosa, tem que ser tudo sem pressa. O pai já lhe tem dito: “Um dia que te resolvas a casar, tens que te arranjar antes uma semana, que é para chegar ao dia do casamento e estares pronta”. Mas, eu acho que ajudou em tudo, na autonomia, ajudou em tudo. Ela gostava do que fazia e isso ajudou muito.

Desenvolvimento de Competências Pessoais

B3 O que mudou na vida da ...(jovem B) com o salário? O que é que ela faz agora de diferente, mesmo nos tempos livres?

Auto-determinação

Olhe, nos tempos livres, ela pega na menina e vai dar um passeio. Quando vê que tem roupiça para passar, põe-se a passar, como ainda ontem, esteve aqui a passar. Vê um servicito para fazer, e mesmo sem ninguém lhe dizer nada, ela faz.

Tempos livres e lazer

D1/D2 E de lazer, actividades de lazer, o que costuma fazer a ...(jovem B)?

Competências Pessoais

Como?

Tempos livres e lazer

Costuma sair, ir ao cinema...?

Não, agora não vai. Ela é muito “caseirita”. Quando andava na fábrica, antes da bebé nascer, às vezes, as colegas convidavam-na para a ir tomar um café, ou sair e ela lá ia, com as colegas da fábrica. Sozinha não gosta de andar, não vai para lado nenhum a não ser que tenha mesmo que ir, por exemplo, às consultas com a bebé... ou assim.

Autonomia familiar e afectiva

E2 Mas não vai ao médico sozinha por ser inibida, ou por não se sentir capaz, qual é a sua opinião?

Acesso a bens e serviços

Não, não, ela sente-se capaz. Ela às vezes diz assim. “Ó mãe, fui a ...(local) comprar umas sapatilhas ou uns sapatos.” Vai, vai, vai sozinha. Diz-me: “ Ó mãe dá-me dinheiro que eu vou lá”. Se for preciso fazer umas compritas, ao Modelo, ela vai, vai.

Autonomia financeira

B2 E onde é que ela adquiriu essas competências?

O Centro ajudou-a muito. Ajudou-a em tudo. Eu às vezes, mesmo aqui em casa, queria ensinar-lhe isto ou aquilo e ela dizia: “Ó, ó.. ó mãe deixa lá... Ó mãe, eu já sei... deixa lá, ó, ó...”. Porque no Centro ela aceitava melhor, fazia tudo o que lhe diziam e isso ajudou-a em tudo. Desenvolveu-a muito, sabe?

Formação Profissional

B4 Olhe... e, na sua opinião, o que faz com que certas empresas proporcionem estágios e mesmo o emprego a estes jovens?

Competências pessoais

Acho que é capaz de haver qualquer apoio da Segurança Social ou assim.

B5 Alguma vez sentiu que a ... foi olhada ou tratada de forma diferente, na Escola, Formação, Empresa, ou noutros locais?

Sim, sim, infelizmente sim.

B5 Importa-se de me falar um bocadinho sobre isso?

Eu cheguei a chamar várias vezes as pessoas à atenção, porque olhavam para ela de lado. Ela não sabia falar bem, não se sabia explicar, ainda hoje tem frases em que ela troca as palavras. E eu digo: "Ó filha não é assim." Porque a...(Jovem B) é assim: ela em pequenina era muito nervosa e agora Graças a Deus perdeu esses nervos. Ela batia com a cabeça na parede. Puxava-me o cabelo... E depois com o problema dela de não falar em condições, de não se perceber bem, as pessoas faziam pouco dela. Olhe uma vez, fiquei tão desesperada, que disse mesmo: "Ei, atenção. À minha beira não admito que gozem com ela. Ninguém está livre de ainda ficar pior do que ela. E vós hoje sois sãos, mas de hoje para amanhã, podeis ter filhos que ainda sejam piores do que ela. Oxalá que não." Mesmo na escola, faziam muito pouco. Como ela era assim, eu vestia-lhe fato de treino. E os mais espigadolitas tentavam abusar. Uma vez ela chegou a casa a chorar. Eu perguntei: "O que foi filha?" "Fulano puxou-me as calças para baixo." Cheguei a ir muitas vezes à escola chamar a atenção à professora. Mas ela era engraçada, porque repare nos problemas que ela tinha, mas nem queria que eu fosse levar ou buscar. Queria ir sozinha e vir. Nós morávamos perto da escola na altura.

C1 E, em relação ao emprego actual, D^a..., este emprego da sua filha vai de encontro às suas expectativas?

Ora bem, não é dos melhores, sabe como é? Se fosse uma coisinha...ela não desgosta. Ela adaptou-se muito bem àquilo, e gosta muito do que faz. Também os colegas são muito amigos dela. Os chefes também. Ela não tem que dizer, e se ela não tem que dizer, quem sou eu, não é? Mas, não era bem isso que eu tinha sonhado para ela. Eu gostava...se ela escolheu a Serigrafia, era isso que eu gostava para ela, mas pronto. Era esse o gosto dela, mas não se pode, não se pode. É o que se pode ter...também não está fácil, pr'a ninguém.

C2 Em caso de desemprego, acha que a ...(Jovem B) é capaz de arranjar o próprio emprego?

Não sei...ela como nunca foi, não sei se teria capacidade de se desenrascar... Ela conhece o Centro de Emprego... agora quando foi preciso ir tratar do Abono da bebé eu tive de ir com ela, porque ela tinha de ir a muitos sítios e eu achei melhor ir com ela.

Construção da deficiência

Discurso dos familiares sobre o jovem

Discurso dos outros sobre o jovem

Acesso a bens e serviços

Autonomia familiar e afectiva

Inserção profissional ideal

Direitos e deveres

E2 E as consultas, a senhora vai com ela porquê? Não a sente capaz de cuidar sozinha da bebé? Por que é que vai com ela?

Olhe, é assim...se calhar aí é mais um medo meu de ela andar sozinha com a bebé. Acho que é mais isso. Se ela tem capacidade para ir ao Modelo buscar o que eu lhe mando, também tem capacidade para ir sozinha com a bebé, não é? Mas só que quando ela estava de bebé e ela ia lá baixo à consulta ao Hospital se eu não fosse com ela, ela ficava lá sentada, também nem sempre se explicava bem. Eu tinha que lhe dizer, tens que perguntar à Sr.^a Dr.^a isto e aquilo, sabe? Eu digo-lhe.”Quando não perceberes, pede que expliquem.” Mas ela é um bocadinho envergonhada. Mas, olhe, no fundo, eu fico mais descansada assim.

Acesso a bens e serviços

E1 Acha que a ...(Jovem B) está integrada na empresa e na sociedade?

Ora bem, sei lá... (pausa). A questão do trabalho... (pausa) acho que está bem integrada. A partir do momento que ela trabalha por gosto, está bem integrada. Ela adaptou-se bem, gosta deles, o chefe gosta dela. Quando teve bebé, vieram imensas colegas cá a casa, o chefe também, estão sempre a mandar-lhe mensagens, não posso dizer o contrário.

Situação laboral actual

Relações interpessoais

E em termos da sociedade, o acesso aos serviços, quero dizer, ela sente muitas dificuldades no dia-a-dia?

Eu acho que sim. Necessita de ser acompanhada, qualquer serviço público a que ela tenha que aceder, necessita da nossa companhia. Ela muitas das vezes não percebe o que lhe querem dizer, necessita que a gente esteja lá lhe explique o que ela tem de fazer. Porque senão fecha-se e as pessoas se não lhe perguntam ela também não diz, é capaz de vir embora sem perceber o que tinha de fazer.

Acesso a bens e serviços

B2 Vou voltar de novo a uma questão anterior. Quando a... (Jovem B) veio ali para a ...(Instituição), vocês notaram alteração nas competências?

Mesmo a nível pessoal, repare, eles foram capazes de desenvolver competências, mesmo a nível de tarefas de casa, de se cuidar, que em casa a gente dizia mas ela não tinha paciência para aprender. Mesmo na Formação eles diziam.” Ó...(Jovem B) fazes de conta que isto aqui é uma brincadeira. Mas quando fores lá para fora, é diferente: tens de cumprir horários, tens de...” Ela também, lá isso era, ela saía daqui e era pontual. Eu perguntava sempre nas reuniões à Dr.^a ... (Técnica de Inserção) se ela se atrasava, mas diziam-me que ela cumpria sempre. Mas, tem é de ter o seu tempo. Sabe, ela é muito calma, muito vagarosa, precisa do seu tempo para se arranjar. Por exemplo de manhã, necessita sempre de uma hora para se arranjar. Ela sabe as horas e tudo... Nós nunca a pusemos

Formação Profissional

Desenvolvimento de Competências Pessoais

Acesso ao 1º emprego

na situação de acordar sozinha. Ainda baralha um bocadinho. Também nunca a pusemos à prova.

G1 Projectos para o futuro, D^a..., o que aspira para a...(Jovem B)?

Um futuro bom, risonho, era o que eu queria para elas ...(pausa) para as duas. (sorrindo)

F1 Se pudesse, mudava alguma coisa ao nível do Estado, Centros de formação, Escolas? Acha que há alguma coisa que necessite de ser alterado, digamos assim?

É preciso, era preciso... (pausa) porque, as ajudas para estas crianças não são nenhuma. E eu nunca me esquece, o meu marido estava lá fora, e mandava-me naquela altura cem contos por mês e eu pagava quase isso do apartamento. E ela andou muitos anos só a receber o Abono normal. O médico que a seguia no Hospital nunca me disse que eu tinha direito ao abono complementar para ela, e eu não sabia. Só passados uns anos valentes, quando ele foi para a reforma e a médica que o veio substituir é que me disse. Só depois é que comecei a receber o abono complementar. Há muita coisa injusta ainda. Há muita coisa injusta. Há crianças a precisar de apoios e não têm, a senhora também deve conhecer.

Mudanças às respostas curriculares vividas

G1 Ela disse-me que gostava de estudar outra vez, mas se tivesse dinheiro para uma professora particular.

É, ela diz que gostava de aprender mais...(pausa). Outro gosto dela era tirar a carta. Eu já a meti na escola de condução, mas olhando ao problema dela, eles disseram-me se eu queria vê-la, de hoje para amanhã, numa cadeira de rodas. Ela pode não ter capacidade e andar na rua, surgir-lhe um obstáculo e não saber o que fazer. Ela ficou muito triste por causa disso, teve de desistir.

Mudanças às respostas curriculares vividas

Acesso a bens e serviços

G1 E casar, arranjar casa, faz parte dos planos?

Ela é muito caseirinha. Nunca foi namorada. Havia um rapaz que queria casar com ela, mas ela tinha vinte anos e disse que era muito nova, não quis. E depois olhe, aconteceu...mas estamos muito contentes. Queremos é ter saúde para a ajudar a criar a filha.

Auto-determinação

Autonomia familiar e afectiva

ANEXO X

ENTREVISTA X

Caracterização do Entrevistado T1

O entrevistado com código T1 tem frequência de Curso de Psicologia e é o Coordenador da Unidade de Formação Profissional numa IPSS do distrito do Porto, onde os jovens A, B, C e D fizeram formação profissional. Trabalha com jovens portadores de deficiência mental há 27 anos. Coordenou directamente o processo de formação dos sujeitos ABCD em estudo. Acompanhou o estágio e contratação dos mesmos em empresas.

Condições de realização da entrevista

A entrevista durou cerca de 60 minutos. Foi realizada no dia 21 de Março de 2009, nas instalações da Instituição em que o entrevistado exerce funções, tendo sido combinada anteriormente e autorizado o seu registo em áudio.

O sujeito mostrou uma participação colaborante, discorrendo com facilidade e desenvoltura sobre os assuntos. O seu discurso denota conhecimento das temáticas em discussão e formulação de juízos fundamentados pela experiência. A transcrição procura ser fiel ao discurso oral, tal como foi produzido. Omitimos contudo a referência explícita a nomes de pessoas, instituições e ou locais.

Guião de entrevista

ASPECTOS A RECOLHER: Representações dos técnicos:	
A1- Situação profissional face à problemática	A1- Nº de anos que trabalha com pessoas com Deficiência Mental? Desde quando? Formação de base? Especialização? Em que contextos?
B-Evidenciar as representações dos técnicos sobre o modelo de formação profissional	<p>B1- Caracterize a acção da L2 na vertente de formação profissional e transição para o mercado de trabalho.</p> <p>B2- Como viveu estes anos de trabalho com o jovem com DM? (Principais dificuldades/mudanças positivas)</p> <p>B3- Até que ponto a oferta formativa responde às expectativas dos jovens e necessidades do mercado de trabalho? Quem faz as escolhas? Qual o papel da família?</p> <p>B4- Quais os principais contributos da FP e do estágio na vida dos jovens com DM?</p> <p>B5- Quais as razões que levam as empresas a proporcionar estágio/emprego a estes jovens?</p>
C-Questões relativas à experiência de inclusão/exclusão social	<p>C1 O rótulo da deficiência desaparece ao ser colocado em mercado de trabalho?</p> <p>C2- A inclusão do jovem com DM, que passa pela FP é uma realidade? Quais as mudanças que identifica na vida familiar, pessoal, afectiva, comunitária...destes jovens?</p>
D-Identificar posições de actores sociais face à FP na educação da pessoa com DM e as suas propostas para alteração do vivido	<p>D1- A melhor resposta educativa//formativa situa-se na escola regular ou na escola especial?</p> <p>D2- Que condições deve reunir a escola regular para a inserção do DM?</p> <p>D3-Que articulação deve existir entre os diferentes serviços?</p> <p>D4-Que propostas faria para alterar a educação/formação profissional do jovem com DM, a nível de escola, da FP e integração em mercado de trabalho?</p>

Transcrição da Entrevista

A1 Como sabes estou a fazer uma investigação e procuro auscultar a representação que os próprios jovens com DM jovens têm quanto à influência da formação profissional na sua inclusão social. Gostava, por isso, de ouvir a tua opinião sobre alguns aspectos. Começaríamos, talvez, pela caracterização da tua actividade profissional, número de anos que trabalhas com pessoas com deficiência mental, em que contextos... enfim, um pouco do teu percurso profissional...

Isto não é fácil. **Eu trabalho há 27 anos, para aí, com esta população.** Começou um pouco por acaso. Eu comecei como tarefeiro na Segurança Social num Centro de Educação Especial. Como tarefeiro, porque na altura decidi não ir estudar mais. Os meus pais disseram-me:” ok, portanto tens que ir trabalhar. “ E então, comecei, fiz outras coisas entretanto, antes disso, e de repente surgiu... (pausa) a mãe de uma amiga minha disse que precisavam de um tarefeiro num centro de Educação Especial e perguntou se eu não me importava. E eu fui, e começou a minha experiência aí. Já estamos a falar de 26 ou 27 anos p’ra aí. As tarefas eram aquilo a que agora se chama as tarefas de auxiliares de acção educativa. Tinha de fazer um pouco de tudo. **Portanto a experiência que eu tenho é muito baseada no trabalho, no terreno, que é o que eu gosto mesmo de fazer.** Começa aí. Comecei por fazer um pouco de tudo, desde sei lá, acompanhá-los nas refeições, dar-lhes de comer, acompanhá-los nas saídas, nos transportes, lavá-los quando eles se sujavam...(pausa)fazia tudo o que era preciso fazer. E gostei, comecei a gostar. Depois e porque gosto de inventar um bocado, comecei dentro do centro a dinamizar algumas actividades relacionadas com os tempos livres e os directores começaram achar piada às coisas que eu fazia...(pausa) mas entretanto, ah ...(pausa) havia uma coisa engraçada: aquilo era e é, ainda existe função pública. E portanto a subida de categoria não era uma coisa muito fácil. Lembro-me que na altura a função na altura era vigilante. Chamava-se vigilante. As subidas de categoria não eram muito fáceis. Então eu comecei a exercer funções e a fazer coisas para além da categoria que exercia, mas com muito gosto. Eu ganhava um salário...não era miserável, mas não era uma coisa muito agradável. Mas, pronto, **desenvolvia as minhas actividades relacionadas com os tempos livres e com a animação.** Foi aí que eu comecei mesmo a trabalhar mesmo com eles, a envolver-me melhor e a trabalhar em todos os aspectos com eles. Era o responsável por toda a animação do Centro, da representação do centro no exterior, o acompanhamento, e planificação de todas as actividades de tempos livres, eram todas da minha responsabilidade. Bem e estive lá assim uns anos valentes com isso. E estudos? “Tá queto, faz mal”. E mantive-me assim bastantes anos. Um dia, numa das

Situação
profissional face
à problemática

actividades de exterior que fomos fazer, numa colónia de férias, em Árvore, em Árvore, eu estive, eu levei um grupo para lá e a directora da colónia achou piada ao meu trabalho, porque era um grupo que trabalhava a inclusão com crianças normais. E portanto, eu levava um grupinho de 4 ou 5, já não tenho assim a certeza, e nós entrámos muito bem nas actividades deles. E entretanto também dinamizei lá umas brincadeiras, umas coisas, que na altura tinha muito interesse, havia muito teatro de rua, participava assim em muita... muitas maluqueiras. E a directora uma vez lançou-me o desafio, se eu queria ir para a Colónia da Árvore como Animador da colónia. Pronto, fez a proposta à Directora do Centro onde eu estava e ela disse que não me ia cortar as pernas, uma vez que ,eu ia manter a mesma categoria profissional, só que como ia ficar num, tipo destacamento de Serviço iria ganhar muito mais do que ganhava na altura, isto também foi uma questão financeira, e a Directora disse-me que não me iria cortar as pernas, deixava-me ir, como é lógico, apesar de achar que eu já estava muito bem integrado ali, fazia parte da mobília, aquilo tudo... e lá fui. **E estive lá...(pausa) isso foi para aí em 92, estive lá uns aninhos, como Animador, nunca largando o trabalho com esta população, porque eu fazia questão que todas as colónias que nós montássemos, que houvesse integração de jovens, jovens e adultos com deficiência, sempre, fizemos sempre isso.** E portanto, mesmo na Árvore nunca cortei com esta população, mantive sempre essa relação lá. **Até que um dia, um Director da...(refere nome da Instituição LF2) apareceu lá, também com um grupo de jovens e também gostaram do que eu estava a fazer, do que eu fazia, e então o Dr(refere o Director) convidou-me par vir para a ...(refere nome da Instituição LF2) coordenar um CAO. Eu aceitei e foi assim que deixei a função pública e vim trabalhar para uma IPSS. Foi...foi um desafio. As funções eram outras. Eu sentia-me com necessidade de fazer mais coisas e então lá fiz. Durante esse período ainda andei a estudar, fiz o terceiro ano de Psicologia, mas depois a responsabilidade começou a ser muita e acabei por ver que não tinha tempo e o Curso está paradíssimo até hoje. E é assim que apareço aqui. Depois foi só uma questão de desafios: fui para...(refere outro Centro da mesma instituição). O Coordenador que estava em ...(refere local) foi-se embora, fiquei lá eu a substituí-lo. A Direcção achava que aquilo não estava assim lá muito bem. Fui lá tentar dar uma volta àquilo. Acho que consegui dinamizar aquilo de maneira diferente, não sei se melhor, se pior, mas seguramente diferente, porque não tinha nada a ver com aquilo que era antes. Depois um dia o Dr. ...(Director da Instituição) chamou-me ao gabinete, mostrou-me lá um prospecto novo e disse: Tem aqui, isto é um prospecto de Formação Profissional. Quer pegar nisto ou não quer? E ele disse: já houve alguns que tentaram e não conseguiram, disseram que era muito complicado, e eu disse. Bem, vou pegar nisso. E peguei. E é assim que nasce a Formação Profissional na**

...(designa Local de Formação Profissional LF2). Foi um processo muito complicado no início, porque eu não sabia nada daquilo, não tinha a mínima noção do que era Formação Profissional quer dizer sabia, mas, montar? Zero, zero. E então, agarrei isto e comecei a pensar o que poderia ser a Formação Profissional. Não tem nada a ver com o que é hoje, estás a perceber, também porque fizemos uma evolução, o próprio edifício sofreu evolução também, e foi assim que ela nasceu. E é engraçado, porque ainda hoje, falando com a... e a ...(refere outras Técnicas) por causa de umas questões, de umas papeladas, e de uns jovens que andaram aí a pedir informação, eu disse-lhes, precisamente isto: vocês não montaram isto de início, não sabem a dificuldade que é, vamos ajudar estes jovens, não vamos ser egoístas na nossa documentação, porque eu quando comecei a montar a Formação sei o que sofri, andei a bater a muita loja, a muita casa, para perceber como é que as coisas funcionavam, e precisei de ajuda e algumas pessoas ajudaram-me, por isso, vamos fazer isso com eles também. E, eu percebi, a dada altura que a FP era, e ainda é, um veículo muito importante de integração de um conjunto de jovens, não todos, mas que é fundamental qualificá-los e dar-lhes oportunidades para poderem desenvolver uma profissão. Depois há duas ou três nuances: temos jovens em CAO com perfil, com capacidade de executar trabalho em tarefas, mas não com capacidade de exercer uma profissão com autonomia - isso é um problema; mas de facto a solução está em mudar a lei e tentar ajustar de maneira a que eles possam fazer ou contratos de trabalho a tempo parcial, ou trabalho temporário, é preciso dar uma volta nisto. Repara eles têm capacidade de executar tarefa, o que não estão é habituados a trabalhar oito horas seguidas como nós: estão quatro, cinco, três, duas, e isso devia ser reconhecido. Também é um trabalho que se está a tentar fazer com umas parcerias que temos aí com ... (refere diversos Centros e Instituições) e com a Câmara, estamos a tentar criar um Blog, para tentar sensibilizar a malta, para ver se consegue pressionar um pouco as Associações Patronais e Sindicais, de maneira a que quando forem negociar com o Governo, já lá levem documentação para se tentar alterar a lei, de maneira a que seja possível esse tipo de contratos, e enquadramento para este tipo de pessoas, pessoas que nós temos cá e que existem por esse país fora. E a minha história é esta.

Impacto da FP na integração laboral e na inclusão social dos jovens com DM

Caracterização do modelo actual de Formação profissional

Proposta de alteração ao modelo de FP

mudanças necessárias

B1 Importas-te de caracterizar melhor os moldes em que funciona a Formação Profissional cá ...(instituição)? Disseste há pouco que já houve uma grande mudança, não é?

Qual foi a mudança? Nós, no início tínhamos a ideia que a Formação Profissional devia ser sobretudo trabalho aqui dentro da Instituição. E tivemos, no início grandes dificuldades em colocar jovens em mercado de trabalho. Agora é difícil, mas na altura era muito difícil. Porquê? Porque, de facto, que é que nós fazíamos?

Resposta /Adequação da FP ao mercado de trabalho

Eles tiravam um cursito e tal, estavam aqui connosco e depois íamos pedir emprego às pessoas e não pode ser assim. A primeira volta que nós demos foi de facto perceber que...foi mudar a estrutura da Formação. Então passamos para uma estrutura em que eles estão cá algum tempo connosco, adquirem aquilo a que nós chamamos a Formação de base, com desenvolvimento psicossocial, hábitos de trabalho, de interacção dos colegas, conhecer o meio ambiente, conhecer o meio envolvente, conhecer isso tudo... matemática prática, coisas muito básicas, algumas noções de Português, isso é o que chamamos a Formação de Base, na qual onde está também incluído o DPS, isso para nós é fundamental. Depois com os monitores eles fazem um trabalho, em que executam algumas tarefas, não todas, porque não temos capacidade para isso, algumas tarefas relacionadas com a eventual profissão que eles podem seguir. Depois quando achamos que as coisas já estão relativamente amadurecidas, sobretudo em questões de maturidade emocional, que é fundamental para estes jovens, quando achamos que esse item já está relativamente bem, a ... que é técnica de inserção começa a manipular os jovens, no bom sentido claro, e prepará-los para a integração no mercado de trabalho. Portanto, a nossa Formação é uma Formação de base na Instituição, que é uma componente forte, cumprimento de horários, disciplina, essas coisas todas. Além do apoio académico, temos a Educação Física porque achamos que é agradável, entendemos isto também como uma escola, e têm Educação Física também e nós achamos que isso é muito importante, portanto a formação de base. Depois temos aquilo a que chamamos prática simulada, que somos nós que damos na Instituição, que é onde eles fazem de algum modo o treino das profissões e das tarefas mais importantes inerentes àquela profissão. Depois culminamos a Formação Profissional com Formação em posto de trabalho. Agora com o novo Quadro Comunitário, assim o obriga, é portanto o estágio, chamamos o estágio profissional. Agora acabou o estágio, designa-se formação em posto de trabalho, que neste momento contempla pelo menos 50% do volume total de formação profissional. O Quadro diz que são pelo menos 2900 horas para um ciclo de formação, ou seja 1450 horas têm que ser obrigatoriamente em empresa, em posto de trabalho. Isto facilita-nos a tarefa, porque dá-lhes mais tempo para estar em empresa, dá mais tempo para a...(Técnica de inserção) e nós negociarmos e fazemos pequenos ajustes, quer em comportamento, quer nalgumas competências, e num caso ou noutro podem regressar à base, e desenvolverem dois ou três aspectos que os empresários considerem importante desenvolver, e depois também é um bocado eles habituarem-se a terem-nos lá, que é também uma maneira de facilitar a sua inserção no mercado de trabalho. Temos tido algum sucesso. Bem, mas isto, esta estrutura é correcta. No entanto, as 2900 horas é que nos parecem manifestamente pouco. E eu acho que já está em

Caracterização do modelo actual de Formação profissional

Impacto da FP na integração laboral

Impacto da FP na vida dos jovens com DM

Resposta da FP ao mercado de trabalho

Impacto da FP na integração laboral e na inclusão social do jovem com DM

Mudanças necessárias

movimento, e que elas irão passar provavelmente para 4500, porque não há outra hipótese, são três anos. Dois anos é muito pouquinho. Aparecem-nos aqui jovens com 15, 16 anos, e nós temos muita dificuldade em aceitá-los. Decidimos que são casos e conseguimos aceitá-los na mesma, mas temos dificuldade nisso, porque os jovens de hoje com 18 anos não têm a mesma maturidade, por exemplo, que eu tinha com dezoito, e que tu também tinhas. Não tem nada a ver. Eles não estão preparados para sair daqui e ir trabalhar. E sobretudo, se tiverem os problemas associados que os nossos jovens têm. Nós achamos que dois anos é pouco, quatro era o ideal, que era Quadro Comunitário anterior, eram quatro anos. Mas, pronto, meio termo, três anos, achamos que deve ser assim. Provavelmente é o que irá ser. Há uns grupos de trabalho nos quais também estou incluído, tive uma reunião anteontem em Lisboa, por causa de se adaptarem os referenciais e para se trabalhar na certificação, que é um outro problema desta Formação. Esta Formação não é qualificante, ou seja, não certifica. Nós então estamos aí com problemas, porque o diploma vale o valor do papel e da tinta que nós lá pomos. E nós queremos que se vá mais longe e creio que houve pressões por parte, creio que deve ter vindo mesmo do Governo, não tenho a certeza, de que eles querem que até ao fim de Outubro que agente tenha o problema da nossa certificação da nossa Formação Profissional resolvido. Eu creio que estamos finalmente no bom caminho, porque pareceu-me na quarta-feira, em Lisboa, que as coisas estão muito mais avançadas, do que aquilo que estava antes. O chamado trabalho invisível foi bem feito. E eu acho que agora vai ser o caminho certo. E, portanto, quando esta Formação Profissional for certificada, então nós temos todas as condições para competir de facto com mercado de trabalho, não digo de igual para igual, mas já num patamar muito mais próximo.

Mudanças necessárias

Factores de sucesso /insucesso na FP

Mudanças necessárias

Proposta de alteração ao actual modelo de formação

B2 Quais são as maiores dificuldades, de que te apercebes, que estes jovens têm quando chegam aqui à formação Profissional?

Bom, duas ou três ou quatro. Primeira, que é aquela que notamos mais: se vêm da escola, se vêm da escola, do ensino regular, notamos que os jovens têm grande dificuldade em estar em tarefa durante um tempo determinado. Dispersam-se muito, mas isso é o sistema que é, e não têm muita disciplina, não têm muito rigor naquilo que estão a fazer. Fazem, por fazer. Fazem um bocadinho aqui, depois saltam para outro lado, depois já não quer, têm muita dificuldade. E depois desistem muito à primeira contrariedade, quando alguma coisa corre mal “ah, já não quero, amanhã já não venho”...é a tal coisa. Esse é um grande problema que nós temos. Depois, esse problema tem um outro associado: são as famílias. Nem a escola se substitui à família, nem nós substituímos a família. E portanto, situações sociais que eles trazem dificultam muito o trabalho. As famílias são o que são, mas temos muita dificuldade em

Escola regular

Factores de sucesso /insucesso na FP

Factores de sucesso /insucesso na FP

gerir esta situação, porque eles não têm hábitos de trabalho, nem nós queríamos que eles tivessem, mas queríamos que eles soubessem estar. E muitas vezes a raiz do problema está aí, eles nem sequer sabem estar onde devem estar. Sabem estar na rua, mas à maneira deles. Não sabem estar numa Instituição, ou de uma escola eles não sabem estar, e isso é que é o problema. Depois, actualmente, outra questão de que já falei à pouco, é o pouco tempo de formação, dois anos não dá, ou melhor dá, mas dá mal, dá mal. Não estamos aqui a trabalhar como devíamos estar. Também muitas vezes... isso é um problema nosso já, é algo que nós temos de trabalhar internamente, que é aquilo a que eu chamo a nossa deformação profissional. Nós achamos, nós somos pouco exigentes, mesmo eu como técnico reconheço isso às vezes. Como o jovem tem determinada deficiência, tem as incapacidades que tem, nós achamos que ele..." já chega, ele não é capaz, não sei" e exigimos pouco dele. Nós como equipa já temos discutido esta questão e vamos aumentar o nível de exigência, vamos acertar e aproximar cada vez mais os potenciais dos cursos aos potenciais normais, porque eu acho que é um erro que nós temos cometido: nós temos poucas expectativas em relação ao que eles nos podem dar. E eu acho que temos que aumentar essas expectativas, porque eles vão ser capazes de dar. Esse é outro problema que nós temos. Depois também a nível externo, e aí são questões mínimas, mas que às vezes criam problemas. O problema da bolsa de formação, o modo de atribuição da bolsa de formação que agora tem a ver com o rendimento familiar, está indexado ao IA, em que aqui só há dois casos, mas conheço Instituições em que é complicado, em que há jovens que estão a receber a bolsa de formação por inteiro e ao lado, estão jovens a desenvolver as mesmas tarefas, a desenvolver o mesmo trabalho e não recebem nada. Nós aqui, administrativamente, demos assim uma volta, e conseguimos de algum modo não criar esse problema. Isso é um problema complicado. Se bem que eu acho que eles não deviam receber, mas isso é outra história, se calhar devíamos dar outro tipo de condições, em vez da bolsa de formação, isso é outro problema que temos. E também, muitas vezes, actualmente, é, algumas das profissões que temos, das profissões em que apostamos, se calhar já não fazem muito sentido. Nós vamos ter que também dar uma volta nisto e começar a pensar naquilo que pode vir a ser o futuro. De resto não vejo assim mais nada.

Escola regular

Factores de sucesso /insucesso na FP

construção da deficiência

discurso do técnico sobre o jovem com DM

Mudanças necessárias

Factores de sucesso /insucesso na FP

Mudanças necessárias

Resposta da FP ao mercado de trabalho

B3 Eu ia precisamente perguntar-te, se os vossos cursos, na formação profissional, vão de encontro às expectativas dos jovens e necessidades do mercado de trabalho, ou se verificas, por vezes, algum desânimo ou frustração?

Resposta da FP às expectativas dos jovens

Geralmente os jovens quando vêm já têm uma ideia daquilo que querem, a não ser quando são muito novinhos. Ainda agora

Factores de sucesso /insucesso na FP

recebemos dois jovens já com vinte anos, e já sabem o que querem. Isso já é o processo de escolha, que, nós também... como hei-de explicar isto? Nós também não podemos variar muito daquilo que é o padrão, ou não, não podemos, não sei, se calhar pode ser outro problema nosso. Nós até ao momento, vou dizer de outra maneira, nós até este momento não variamos muito os cursos ou quase nada, por causa do padrão daquilo que está estabelecido a nível nacional, que são mais ao menos os cursos que todas as instituições têm, e que nós achamos que são as profissões mais práticas, não são menos qualificantes, nem menos qualificadas, mas são as profissões de trabalho, de mãos, que não exigem muito a nível intelectual, e é precisamente isso o que nós tentamos fazer. Não temos profissões que exijam assim grandes, grandes, grandes, sei lá, grande trabalho intelectual, nada disso. Aliás eu defendo o seguinte: pegando no curso de carpintaria, ele não vai ser carpinteiro, ele vai trabalhar para uma carpintaria. Repara, porque, ele... nunca... vão ter capacidade para ser carpinteiros, mas têm capacidade para trabalhar numa carpintaria. Têm capacidade para trabalhar em qualquer área relacionada com as madeiras, não vão exercer é uma profissão em que tomem decisões, em que desenhem, em que tenham que executar tarefas mais finas, e mais...tarefas em que seja necessário ou uma maior abstracção ou outro tipo de exigências a nível intelectual. É isso que eu acho que os nossos Cursos devem fazer. Agora se isso responde às expectativas deles, os motivos porque tem havido algumas desistências... eu acho, acho não, tenho a certeza, não tem a ver com os cursos que estamos a ministrar, tem a ver com eles próprios. Alguns vão-se embora, e não querem e eu, na despedida, digo-lhes, “ Ó pá daqui a uns tempos estás cá” e é certinho, eles aparecem aqui outra vez, porque percebem que lá fora não conseguem encontrar trabalho, depois a vida corre mal, acabam por se meter nalgumas confusões, e acabam por vir ter connosco outra vez. E geralmente a segunda hipótese é sempre mais bem sucedida.

Resposta da FP ao mercado de trabalho

Caracterização do modelo actual de Formação profissional

Proposta de alteração ao actual modelo de formação

construção da deficiência

discurso do técnico sobre o jovem com DM

Resposta da FP às expectativas dos jovens

C1 Na tua opinião, achas que o rótulo da deficiência se esbate com a Formação Profissional ou continua a manter-se?

No exterior, naquilo que tem sido o nosso contacto, a nossa experiência com as empresas, achamos que não, achamos que não, até porque, por exemplo o caso do El Corte Inglés é um caso paradigmático. Eles seleccionam os estagiários, lá são estagiários, embora o protocolo seja formação em posto de trabalho, eles seleccionam os estagiários exactamente da mesma maneira que seleccionam se fosses lá tu ou eu. É uma entrevista com a equipa deles de Recursos Humanos e morreu. Serve, serve, não serve, vai embora. E isso é que eu acho que deve ser a posição correcta, nalguns casos. Claro que noutros é necessário que haja protecção, se nós até sabemos que ele tem capacidade para, e muitas. Mas,

construção da deficiência

discurso do técnico sobre os jovens com DM

Resposta da FP às necessidades do mercado de trabalho

precisa é de um enquadramento especial, precisa de uma empresa que tenha mais condescendência na avaliação ao ritmo de trabalho, porque ele faz e até faz bem, com uma diferença, muitos deles, enquanto um trabalhador regular exerce a sua tarefa, pára para fumar um cigarro, e não sei quê, se tiver que ficar mais vinte minutos depois da hora, já é uma chatice, estes não. A maior parte deles não tem problemas com isso. E portanto a questão do ritmo pode ser desvanecida aí. E também outro factor que é o factor de relacionamento pessoal, em que a maior parte deles, são pessoas simpáticas e que geralmente nas empresas onde vamos, ou no exterior deixam uma boa imagem daquilo que são. Portanto, eu acho que a Formação Profissional ... o facto de ter uma deficiência não os limita em nada, acho eu. Mas isto é uma opinião muito pessoal.

construção da
deficiência

discurso do
técnico sobre os
jovens com DM

Factores de
sucesso
/insucesso na
FP

B4 Gostava que te concentrasses, agora um bocadinho, nos quatro jovens que eu entrevistei: o..., o..., a... e a... (jovens) . Recordas-te, do percurso deles aqui na Instituição, aqui na Formação Profissional... o que achas que, de uma forma geral, modificou na vida destes jovens, com a passagem deles pela Instituição?

Impacto da FP
na integração
laboral e na
inclusão social
do jovem com
DM

Olha, a primeira coisa que eu acho que modificou na vida deles...primeiro eles vinham... o (Entrevistado A) vinha desacreditado quando chegou aqui. Aliás, eu lembro-me perfeitamente do primeiro dia em que o ...(Entrevistado A) entrou na instituição, estávamos ainda na...(refere local) e eu disse “ O que é isto? O que é isto? ” Ele entrou de brincos e não sei quê e eu disse “ Ó que caramba, temos aqui um berbicacho.” As ...(entrevistados B e C) vieram encaminhadas pela...(designa Centro de Reabilitação) e o...(Entrevistado D) por ...(refere escola regular). No processo de encaminhamentos pela ...(local) eles enviaram-nos porque num processo que achavam que tinha cabimento em termos de formação profissional, mas, ... que entretanto pediram-nos ajuda, porque eles também podiam proporcionar estágio e trabalhá-los no sentido de promover o emprego. O ...(Entrevistado D) já é um caso diferente. O... (Entrevistado D), foi dos quatro, o ... foi o caso de Sucesso Top. Enquanto o ...(Entrevistado A) tem um bom emprego, e as ... (Entrevistadas B e C) de algum modo também, o ...(Entrevistado D) foi muito mais dele, do esforço dele, porque em termos intelectuais está um patamar abaixo, e foi muito mais o esforço dele, o querer dele, o ser organizado, o querer trabalhar, ele gostou muito do estágio. Ou seja, o trajecto e o percurso que eles fizeram connosco, até em termos de pós prática simulada aqui, quando passam posto de trabalho... O...(Entrevistado A) faz dois trajectos, um primeiro na junta de freguesia de ...(refere local) e aquilo não correu muito bem, regressa, percebe que se quer trabalhar tem de mudar, muda, com a nossa ajuda, mas sobretudo com o esforço dele, muda. Mudou e depois foi trabalhar para um sítio onde lhe deram a mão, para um

Impacto da FP
na vida dos
jovens com DM

Impacto da FP
na integração
laboral dos
jovens com DM

sítio onde dão a todos uma importância e um estatuto que não é qualquer pessoa que o tem. E ele percebeu isso muito bem. Ele percebeu que aquele era o sítio dele, para ele ficar a trabalhar. E então esforçou-se, empenhou-se, esteve connosco para aí um mês a trabalhar, a aprender umas noções de carpintaria, foi dos tais casos, foi preciso afinar qualquer coisa, eles propuseram, nós temos aqui um excelente monitor também para isso, ele regressou, esteve cá connosco, aprendeu umas noções de carpintaria, retornou ao ... (refere empresa) e fez contrato. As duas... (Entrevistados B e C) portanto, o ... precisou de um jeitinho. A ... (Entrevistada C) é uma situação muito diferente da da... (Entrevistada B). A... (Entrevistada C) de alguma maneira já tinha a sua vida própria, com o seu companheiro o ..., a sua vida montada, e precisava de trabalho para sustentar essa vida. Agarrou a oportunidade que teve no... (empresa) para levar a vida dela para a frente. E ficou-nos muito grata com isso. A gratidão que a ... (Entrevistada C) tem connosco, não é bem gratidão, o reconhecimento que a ... (Entrevistada C) tem do trabalho que fizemos, é diferente do reconhecimento que, por exemplo, o ... (Entrevistado A) tem, porque o ... (Entrevistado A) mais cedo ou mais tarde, ou a trolha ou não sei quê, acabava por engatar nalgum lado, ele não tem é uma profissão tão suja como aquela, não anda à chuva, nem ao sol, nem nada, trabalha sempre quentinho, não se passa nada com ele. É diferente, ele acabaria por arranjar. Ele reconheceu o nosso esforço e sobretudo dele que mudou o seu caminho e acho que até nem ganha assim tão mal como isso. A ... (Entrevistada C) é diferente. O reconhecimento da... (Entrevistada C) é diferente. Ela percebeu que nós de algum modo encontramos a solução para ela levar a sua vida, com o seu companheiro, para ela fazer da sua vida, apesar das limitações que tem, uma vida muito normal. É uma coisa muito diferente. A... (Entrevistada B) o percurso dela aqui... ela foi sempre muito respeitada, muito respeitadora, muito calma, muito simpática, muito agradável e isso foi um ponto, que ela transportou para o estágio. E aquelas dificuldades que ela tem na linguagem, eu acho que, se calhar é uma bacorada valente que vou dizer, acho que lhe dá uma graça incrível, que a torna ainda mais agradável de relacionamento com as pessoas é uma vantagem para ela, mas isso é a minha opinião. E ela empenhou-se muito também. As expectativas em relação à ... (Entrevistada B) eram as que eram, não tinham nada a ver com as expectativas que tínhamos em relação ao ... (Entrevistado A) nem com as da... (Entrevistado C) eram diferentes. Achávamos que sim, que ela poderia ficar lá a trabalhar, mas também achávamos que não. E a partir de certa altura a ... (refere Técnica de inserção) começa a passar a informação que se calhar até vai ser, e ficámos muito contentes. E depois acontece a situação da gravidez ... eles comunicam que não sabem se vão renovar contrato. Mas, entretanto quando a... (Técnica de inserção) explica o que se passou aí a empresa foi

Impacto da FP na integração laboral dos jovens com DM

Participação social

Impacto da FP na integração laboral dos jovens com DM

construção da deficiência
discurso do técnico sobre os jovens com DM

Impacto da FP na integração laboral dos jovens com DM

fantástica nesse aspecto, percebeu exactamente o problema, acolheu e parece que as coisas vão rolando bem. Portanto estes três trajectos, são trajectos, tirando se calhar a...(Entrevistada B) e os outros dois, podiam se calhar com um apoio individualizado, com mais apoio da parte dos técnicos, podiam se calhar tê-lo feito na Formação regular. Não duvido que não. Um apoiozinho melhor, mais individualizado, sem ser tão em massa, mais personalizado como nós fazemos, mas eu acredito que a...(Entrevistada C) e o...(Entrevistado A) poderiam perfeitamente ter tirado um curso profissional noutro lado qualquer. A...(Entrevistada B) se calhar já não, precisava de muita ajuda, teria que ser aqui connosco. O...(Entrevistado D) foi uma grande surpresa, porque a primeira vez que ele aparece aqui no dia do Estagiário, aquilo foi fantástico, ele aparece de Web, de sapatilhas, parecia o Phil Collins, mas com estilo próprio, uma coisa muito engraçada, eu percebi naquela altura que o...(Entrevistado D) tinha crescido muito. O...(Entrevistado D) cresceu, mas cresceu em termos emocionais, cresceu muito e auto-estima foi uma coisa impressionante. Não sei se foi por ele não falar muito, ou se foi por uma característica que ele tem, o ser muito compartimentado no que faz, se quiséssemos arrumar uma sala qualquer não haveria melhor do que o...(Entrevistado D) para isso e o trabalho no...(empresa) também tem muito a ver com isso. E portanto, repara, foi uma surpresa, mas se calhar nem tanto. Mas foi, porque quando a...(Técnica de inserção) disse se calhar ele vai ficar, nós ficámos todos: ei fantástico! E os pais ficaram muito contentes. E aí também lá está, a família...já tivemos casos de jovens que não foram colocados porque a família não quis, e neste caso foi precisamente o contrário: os pais trataram logo, não quiseram saber da pensão para nada, quiseram que o filho fosse trabalhar, foi uma coisa muito diferente. Até porque os pais do...(Entrevistado A) o primeiro contacto com eles não é lá muito agradável, parecem ser um pouco agressivos, mas não são, são boas pessoas, também a vida não está fácil. A família ajudou muito, quis mesmo, ficaram muito contentes com isso. Não sei se sabes, mas o... é um atleta de alta competição, é medalhado e tal...

Mudanças necessárias

Impacto da FP na inclusão social dos jovens com DM

Factores de sucesso /insucesso na FP

Factores de sucesso /insucesso na FP

Doze quilos de medalhas...

Estamos aqui perante um atleta de alta competição, que não é uma pessoa qualquer.

Factores de sucesso /insucesso na FP

Olha, tu à pouco referiste a bolsa de formação. Achas que a bolsa pode ter algum efeito perverso, digamos assim?

Pode ter. Isto é muito caso a caso. Viana atribui bolsas pequeniníssimas, isto para quê? Para aguçar o apetite para o trabalho. É uma solução. A nossa, a nossa também...eu conheço montes de Instituições que pagam quase o salário mínimo. Mas a nossa não. A nossa são 170 euros, também não é assim nada de

extraordinário. A bolsa de formação pode ser perversa, se...mas também pode ser uma arma, uma chantagem. Pode ser perversa se eles se tornarem em Profissionais da Formação Profissional, e aí é. Mas, deixa-me dizer-te que aqui não são, porque para além de termos o historial, e temos aí dois ou três casos que sabemos de onde é que vêm, que já tiveram Formação profissional, mas a coisa até está a correr bem. Agora o que nós achamos é que a bolsa de formação não é uma maneira de subsidiar as famílias. E aí é que está o problema. Muitas famílias acham, ou melhor até vêm cá e depois a parte da chantagem tem exactamente a ver com isso: “olhe que se ele falta... uma falta são 7.40 euros, duas são quase 15 euros” e digo isto mesmo de lata aos pais, não tenho problema em lhes dizer, e digo, por isso veja lá o que o seu filho anda a fazer. E desconta-se mesmo. Por que tem a ver com a crise, não tem só a ver com a crise, tem a ver com um defeito ou uma virtude nossa, do nosso país, mas eu acho que em muitos casos a bolsa de formação é entendida como um meio de subsistência familiar, também, o que não deve ser. Ela não é muito elevada. Eu, por acaso na quarta-feira, na reunião que tivemos em Lisboa, vim para cá com o ... de... (refere outro técnico de outra Instituição) e vinha a pensar tu de facto és capaz de ter razão, és capaz de ter razão, mas não sei se de facto não teríamos dificuldade em arranjar clientes. Isto é tudo...é uma relação muito complicada, resulta aqui, num lado é, noutro não é, é melhor para uns e é pior para outros, não encontro uma relação directa com isso.

Impacto da FP na integração laboral dos jovens com DM

Factores de sucesso /insucesso na FP

D3- E a questão da qualificação... tu estavas à pouco a referir outros locais de formação para alguns jovens, a necessidade de certificação... até que ponto consideras que seria possível uma articulação mais estreita de diversos serviços mesmo ao nível local, por exemplo da nossa comunidade envolvente, com vista a uma mais fácil qualificação e integração destes jovens? Achas que seria possível? Será por aí o caminho para a inclusão?

Eu acho que esse é um dos caminhos a ser seguido. Primeiro, porque estamos todos no mesmo barco. Fazemos todos parte do agora chamado sistema nacional de qualificações. A Escola, o Centro de Formação, a Creche, o Infantário, está tudo dentro desse sistema. O termo agora é qualificar. E estamos todos dentro do sistema nacional de qualificações. O que eu acho que para nós tem vantagens e pode ajudar nessas parcerias. Mas há aqui uma questão, é que eu não percebi essa sensibilidade na quarta-feira, estive a ouvir e a tentar perceber e ninguém pensa desta maneira, nem inclusivamente a nossa tutela, o Instituto de Emprego. Repara, estavam lá representantes do Instituto de Emprego, do... Nacional e da Agência Nacional de Qualificações, gente muito importante, e estavam lá, e eu não percebi sensibilidade para isso, e eu acho que é essa a solução. Ou melhor a solução da proximidade: a Escola

Proposta de alteração ao actual modelo de formação

Proposta de alteração ao actual modelo de formação

qualificava academicamente e nós qualificávamos profissionalmente. E repara, eu acrescentava a isso o seguinte: isto vai amadurecendo. A Escola qualifica 9ºano, nível II, tudo bem, e nós, qualificamos ao mesmo tempo? Não. Sabes o que eu acho? Acho que a Escola qualifica 9ºano, faz um currículo até ao 9º ano, na escola, e depois aí já vale, têm que passar dois anos aqui, e fazem connosco a formação, aí o diploma já vale, mas o diploma só vale quando terminarem a nossa Formação, entendes? Acho que é a maneira de responder a isso. Ele não tem 9º ano enquanto não terminar a nossa formação. Portanto, isso é mais uma achega que eu tenho a dar, mas repara eu lá em baixo não percebi nada disso. Eu acho que eles ...não sei se pensaram, se não, mas não estão a ver. Porque isso levanta-nos um problema: nós para termos a Formação Certificada e Qualificada temos que dar Nível II e eu não tenho ninguém, aqui, que certifique isso. E os Centros Novas Oportunidades não são nada disso, não têm nada a ver com isso. Percebes? Eu teria que ter aqui um professor de Português, um de Matemática, não, eu não quero nada disso. Eu não quero isso para estes jovens. Eles que venham da Escola com esse trabalho feito na Escola e nós aqui cá os qualificamos profissionalmente. Claro que damos o nosso apoio académico, claro que se calhar a abordagem que fazemos às tecnologias da informação é diferente daquela que a Escola faz, acredito que seja, a nossa é mais eficaz? Se calhar, não sei, não sei. Nós abordamos esses capítulos todos, Saúde, Higiene e Segurança no Trabalho, isso é abordado aqui, que mais, agora vamos ter também... vamos tentar para 2010, incluir no Currículo as Actividades da Vida Diária, achamos também que isso é muito importante também para eles. E isso a Escola não dá, nem sequer tem obrigação de dar. Eu acho que fazem o 9ºano, com 17, 18 anos a idade inferior, não devem receber diploma. E através dessas parcerias ou protocolos, e através de patrocínios da DREN, da DREL seja de onde for, em articulação com o Centro de Formação arranjar uma solução nesse sentido: 9º ano para estes jovens, Escola sim senhor, e depois dois aninhos aqui connosco e o indivíduo só pode procurar emprego com o Diploma na mão, mas só o leva quando tiver concluído a nossa Formação. Eu acho que tem de ser essa uma das soluções e a mais, no meu entender, a mais eficaz. Tem de ser essa não pode ser outra.

Proposta de alteração ao actual modelo de formação

C2 Achas que a Inclusão Social do jovem com deficiência mental que passa pela Formação profissional é uma realidade, ou ainda dista muito? Pela experiência que tens de imensos jovens ao longo destes anos?

Ouve, nós passamos a vida a queixar-nos um bocado. Quando falo nós, não falo nós portugueses, falo nós as pessoas, os técnicos que trabalham com esta situação. Que não há inclusão, não sei quê. Mas nós também erramos. Em que aspecto? Eu não tenho problema em partilhar a informação que tenho com ninguém. Ponto final. Ninguém

Papel da FP na inclusão social do DM

me vai tirar um prémio, não vou ficar...não tenho problema nenhum com isso. Eu acho que os Centros, nós, falamos em Inclusão, mas não têm grandes práticas de se mostrarem à comunidade, há erros básicos, aos anos que eu digo isso, e eu não concebo, que numa Instituição qualquer, se calhar na nossa também, se esteja hoje a comemorar o Dia da Árvore, que é amanhã, mas se festeja hoje por todo o lado, mesmo na maioria das escolas, se comemore o Dia da Árvore de uma maneira absolutamente infantil. São jovens, são deficientes, são sim senhora, mas têm 20, 25, 30, 18, 15 anos, mas que é isto? Isto não é nada. Eu sei que muitos deles são deficientes são severos, são moderados, profundos, têm um entendimento muito básico das coisas, mas são seres humanos de pêlo na benta, não é? É gente com poder físico, com cabedal e são tratados como se estivessem na sala do meu filho de 4 anos. Eu isso acho muito mal. E lá está, quem somos nós a dizer que queremos a inclusão, que dizemos que a inclusão é muito bem, que queremos a inclusão para a população com deficiência e incapacidade, que é uma população que não é incluída na sociedade, que há ...como hei-de explicar, que há tabus, não há, não há, porque nós cá dentro também não damos esses exemplos. Não é possível. Depois temos muito a noção de que... como disse à pouco, eles não são capazes, as nossas expectativas também são muito baixas. Nós há dois anos, organizámos uma Feira de São João e convidámos escolas Primárias! Não podemos fazê-lo. Eles não são miúdos de escola primária, em termos intelectuais até poderão ser muito menos do que isso, mas em termos físicos não são, não são. Eu queria que se convidasse as Secundárias, EB23, essa malta toda é que tem de cá vir, porque esses é que precisam, hoje, de perceber o que é esta população. Os pequeninos têm tempo para isso e se calhar da maneira como as coisas estão a ser tratadas, com a abertura que há hoje na sociedade à diferença, deixa de ser um tabu o problema que era antes, já não é como era. E quem precisa de facto de contactar hoje com os nossos jovens, com os nossos adultos é a população tem as mesmas idades ou similar a eles. Os outros não precisam. Mais uma barbaridade... eu acho que até é assustarmos as crianças, o virem aqui e o estarem a ver esta população. Pode ser assim um choque de repente, não sei e fosse algo preparado, mas assim...Eu sou muito crítico em relação a isso. E portanto eu acho que a inclusão também passa por as Instituições abrirem as suas portas e saírem...mas o contrário também é tão importante: é que eles venham para aqui. Não é que eles fiquem onde estão e nós aqui vamos ter com eles. Não é que eles venham ter connosco, também é muito importante. Falava-se numa das reuniões que tivemos no grupo de trabalho aqui de ...(*local*) que se dizia que há jovens com deficiência que estão a participar com o patrocínio, com a ajuda de equipas especializadas em Acções de Formação Profissional na Formação regular. Muito bem, excelente. Mas eu acho também que com o “know how” que nós temos, a maquinaria

construção da
deficiência

discurso do
técnico sobre os
jovens com DM

Participação
social

Mudanças
necessárias

proposta de
alteração ao
actual modelo
de formação

que temos, as instalações que temos, tudo o que temos, porque é que não pomos a malta da Formação Profissional regular, do ensino regular a frequentar também módulos nossos? Mas qual é o problema nisso?

Bem, parece que a questão do estigma em relação à...(instituição) acaba por ser ainda uma realidade, não é?

Sim, é um bocado. Ainda é muito.

Estava a ouvir-te e lembrei-me de que achei curioso, quando falei por exemplo com o ...(Entrevistado A), o facto de ele ter arranjado um estratagema de protecção. Nunca referiu ou refere o local onde fez formação profissional. Depois percebi que o fez mesmo com intenção. Foi curioso, porque depois quando entrevistei o Director do...(empresa) ele referiu que o jovem foi apresentado aos restantes colegas como vindo de Formação numa escola regular. Nunca se fez alusão à ...(instituição) e resultou lindamente. Mesmo pelo depoimento de outros jovens, parece que alguns não lidam muito bem com a questão da Formação aqui.

Temos jovens que é um verdadeiro 31 para os pormos a andar nas nossas carrinhas. Atenção!! Alguns fazem verdadeiro sacrifício todos os dias para irem almoçar e para vir nas nossas carrinhas. Lá está, havia um grupo que estava a ir e vir a pé, mas houve distúrbios e eu cortei logo. Vai e vem tudo de carrinha. Mas há jovens que não vão. E depois mandamos vir umas fardas novas e eles andam aí todos catitas, e como é que eu as vou conservar? Não cometendo o mesmo erro que cometi nas outras. Em que mandei estampar a sigla...eles andavam para aí a raspar . Se calhar vou ser chamado à atenção por parte da Direcção: "Eles se quiserem que andem com a farda estampada", mas não é bem assim. Eu não sou obrigado a andar com a sigla... é uma farda, é uma farda ponto final.

construção da
deficiência

discurso do
técnico sobre os
jovens com DM

A sigla ...ainda é um peso, na nossa comunidade?

Sim, mas está a diluir-se. Muitas das vezes fazemos entrevistas lá em cima de admissão, e é um choque. Atenção, em alguns casos tenho que trazê-los cá a baixo. Jovens com deficiência mais ligeira, ouço muitas vezes "Eu não sou maluco". E até dos pais. Repara a primeira coisa que eu pergunto com um pai ou uma mãe numa entrevista com um jovem que vai entrar, a primeira coisa que eu pergunto e, é textual, : " sabe o que é esta escola? Sabe onde está?" Essa é a primeira coisa que eu pergunto. Porque as pessoas têm que saber o que estão a fazer e onde estão. Têm que perceber onde é que estão. Não as posso meter dentro de um saco plástico, e esconder e nem vou fazer isso. Nem pensar nisso. É a primeira

construção da
deficiência

discurso do
técnico sobre os
jovens com DM

coisa que eu pergunto na entrevista, sempre, sempre, sempre... E olha que as entrevistas já foram muitas.

D4 Se tivesses poder de mudança, se estivesse nas tuas mãos, no fundo já vais fazendo mudanças, porque vais fazendo sugestões e estão a ser aceites e as coisas estão a avançar. Mesmo em relação ao próprio estigma da... (LF2), se calhar tens alguma ideia ou alguma sugestão que poderias fazer no sentido de uma maior abertura da Instituição, queres partilhá-la?

Sugerir não sei sugerir muito bem, consigo dizer-te três ou quatro coisas que seguramente não devemos fazer. Vou dar-te exemplos práticos de coisas que aconteceram. Houve à dois anos uma Feira de Natal organizada pela Câmara de... que puseram as IPSS todas no ..., em pleno Inverno estávamos ali todos ao frio. Isso veio do departamento da Acção Social da Câmara, era preciso subir aquela rampinha toda e estávamos lá em cima no Quartel, um frio do caraças, com visitas, e quem é que foi lá? Fomos nós ver as dos outros e depois os outros trouxeram uma carrinha e foram ver a nossa... Isso é uma coisa que não devemos fazer. Até te digo, isso é uma coisa que não deve ser feita. Estivemos uma vez na Exponor, na AJUTEC, com um stand, que não era um stand era uma banca onde nós levamos a nossa Serigrafia, tínhamos lá os moldes e a prensa e o computador e fazíamos as Tshirts na hora, estás a perceber? E estávamos a divulgar a Associação. Estávamos numa feira de ajudas técnicas. Estivemos lá com esse espaço. No final fomos convidados para participar lá numa feira no Natal, tinha a ver com alimentos, chocolates na Exponor, porque eles acharam um piadão à nossa banca, que era uma banca normalíssima, e disseram "você até, venham, depois o preço é que era chato, o preço do stand não era nada barato, venham para a nossa feira, porque isto é uma ideia giríssima, e vocês estão aqui e vão ver que nessa feira vem cá montes de gente, porque quem vai ver a AJUTEC são Técnicos que trabalham nesta área, e então disseram venham cá para a tal feira porque vinham milhares de pessoas por dia, de outras áreas, e poderão causar grande impacto. Eles acharam piada à ideia de estarmos ali com uma banqueta, depois inclusivamente até andávamos com os putos a tirar fotografias com a máquina digital e dizíamos "se quiser um Tshirt com a sua fotografia passe ali que nós ...pronto". Isso foi uma questão financeira. É este tipo de atitudes que devemos ter. Não devemos ter medo e nesse aspecto a Associação não tem, não devemos ter medo, nem receio, nem vergonha de tentar ir para o mundo. Temos é se calhar nós todos um conjunto grande de defeitos profissionais, de deformação profissional, que nos levam muitas vezes a nós próprios sermos o obstáculo à inclusão. Também defendo, mas isto é polémico, eu acho que quem...o grande obstáculo à inclusão é a própria palavra inclusão, não devia existir, percebes? Eu acho que não devia haver...devia existir programas especiais e apoios, mas

Mudanças
necessárias

Mudanças
necessárias

sem...sem nome, sem nada, ou seja tentar que as pessoas agissem naturalmente. É como as quotas para as mulheres é uma coisa absolutamente parva, se é, é, se não é. E aqui também devia ser a mesma coisa, sem necessidade de se falar nisso. Mas aí a mentalidade das pessoas teria que estar muito à frente, para que não seja preciso falar disso. Daí que para mim o grande obstáculo da Inclusão seja a própria palavra, porque nós vamos incluir o quê? E quem? Vamos incluir...mas somos nós que estamos fora do mundo e vamos incluir o mundo ou são eles que estão fora do mundo e vêm...ou pá, eu acho que o grande obstáculo é esse: a própria inclusão é o grande obstáculo à inclusão.

E Só para terminar, em termos dos monitores que vocês têm cá na Formação profissional, achas que estão acompanhar as mudanças dos tempos ou vês necessidade de intervenção nesta área?

Não para todos. Temos de tudo. Temos desde monitores que estão a terminar um Curso Superior, até monitores apenas com o 5º ano, e que eu estou farto de os massacrar para fazerem ao menos um RCC para terem ao menos o 9º na, mas repara também temos um Coordenador que não acabou o Curso Superior, mas lá está, isto é um dos erros, é típico. Agora o que se sente é que alguns monitores têm dificuldade, porque agora a exigência é maior, têm dificuldade na abordagem teórica, na passagem da informação teórica aos formandos, que agora é diferente, tem de ser diferente, como é lógico. Aquilo que eu digo é que não é preciso marcar uma sala de aula encostá-los lá, nalgumas situações até pode ser o ideal, mas não é preciso. A vossa teoria é todos os dias antes de começarem as actividades explicarem o que vão fazer e como vão fazer e dar nomes às coisas. Agora vou pegar numa fresa que é isto e vou fresar. E agora vou explicar as coisas, e isto é teoria também...eles estão a ver e a ouvir e é a melhor maneira de passar a parte teórica. E aí eles têm muitas dificuldades, não todos. Outro aspecto é o uso, o domínio das Tecnologias de informação. Só temos dois que dominam mais ao menos, mais ao menos não, é mentira: uma muito bem, que é absolutamente craque e é quem me ajuda nas partes mais complexas e outro é que domina mais ao menos. Mas têm muita dificuldade nesta área. Mas na parte do terreno, da passagem das funções e de ensinar tarefas são bons. Mas repara, também é a evolução dos tempos, estão com alguma dificuldade nessa adaptação. Repara conseguiram a renovação do certificado de aptidão Pedagógica, do CAP, facilmente, mas a estratégia encontrada foi, e quem os fez isso até achou muito engraçado, foi certificar no Job. Eles foram acompanhados pelos técnicos da empresa que fazia a certificação, aqui no terreno. Eles iam distribuindo tarefas, eles iam fazendo, completando os mapas, foi uma coisa muito interessante.

Mudanças
necessárias

Esqueci-me de te dizer que trabalhei também durante quatro anos na Associação Nacional de Deficiência Mental. Conheço, não digo que conheço todas as Instituições do país, mas seguramente conheço Instituições de todo o país. Conheço muitas, mas muitas mesmo. Já estive em todo lado, desde Trás os Montes ao Algarve. E fruto desse trabalho que fazíamos, dos jogos tradicionais, por deformação profissional sempre que ia algum lado fazia questão de conhecer a instituição, ver o que se passava, até para ver, e acho que a nossa Associação não é muito aberta, por isso, imagina o que há por esse país fora. Eu ia às vezes, quinta, sexta, sábado de manhã para montar tudo e aproveitava para conhecer, almoçava lá com eles tal. E o que dá para perceber é que o calor humano é muito igual em todo o lado. O calor humano é igualzinho, mas depois, até porque se calhar fui monitor no modelo anterior, o que falha um bocado é essa questão da abertura. Eles estão muito quentinhos lá dentro, tratam-nos muito bem. Lá está, a noção do respeito que eles têm para com esses jovens é naturalmente diferente da noção de respeito que eu tenho para com esses jovens, mas isso no Interior é diferente, os valores são diferentes. Mas o calor é o mesmo. Nas Instituições são muito bem tratados, gostam de lá estar, estão muito contentes. Falham é depois, na minha óptica, na questão do tipo de abertura e na abertura que têm com a sociedade. Isso é que é complicado. Mas de resto e apesar de tudo, nós aqui em ...(local) estamos bem, não tenhas dúvidas. E comparando com o resto estamos bem, não tenhas dúvidas, mas estamos mesmo muito bem. O ... (refere outro local) tem muita abertura também. Têm muitos Projectos, mas é diferente. Já é uma estrutura diferente da nossa, não consigo explicar bem, porque são coisas muito pessoais. Mas vi outras que, eles estão bem, estão limpinhos, têm, excelentes estruturas, mas fala a tal interacção com o meio. Mas repara com imenso prestígio no meios, atenção ...(refere outro local) por exemplo tem umas instalações fantásticas, muito prestigiada no meio, mas também ...não basta ter prestígio...Está prestigiada porque está num meio mais ou menos pequeno e é uma Instituição muito grande. O edifício é grande e claro toda a gente sabe onde é. Toda agente conhece. Enquanto se tu perguntares onde fica a ...aqui em .. , nem que estejas a 50 metros, ninguém sabe onde isto é. Meio por cento da população de ...(refere local) deve saber onde isto é, o resto não acredito que saiba. Enquanto nos meios mais pequenos é diferente , eles são reconhecidos porque o meio também é pequeno e toda a gente se conhece. Eu dizia que aqui há anos, agora já nem tanto, mas antigamente havia Instituições que tinham taxas elevadíssimas de integração no mercado de trabalho, porque toda a gente se conhecia. Eu nesses locais, na qualidade de Coordenador da Formação Profissional, se fosse tomar café tinha ao meu lado o Presidente da Câmara lá do sítio, e se calhar o maior empresário da

Situação
profissional face
à problemática

Mudanças
necessárias

região. Os meios são muito pequenos. Aqui em ... (local) é muito impessoal. Tu não conheces ninguém. Exige um trabalho muito maior da nossa parte. O trabalho nesses sítios está muito facilitado pela proximidade, está toda a gente perto de toda a gente e toda a gente conhece toda a gente. Eu aqui conheço o ...(Presidente da Câmara), mas ele não me conhece de lado nenhum. Já estivemos juntos inúmeras vezes em determinadas situações, falei com ele, mas como imaginas se passar por mim na rua não me reconhece. Percebes? Mas nesses meios não é assim . Sobretudo quem está a frente de uma Instituição, do centro de emprego, aqui não é bem assim. Depois ainda outra coisa, nós estamos num concelho, em que o Centro de emprego é o maior do país, o que dificulta ainda mais a nossa tarefa de integração. Nós se conseguirmos índices de empregabilidade, eu considero um sucesso 50 ou 60% , considero fantástico. Quando ouço colegas meus falar de 80% eu digo ei...é fácil. Ou então como o ...(outra Instituição) que tem taxas de 70 ou 80%, mas aquilo é uma Instituição pública o que é muito mais fácil. Para além de que, soube há dias, que o meio é grande, é grande mas o meio é pequeno, que em muitos casos são os próprios pais que andam à procura de emprego para o filho. Nós aqui não fazemos isso. Claro que se houver um pai com uma sugestão de emprego, fazemos a mediação, mas repara são excepções. O caso do...(refere-se ainda à mesma Instituição) começa, se arranjar, os pais procuram e depois eles fazem a mediação. Nós não, nós aqui fazemos tudo.

Impacto da FP na integração laboral dos jovens com DM
--

ANEXO XI

ENTREVISTA XI

Caracterização da Entrevistada T2

A entrevistada com código T2 é Educadora Social de formação inicial e licenciada depois em Ciências da Educação. Exerce desde 2005 as funções de Técnica de inserção, da Unidade de Formação Profissional da instituição do estudo. Com uma experiência de onze anos na integração de jovens com deficiência mental no mercado de trabalho, trabalhou nessa área noutros centros de Formação, conhecendo de perto a realidade no Norte e Centro do país. Dinamiza a integração em estágio de jovens com DM que frequentam Formação Profissional numa prestigiada IPSS do distrito do Porto. Nessa condição, procurou as empresas, estabeleceu protocolo, acompanhou os estágios e contratações dos sujeitos A, B, C e D em estudo.

Condições de realização da entrevista

Precederam a realização da entrevista, alguns contactos informais, que permitiram conhecer in loco o “modus operandi” da Instituição, com enfoque aturado na valência de formação profissional. As conversas possibilitaram igualmente clarificar as dúvidas sobrevindas da consulta de processos dos jovens que constituem a amostra e a análise do modelo de formação implementado nesta e noutras Instituições. A entrevista, de cerca de 60 minutos, realizou-se no dia 16 de Março de 2009, na sede da Instituição, onde a técnica exerce funções. Foi combinada anteriormente ao encontro e autorizado o seu registo em áudio. Evidenciou-se, no decorrer da conversa, por parte desta Técnica, uma comunicação clara e expressiva da realidade em estudo, assente não só no profundo conhecimento teórico da temática em discussão, como na apreensão perspicaz da sua experiência. Não se inibiu, por isso, de proferir opiniões pessoais reflectidas e ancoradas na prática diária, procurando desconstruir, no seu discurso, alguns sentidos comuns. A transcrição procura ser fiel ao discurso oral, tal como foi produzido. Omitimos contudo a referência explícita a nomes de pessoas, instituições e ou locais.

Guião de entrevista

ASPECTOS A RECOLHER: Representações dos técnicos:	
A1-Situação profissional face à problemática	A1- Nº de anos que trabalha com pessoas com Deficiência Mental? Desde quando? Formação de base? Especialização? Em que contextos?
B-Evidenciar as representações dos técnicos sobre o modelo de formação profissional	<p>B1- Caracterize a acção da L2 na vertente de formação profissional e transição para o mercado de trabalho.</p> <p>B2- Como viveu estes anos de trabalho com o jovem com DM? (Principais dificuldades/mudanças positivas)</p> <p>B3- Até que ponto a oferta formativa responde às expectativas dos jovens e necessidades do mercado de trabalho? Quem faz as escolhas? Qual o papel da família?</p> <p>B4- Quais os principais contributos da FP e do estágio na vida dos jovens com DM?</p> <p>B5- Quais as razões que levam as empresas a proporcionar estágio/emprego a estes jovens?</p>
C- Questões relativas à experiência de inclusão/exclusão social	<p>C1 O rótulo da deficiência desaparece ao ser colocado em mercado de trabalho?</p> <p>C2- A inclusão do jovem com DM, que passa pela FP é uma realidade? Quais as mudanças que identifica na vida familiar, pessoal, afectiva, comunitária...destes jovens?</p>
D-Identificar posições de actores sociais face à FP na educação do jovem com DM e as suas propostas para alteração do vivido	<p>D1- A melhor resposta educativa//formativa situa-se na escola regular ou na escola especial?</p> <p>D2- Que condições deve reunir a escola regular para a inserção do jovem com DM?</p> <p>D3-Que articulação deve existir entre os diferentes serviços?</p> <p>D4-Que propostas faria para alterar a educação/formação profissional do jovem com DM, a nível de escola, da FP e integração em mercado de trabalho?</p>

Transcrição da Entrevista

A1 Como sabes, estou a realizar uma investigação para tentar aferir as representações dos jovens com DM quanto à influência da formação profissional na sua inclusão social. Gostava, por isso, de conhecer a tua opinião sobre alguns aspectos, tendo em conta a tua ampla experiência nesta área. Importas-te de relatar o teu percurso individual e profissional aqui na instituição, número de anos que trabalhas com jovens com DM, a tua formação de base, explicitar em que contexto trabalhas com esses jovens...?

Bom, começo então pela minha formação de base: eu sou Educadora Social e comecei a trabalhar precisamente como Educadora Social com jovens com Deficiência Mental em 1998. Trabalhei como monitora, na altura, na CERCI...(Local) e também em simultâneo num Projecto que a Instituição abraçou com outras parcerias locais. Fazia acompanhamento a jovens que estavam à procura do 1º emprego, já estava por isso, nestas andanças da Integração Profissional. Eu e um colega, psicólogo, fazíamos a angariação das empresas e acompanhamento, os dois. Por isso, eu já tive essa experiência na altura, em termos de população e em termos de trabalho. Aqui na ...(LF2) estou a trabalhar como Técnica de inserção Profissional, também com a população que conhecemos, e faço o mesmo trabalho, só que de forma exclusiva, isto é, é só o que faço e, neste momento, sozinha. Sou licenciada em Ciências da Educação, que tirei posteriormente, depois da formação em Educação Social e faço este trabalho aqui há quatro anos.

Situação profissional face à problemática

B1 Importas-te de caracterizar a acção da ...(instituição) nas vertentes de formação profissional e na transição dos jovens com DM para o mercado de trabalho?

A ...(instituição) tem uma formação profissional que pertence, tem por objectivo conferir aos jovens formação técnica nalgumas áreas, formação básica, de lavandaria, serigrafia... . Todos são ajudantes, pressupõe-se isso, ajudantes de algumas áreas, de mecânico...(pausa) Mas, basicamente, o que nós pretendemos inculcar nestes jovens é hábitos laborais, cumprimento de horários, apresentação, toda a postura, assiduidade, que estes jovens não trazem, não é? Não trazem isso do contexto escolar, por isso mesmo, é que se auto-excluíram ou foram excluídos, nem vamos entrar por aí, é outro tema, mas basicamente o que nós pretendemos é isso, porque tudo o resto, toda a formação de carácter mais técnico é concluída nas empresas. Nós procuramos as empresas precisamente para isso, para colmatar esta lacuna que nós temos, que no momento sentimos isso, que estamos

Caracterização do modelo actual de Formação profissional

Escola regular

Impacto da FP na integração laboral e na inclusão social dos jovens com DM

Resposta da FP ao mercado de trabalho

desfasados em relação ao mercado, às exigências do mercado de trabalho, e nunca vamos estar ao nível das exigências, nunca vamos estar, não é? Porque com a dinâmica que estamos a assistir, as coisas são tão mutáveis, de forma tão rápida, que não conseguiríamos mesmo. Então estamos a apostar, é, nas competências pessoais, incutir nestes jovens a necessidade de ter um emprego, de ser integrados profissionalmente. Esse sim é um trabalho hercúleo, é um trabalho que se for conseguido, tudo o resto é conseguido também, vem por acréscimo, não é? Esse é realmente o nosso trabalho árduo, e que começa mais a montante com o trabalho com as famílias. Porque, não se pode trabalhar estes jovens isoladamente. E é aí que eu entro: faço este trabalho com os jovens, mas como disse, também mais a montante com as famílias. É preciso mentalizar as famílias que estes jovens têm potencial, são passíveis de ser integrados, ...é de todo benéfico para eles e para as famílias, não é? E muitas das famílias, a maior parte, não está preparada para esta ... esta mudança. Esta mudança, abrupta mesmo, e condiciona, limita-nos o nosso trabalho. Eu acho que até é mesmo mais por aí. As famílias são o grande obstáculo ao sucesso na integração destes jovens. Como eu dizia, ainda há pouco tempo numa reunião, às vezes o que se passa é que, nós reparamos que numa família, quase ninguém, quase nenhum elemento teve o emprego propriamente dito, o emprego formal, a que nós estamos hoje habituados...porque vêm já de gerações, a avó trabalhava lá no quintal ou fazia campos de outros, e era trabalho, mas não era emprego, e era assim que ganhava o seu sustento. Depois, os filhos, a outra geração, já foi se calhar o período mais ...crise, de década de 70 ou 80, em que muitos deles acabaram por perder o emprego e não ficaram com essa cultura, com essa filosofia de trabalho, que acabaram por, como herança, deixar aos filhos. Muitos dos filhos hoje quando vêm para a nossa Instituição deixam a família, na íntegra, em casa, sem fazer nada, estão por lá. Eles é que vêm tentar ainda conseguir um emprego. Por isso, sentimos essa dificuldade. Sentimos que estamos a remar contra a maré, não é? Que estamos a fazer um trabalho... hercúleo, diria, difícil, a família que deveria ser o grande... o grande suporte, o grande porto de abrigo nestes casos, não o é, pelo contrário. Às vezes temos que trabalhar nestas questões com a família. Temos que fazer ver à família que o trabalho, que a formação, é importante. Que é uma das formas de sair da pobreza, de sair da exclusão. E as famílias não pensam muito isso: querem as coisas no imediato. Têm muita dificuldade em adiar a gratificação, percebes? É muito o querer o aqui e agora. E então o aqui e agora é muito na base das prestações sociais. É o visível...é melhor ter pouco, mas tê-lo, do que estar a jogar no incerto, numa formação, numa aposta, num investimento. As famílias não estão preparadas, não têm essa filosofia, aliás não o tiveram com elas, e agora também perpetuam com os descendentes. Por isso, estamos com esse trabalho, esse

Impacto da FP na integração laboral e na inclusão social dos jovens com DM

Construção da deficiência

Discurso dos técnicos sobre os jovens com DM

Factores de sucesso /insucesso na FP

Mudanças necessárias

Factores de sucesso /insucesso na FP

Mudanças necessárias

trabalho ... é um trabalho de... cariz cultural e social. É difícil trabalhar, é estruturante para estas famílias e é um trabalho que nós como Instituição, não conseguimos fazê-lo, a não ser com outras parcerias, com outras ajudas. É um trabalho de rede, concertado, só assim...e que demora anos...é um trabalho moroso. Por isso, não é fácil. O jovem não pode ser visto isoladamente, quando nos aparece aqui, porque por detrás de todo o processo formativo e depois também na altura da integração há um outro trabalho mais a montante, de bastidores que não é visto, mas que tem de ser feito... que é feito por mim e pelos colegas da equipa, pela assistente social, nalguns casos, menos, pela psicóloga e também pelo coordenador de formação profissional também. Por isso é um trabalho de equipa, e que, a meu ver ainda exigiria mais, mais trabalho, mais tempo, como aliás é sabido de outras instituições, que nós não conseguimos abranger, e sobretudo...com a intensidade que estas, estas necessidades exigem, com a intensidade que exigem. Nós não conseguimos dar essa resposta.

Factores de sucesso /insucesso na FP

Mudanças necessárias

Tu há pouco referiste que, os jovens, quando chegam cá, de certa se auto-excluem da escola ou são excluídos desta.

Escola regular

Importas-te de tornar essa observação mais específica?

Mudanças necessárias

Pela experiência que nós temos aqui, de quando questionámos os nossos jovens por que é que não continuaram os estudos, eles dizem que chegou a dada altura que a Directora da escola ou um professor mandou chamar a mãe e que disse que o melhor era tirar um curso. É a resposta que os nossos jovens têm. E geralmente não sabem responder mais do que isto. Não sabem o porquê de estar aqui. Porque alguns deles verbalizam mesmo que gostariam de continuar os estudos, gostavam de andar na escola. Mas que houve uma conversa, com a Directora ou o professor tal e, pronto, que não poderiam continuar. Por isso, eu acho que a maior parte são excluídos. Eles são excluídos. Os que são auto-excluídos, que se auto-excluem, também temos casos desses. Eles próprios é que vêm, porque não conseguem, como eles dizem “ eu não dava, não tinha cabeça para a escola”, é uma expressão que eles usam muito e vão-se auto-excluindo, começa o absentismo, começam a faltar, começam a negar a escola, porque a escola não lhes é favorável, não lhes é agradável, não é... é como eu costumava dizer a escola para eles é um mal necessário. Eles sabem que é uma coisa importante, mas é, é ... se calhar é a instituição que mais mal ... ou que os fez sentir pior, em todos os aspectos. Por isso, eles começam a se auto-excluírem, não é? E quando caem aqui, não sabem o porquê concretamente, não sabem o que falhou, mas também não é bem a ...(instituição) que eles querem, porque há uma diferença significativa, não é? Eles vêm para aqui numa idade que também não é para trabalhar, depois ... eles vêm para aqui e o que começa logo a ser trabalhado com eles é precisamente

Construção da deficiência
Discurso dos técnicos sobre os jovens com DM

Papel da FP na inclusão social do DM

Construção da deficiência
Discurso dos técnicos sobre os jovens com DM

Factores de sucesso /insucesso na FP

o mercado de trabalho, as exigências, as questões laborais, e eles não estão preparados. Eles não estão preparados e também rejeitam, há uma certa...como hei-de dizer? ... um certo desconforto, porque há uma mudança brusca e não é esta a resposta que eles querem. Não é esta a resposta que eles querem. Os Cursos, não são bem estes os Cursos que eles querem, percebes? Há muita coisa por esclarecer, e então, há um ambiente que não é o melhor... Os jovens não se sentem integrados, não se sentem no seu ambiente.

Mudanças necessárias

B3 Estavas a referir que os Cursos não são exactamente o que eles pretendiam.

Resposta da FP às expectativas dos jovens

Não, não são.

B3 Quem faz então as escolhas dos Cursos, qual o papel da família?

Geralmente quando são apresentados os Cursos que existem na Instituição, são os jovens que manifestam interesse pelas áreas, basicamente é isso. As famílias podem dar palpite, mas o jovem tem sempre a última palavra. Ora, agora também é de acordo com as vagas que temos, nem sempre os Cursos que temos, e o que eles escolhem, são para onde eles vão. Também têm a ver com as vagas. E, às vezes, eles ficam muito frustrados, porque pensam que é uma situação temporária e acaba por se prolongar no tempo. Às vezes não é um mês, nem dois, são meses e para eles isso é muito tempo, não compreendem. E depois o pior ainda é quando há uma possibilidade de mudar então efectivamente de Curso, acaba por ser um a frustração, porque eles sentem que não era...que a expectativa estava demasiado elevada. Que não corresponde ainda assim com a mudança para outro Curso, não corresponde àquilo que pretendiam e começam a ficar um pouquinho frustrados. Depois vem a salvação com o estágio lá fora. Aí sim é que eles vêem ...então é agora. E de facto é. Então é aí que realmente...abrem-se outras portas, porque começam a lidar com outras pessoas, com outros colegas de trabalho, outro ambiente, outras exigências, entretanto eles também foram amadurecendo, e foram adquirindo alguns hábitos. Por isso, aí sim começam-se a vislumbrar algumas expectativas de futuro, alguma luz ao fundo do túnel. A experiência do estágio é geralmente muito positiva, mesmo que alguns tenham dificuldade, alguns dizem mesmo isso "tenho dificuldade em avançar, em cumprir". Há muitas regras, muita coisa a cumprir, realmente é uma mudança brusca. Mas, geralmente é positivo, mesmo quando efectivamente não o é, mesmo quando eles não conseguem cumprir com todos os requisitos, para eles é positivo, porque é uma mudança que eles sabem que é no sentido de se emanciparem, que é bom para eles. Eles sabem que ali está o futuro, que é por ali o caminho. Mesmo que não consigam por vários

Resposta da FP às expectativas dos jovens

Factores de sucesso /insucesso na FP

Impacto da FP na vida dos jovens com DM

Papel da FP na integração laboral do jovem com DM

Papel da FP na inclusão social do DM

factores, como acabei de falar, a própria família, já são coisas tão estruturais que às vezes é difícil em meses, em poucos anos mudar. Mas eles sabem que sim. E essa mudança, essa expectativa é conseguida com o estágio, com o posto de trabalho.

B2 Durante estes anos, já te apareceram alguns casos de jovens que queriam desistir. Quais foram os factores que os fizeram demover dessa intenção?

Olha, são poucos os casos dos jovens que querem desistir, mas temos tido. Temos tido jovens que estão descontentes com o Curso ou que lhes foi prometido que mudariam de Curso, e nunca mais há vaga, ou porque o Curso não corresponde mesmo às expectativas, ou então porque os namorados ou os pares começaram a dizer "Andas numa escola de deficientes mentais" e então isso começa a ser um fardo muito pesado. E há jovens que andam aqui dois, três, quatro meses e acabam por abandonar. Ou então porque aparece uma oferta de emprego lá fora, e os jovens optam logo, entre estar aqui e receber uma bolsa de 251 euros e um ordenado, vão ganhar mais, seja onde for, optam e vão embora. Mas têm a ver essencialmente com isso. Ou porque não correspondeu às expectativas que tinham, e... também o facto de alguns não se identificarem com esta população. Temos alguns jovens que têm uma deficiência mental muito ligeira ou não têm deficiência, com problemas a roçar a delinquência, com outros tipos de problemas de carácter social, que não se identificam com esta população, não se identificam com a formação também, com os cursos, surge uma oportunidade lá fora e não olham para trás, não pensam duas vezes.

Factores de sucesso /insucesso na FP

construção da deficiência
discurso do técnico sobre o jovem com DM

B2 E os que ficam, o que os faz ficar?

Olha, eu acho que, lá está. Os que ficam gostam do ambiente, foi aqui que encontraram uma certa receptividade, um certo acolhimento que a escola não lhes deu, foi aqui que encontraram o...o porto seguro. Tem a ver com isso. Quando eu os questiono qual é o interesse de andar aqui, porque gostam de andar aqui, eles dizem que são os amigos, a bolsa de formação...a bolsa de formação. Que é para eles, aqueles que conseguem que o dinheirinho se destine mesmo aos gastos deles, quer para as famílias... alguns é mesmo mais um rendimento lá para casa, por isso, não prescindem deste valor. E incentivam os filhos mesmo que não perspectivem, que não seja o mais importante a contratação, os filhos ficarem integrados profissionalmente, em termos de frequência aqui na ... (instituição) agrada-lhes, porque sabem que estão aqui durante o dia, que se alimentam, que levam uma bolsa. E os jovens, por sua vez, é ...são as amigas, o ambiente acolhedor. Pronto é o que os faz permanecer aqui.

Factores de sucesso /insucesso na FP

Escola regular

Impacto da FP na vida dos jovens com DM profissional

B5 E em relação às empresas, o que fez as empresas abrirem-se ao acolhimento de jovens em estágio?

Em estágio, eu às vezes até tenho amigos ou familiares que me perguntam: “ Olha mas as empresas recebem enquanto eles estão lá? “As empresas não recebem nada. Não recebem nada em termos de dinheiro, mas em contrapartida recebem...é uma experiência. Mas repara, é uma experiência que de outra forma, ... quase sem riscos, eles têm acompanhamento, têm o protocolo, está tudo salvaguardado, têm seguro, é, no fundo, uma experiência que têm com outra população. Repara é uma forma de mostrarem que a empresa é socialmente responsável. É uma forma de humanizarem a própria empresa, de mostrar aos restantes colaboradores, que apesar da deficiência é possível executar algumas tarefas, é possível trabalhar, é possível estar integrado o adulto, por isso, eu penso que é por esse lado. As pessoas querem mais do que nunca, os empresários hoje querem mostrar que uma empresa não pode estar nos dias de hoje virada só para o lucro. A empresa é constituída por pessoas e tem que estar voltada para as pessoas. Não é só para os takeholders, não é só para os clientes em si, é tudo, é o Grupo, e é nesse sentido que eu noto que as empresas querem colaborar, não é tanto o dinheiro que pode advir de termos jovens, do futuro, da contratação, não é por aí. É mesmo pela experiência, pelo enriquecimento pessoal e grupal dos trabalhadores, e fazer bem ao jovem, aos jovens que acolhem, à sociedade, à comunidade onde estão inseridos, onde estão a laborar. É por aí.

Facilitadores da abertura das empresas à FP

construção da deficiência

discurso do técnico sobre o jovem com DM

Facilitadores da abertura das empresas à FP

B5 E em termos de contratação, que factores estimulam ou favorecem a contratação destes jovens findo o estágio?

No mesmo registo acho que, quando chega a esse ponto de contratação, quando a empresa decide contratar, recebe, tem benefícios fiscais e tem prestações pecuniárias que lhe são concedidas, mas não tem a ver com isso, não tem a ver com isso a contratação, não é o motor da contratação esse tipo de apoios que lhes é concedidos. Tem a ver mesmo com a mão de obra em si. Se a mão de obra se justifica, é boa, é um amais valia, sim é por aí. O motor da contratação é a mais valia da mão de obra em questão. Hoje mais do que nunca, há dois, três meses, com a tão badalada crise, começa-se a sentir pela 1ª vez o interesse das empresas pelos nossos jovens, e perguntarem qual é o montante do apoio que podem vir a receber. Mas isto é uma coisa muito recente e são duas ou três empresas que estão a questionar isso. Até à data, e repara que estou aqui há quatro anos, nunca ninguém me perguntou qual é o valor. Ficavam só. Aliás nunca tive essa necessidade, sabia mais ao menos de cabeça e não sei com exactidão porque o valor é atribuído de acordo com a avaliação que é feita à prestação do

Facilitadores da abertura das empresas à FP

jovem e é feita pelo técnico do Instituto de Emprego. E, por isso não há valores exactos. E nem isso nunca me foi perguntado em termos de valores, de média, nunca me foi perguntado. Hoje já é, hoje...ah eu tenho que saber, se estão a dispensar os próprios empregados, têm vontade ainda de acolher estes jovens, mas face ao que estamos a viver é mais um ordenado, mais encargos, já não é fácil. Começa-se a perguntar, a fazer contas, qual é o valor exacto que vou receber com este jovem. Os tempos mudaram e temos que nos adaptar. Mas até há data, até dois, três meses, até há pouco tempo não era o valor de maneira nenhuma que lhes era atribuído, era mesmo a qualidade de mão de obra, todo o comportamento do colaborador. Nós temos jovens que se salientam. Há jovens nossos que aproveitam estas oportunidades com unhas e dentes como se costuma dizer, e são exemplos, são uma referência. Acho que isso também é muito bom para as empresas, terem colaboradores que entraram com o estatuto de jovens com necessidades especiais e tornarem-se uns bons funcionários. Temos casos desses.

C1 Nessa linha, diz-me, achas que o rótulo da deficiência desaparece ao ser colocado o jovem em mercado de trabalho?

Ah, eu acho que de certa forma, desaparecer não tenho assim tão presente. Que é esbatido, é. Esbate-se. Eu continuo a trabalhar com algumas empresas que contrataram, até porque continuam a acolher outros jovens nossos por isso tenho algum contacto com as empresas. Não é uma coisa muito profunda, mas por aquilo que me apercebo acho que sim que é esbatido. Repara há diversas formas de se verificar isso: os jantares de empresa, de Natal, de fim de ano, aniversário da empresa ou de colegas, oportunidades de convívio, onde se começa aí a ver as diferenças. E o que eu tenho reparado é que as diferenças começam cada vez mais a esbater-se. São cada vez menos. Eles são mesmo indivíduos integrados no grupo, como colaboradores normais. Estão a desempenhar funções como eles, tão bem ou melhor, depois no restante também, são pessoas agradáveis para convívio, quer dizer, não se nota...creio eu que será por aí. Poderá haver uma situação ou outra que me tenha escapado, mas pelo conhecimento que tenho, o restante grupo começa a ver potencial nestes jovens, e começa a respeitá-los e a vê-los de outra forma. Se eles conseguirem um emprego e eles sabem quão difícil é hoje encontrar um emprego, acabam por respeitá-los e a diferença a esbater-se.

- construção da deficiência
- discurso do técnico sobre o jovem com DM
- Participação social
- Relações interpessoais
- Tempos livres e lazer
- Impacto da FP na vida dos jovens com DM profissional

D1 Sei que têm recebido jovens directamente encaminhados pela escola, outros por Centros de Formação e como disseste outros ainda que vos procuram por iniciativa própria ou da família. Pela tua experiência qual o melhor local de formação para estes jovens, refiro-me objectivamente aos portadores de deficiência mental?

Eu acho que, lá está, depende de cada caso. Nós aqui conseguimos dar resposta a alguns jovens. Jovens com mais deficiência, com mais problemas familiares, com mais dificuldades. Nós estamos vocacionados para fazer um trabalho cirúrgico, mais directo, mais exaustivo com os jovens e como disse anteriormente com as famílias. Acho que estamos mais vocacionados pela nossa estrutura, pelos nossos recursos humanos, acho que somos nós que estamos mais habilitados para dar este tipo de resposta. Contudo, acho que existem aqui jovens, porque eles não são todos iguais, temos um grupo bastante heterogéneo, que deveriam andar no sistema regular e que têm lá lugar. Acho que sim, aliás, até pelo que acabei de dizer, alguns jovens não se identificam aqui com a nossa instituição, é porque alguma coisa falhou. É uma questão de rever, de reavaliar o que realmente está mal. Porque é que estão aqui e não se sentem bem e porque é que não sabem porque é que saíram da escola. Se calhar têm lá lugar, mas é preciso rever. Acho que não é igual para todos. Pela minha experiência penso que cada um é um mundo, têm que ser trabalhado de acordo com a sua realidade. É um trabalho muito individual. Eu não ajo, não reajo da mesma forma com todos. Dizer, metê-los todos num sítio? Não, claro que não, uns requerem uma atenção, uma formação, que se calhar nós estamos mais habilitados, mas outros não. Nós já não estamos preparados para dar resposta a alguns jovens que estamos a receber. Começa pelos nossos Cursos, que, que estão desfasados...e não é só os cursos, não queriam entrar tanto na vertente humana, mas que fique bem claro o que quero dizer com isto, até também os próprios monitores, que estão aqui a trabalhar há 20 anos, que entraram com o 9ª ano ou 6º ano e falta já ali alguma coisa...falta alguma coisa. Hoje, nós sabemos que ensinar não é só transmitir conhecimentos, existe uma data de situações que é preciso recorrer a outros conhecimentos que os nossos monitores não têm. Não sei acho que...não vou dizer que somos nós, porque sinto que não somos nós a resposta mais adequada para algumas situações.

Resposta da FP
ao mercado de
trabalho

Mudanças
necessárias

Impacto da FP
na vida dos
jovens com DM
profissional

Mudanças
necessárias

D1 Mas achas que seria possível alguma articulação entre a Instituição e as escolas a nível de comunidade local, enquanto centros de formação?

Em termos de conteúdos académicos, acho que a Escola nunca se deve demitir da sua responsabilidade. Nós não somos de todo o sítio ideal para esse tipo de formação. Se é a parte técnica, é como digo, a parte técnica também é o que é. Se o jovem tem capacidade para estar na escola regular, é a escola regular que o deve manter, que deve apostar, escolher e procurar outras respostas ao nível da escola regular, para o jovem não vir de cavalo para burro, o vir para a ...(instituição), começa logo por aí. Outras situações, casos específicos, acho que se deveria fazer uma experiência, como se faz por exemplo a meio tempo, como se faz, acho que sim. Apesar de

Mudanças
necessárias

Impacto da FP
na vida dos
jovens com DM
profissional

Proposta de
outro modelo de
FP

alguns colegas serem mais cépticos, e dizerem que a experiência não é positiva, e que não vai surtir efeitos, acho que é sempre uma experiência que fica registada na mente dos jovens. Passarem por aqui, ver o que é possível, ver o mundo do trabalho, como é que se começa, aprender um ofício, mesmo que não seja aquilo que eles querem, mas começa por aí, não é? Eles têm que começar por algum lado, não vão entrar logo entrar nas empresas. Vocês deviam começar por aí, as escolas deviam tentar articular com as empresas, fazer essa ponte. Mas connosco, nós podemos ser uma parceria, um ajuda. Devíamos trabalhar sempre em parceria e depois de acordo com os casos, encaminharíamos os casos dando a melhor resposta. Repara se não é para nós, é para o Manuel ou para o António, entendes? Há sempre alguém, temos que dar resposta a todos. Nós damos a resposta possível, damos sempre o nosso melhor. Há jovens que aqui se sentem bem e outros que não. Acho que deveríamos continuar com as experiências com jovens, pelo menos a meio tempo, sempre na vertente laboral, porque a parte académica, é como digo, se o jovem tem vontade deve continuar a ir para a escola.

Mudanças
necessárias

C2 Pela tua experiência também ... a inclusão social dos jovens com DM, que passam aqui pela formação, e foram por ti encaminhados para estágio, e estão já contratados em empresas ... nestes jovens a inclusão é uma realidade? Estou a referir-me nomeadamente aos quatro casos que estive a estudar da instituição.

Papel da FP na
inclusão social
do DM

Eu acho que não é igual para todos. Alguns é, verifica-se de facto a inclusão ...a integração, porque há mudanças na vida deles, para outros não. Alguns vêem o trabalho como mais uma fonte ou um rendimento superior ao que recebiam quando estavam na formação, mas não aproveitam todo o resto que o trabalho oferece. Não há uma inclusão efectiva. Noto que em termos de ocupação de tempos livres, as coisas mantêm-se, os hábitos mantêm-se, não houve nada praticamente que se distinguisse, que evoluísse. É a mesma rotina, há mais dinheiro no bolso, de facto, mas vive-se na mesma casa, tem-se os mesmos hábitos, acho que pouco muda na vida destes jovens, pelo menos os casos que eu conheço. Acho que eu esperava mais. Nós sabemos que para haver uma efectiva integração, não se baseia só no emprego propriamente dito, é tudo o resto, o nível social, cultural e familiar, e eu acho que por aí as coisas estagnam-se. Estão praticamente como estavam, sem grandes ambições ou objectivos de vida... é a percepção que eu tenho. Pelo menos dos poucos casos, também acho que é tudo muito recente, vamos indo e vamos ver, mas esperava mais se calhar...esperava outras mudanças que o dinheiro trouxesse, o dinheiro e não só... A companhia na empresa, o estatuto, a auto-estima, que fizesse mover outras coisas, que trouxesse outra dinâmica, outras mudanças e não noto ... se calhar... se calhar existem essas

Participação
social

Tempos livres e
lazer

Autonomia
familiar e
afectiva

Relações
interpessoais

Auto-
determinação e
objectivos
pessoais

mudanças, mas aos nossos olhos, que estamos com outras expectativas, com outros moldes, se calhar não as conseguimos ver, mas talvez existam efectivamente. Estamos à espera de uma abóbora e é porventura uma ervilha para eles.

D4 Que propostas farias para alterar a educação/formação profissional dos jovens com DM, a nível da escola, da Formação Profissional, com vista à integração em mercado de trabalho?

É pedir muito mesmo. Que propostas faria? Pela experiência que eu tenho e sem hipocrisia, já disse e continuo a dizer, acho que não estamos a ser a resposta mais adequada para todos os nossos jovens. Damos a resposta possível de momento, com os recursos que temos, e quando falo em recursos refiro-me aos recursos humanos, ao dinheiro, é tudo, é o que temos. Mas, está bem claro que não é ainda uma resposta totalmente satisfatória. Os jovens se fores entrevistar, eles gostam porque sentem-se bem com os colegas e tudo, mas em termos formativos eles esperavam mais. E eu sinto isso, que nós podíamos dar mais. Acho que podíamos dar mais. E se não podemos nós, alguém pode dar. Nós devíamos trabalhar mais em rede, um trabalho mais concertado, o enfoque deveria ser o jovem e mesmo tudo em prole do jovem. Acho que não é feito. As instituições vivem muito isoladas, não é? e trabalham muito de forma umbilical, e sempre muito fechadas, as parcerias são coisas muito frágeis, ainda, são coisas muito bonitas de se dizer, eu tenho uma parceria aqui, é tudo muita retórica, muita teoria. Acho que era por aí, as instituições trabalharem mais em parceria, mais em rede, concretizar mais o termo parceria, era por aí. Acho que há muita coisa a mudar, sinceramente. Acho que há mesmo muita coisa a mudar. Os nossos jovens, alguns deles têm capacidades e têm aspirações para irem mais longe e nós aqui estamos aprisioná-los, ou a conduzi-los... às vezes até não, depois depende também da integração que fazemos lá fora. Eles acabam por tirar muitas formações, acabam por ter outras portas, é preciso é que eles as saibam agarrar, essas portas oportunidades, mas acho que é para aí. É necessário um trabalho mais concertado com outras organizações.

Mudanças necessárias

Relações interpessoais

Proposta de outro modelo de FP

Mudanças necessárias

Proposta de outro modelo de FP

D4 E ao nível da sociedade, qual o nosso papel como cidadãos, o que poderemos fazer para tornar inclusiva a inclusão do jovem com deficiência mental?

Eu acho que no fundo já fazemos alguma coisa. Tentamos dar praticamente todas as oportunidades e apoio. Eu acho que a sociedade está aberta, está receptiva, está a querer colaborar. Começa pelas empresas, repara, sinceramente não noto grandes obstáculos. Eu acho que é mesmo pelo ensino, pela formação, acho que a exclusão começa aí. Eu acho que nós estamos a dar resposta adequada.

Mudanças necessárias

D4-E a família?

A família, a família é o problema, é que é o maior problema. As famílias são o obstáculo no meio disto tudo. As famílias têm que acreditar nas capacidades destes jovens, têm que acreditar mais nas instituições, têm que acreditar na formação, se é que hoje se pode acreditar, porque hoje está sempre tudo a mudar, têm que acreditar na formação como trampolim para a integração, mas hoje isso já não é taxativo. Já não é como era há uns anos atrás: antigamente educação e formação traduzia-se em emprego, traduzia-se em ascendência social, hoje não necessariamente. Até isso, até isso é já um argumento falhado perante as famílias. Até isso já não tem o valor que tinha há uns anos atrás. Começamos a ficar enfraquecidos. De qual quer forma é preciso mostrar que tem que ser por aí, porque repara ninguém consegue viver eternamente com 150 euros ou com o rendimento de inserção, ou com uma pensão de deficiência de 200 euros, que alguns auferem. Ninguém consegue viver daí, e também que o trabalho não é só dinheiro. O trabalho é tudo o resto: que é integração com o grupo de pessoas; que é uma identificação, é uma identidade nova que o jovem vai adquirir, novas oportunidades de ter acesso a uma outra vida, a uma infinidade de bens e serviços que hoje se oferecem... é uma mudança que de outra forma não conseguiam ter. Eu acho que é por aí. A sociedade, isto é as empresas, todos, estamos conscientes que estes jovens têm que ser integrados, que temos que fazer alguma coisa por estes jovens nesse sentido. Por isso, o trabalho na sociedade é trabalhar com as famílias, que são o grande obstáculo, não estão preparadas, não estão. Eu acho que as famílias destes jovens é que precisam de ser trabalhadas. Precisam de ser... a família toda na íntegra precisa de ser trabalhada, para que estes casos sejam conducentes ao sucesso, para que sejam sustentáveis, começa por aí. Logo desde o início do processo formativo, as famílias apostarem, acreditarem, e que se não for aqui que seja noutra lado, e que não seja o motor da satisfação deles andarem a tirar um curso não seja a bolsa, mesmo que eles não tenham bolsa, que seja um sacrifício, um investimento, uma aposta das famílias. A tal dificuldade de gratificação que eles têm...eu acho que basicamente começa aí. É um trabalho que tem de ser feito com as famílias, que tem de ser feito logo desde cedo, mesmo quando os jovens estão nas escolas, quando se começa a pensar que é necessário adaptar o rumo destes jovens, as famílias têm que apostar tudo... E têm de ser trabalhadas para isso, pois não estão preparadas neste momento. Repara, com disse há pouco, elas estão desacreditadas, ou porque elas próprias nunca tiveram muito boas relações com o emprego, com o trabalho, então agora os filhos muito menos...quer dizer :” então agora...eu não tive e agora o meu filho com deficiência mental é que vai ter?!” Alguns pais têm mais ao menos a minha

Factores de sucesso /insucesso na FP

construção da deficiência
discurso do técnico sobre o jovem com DM

Mudanças necessárias

Acesso a bens e serviços

construção da deficiência
discurso do técnico sobre o jovem com DM

idade, trinta e tais, quarenta ou um pouco mais. E se fizermos as contas, precisamente quando eles andaram há procura do 1º emprego não foi uma altura fácil, não foi uma altura fácil... muitos deles sem formação, porque se formos a ver da nossa idade, se formos a ver as taxas, que formação é que esta população tem? Ainda alguns deles foram pais muito jovens e ainda por cima de crianças com Deficiência Mental. Acabaram por ficar em casa a cuidar dos filhos, são pessoas que em termos de aspirações nunca foram muito longe. Tiveram sempre uma má relação com o trabalho. O trabalho foi sempre um bicho que nunca é fácil de conseguir e de manter. E quase sentem que não dignas de o ter...é uma relação muito estranha com o trabalho. Se nós formos ver, e eu costumo dizer que a fábrica dos nossos formandos, é aqui ...(refere local), se formos ver, e preciso ver porquê, a maior parte das pessoas estão desempregadas, é preciso ver porquê. Tem só a ver com o rendimento mínimo? Não é, não é. Temos outras questões mais profundas que é preciso perceber. O trabalho para esta gente já é ... é difícil demais de conseguir. Eles sentem que não estão, não reúnem... eles já sabem que não reúnem os requisitos para conseguir o trabalho. É uma coisa muito difícil, eles até têm medo. Às vezes pensamos que eles não querem, mas não. A resposta não é igual para todos, não é, cada caso é um caso. Alguns deles já sentem que ... que não, que o melhor é não pensar, que é uma coisa tão difícil, tão inatingível, que nem vale a pena tentar. Por isso não se fazem à vida, como se costuma dizer. Não fazem nada por isso. Noto, noto bem que é mesmo um divórcio com o emprego. Muitos deles pensam mesmo acabar a vida assim. E não se pense que é por não quererem fazer nada. Não. Porque as coisas foram mudando, começam a aperceber-se que hoje toda a gente percebe de computadores, eu agora vou tirar um curso de computadores? Não. Línguas? Trabalho em série? Em linhas de produção? Produção em determinado tempo de determinadas peças? Não, claro que não. As exigências... esta gente começou a ficar excluída com as exigências. Era necessário fazer uma reciclagem a estes pais, um trabalho com estes pais. Porque estes filhos receberam uma herança muito pesada , eu noto isso. Eu perco imenso tempo, mas é mesmo, a falar com os pais, a receber telefonemas dos pais, que se queixam, que ele chega a casa muito cansado que aquilo não tem jeito nenhum, que ele apanha muitos transportes para ir para o trabalho, que chega a casa muito cansado e já não fala, que não quer ver televisão; que no trabalho, o patrão, entre aspas, não é patrão ainda, nem sequer oferece um café ou uma gasosa – nem não tem nada que oferecer, mas pronto. São estas coisinhas assim, mas ... é constantemente, constantemente os pais a reclamarem, a exigirem: “o trabalho tem que dar mais, que senão é escravidão”. E verbalizam mesmo isso “trabalha como um preto”. E que não tem jeito nenhum. “E que já faz mesmo muito e que no trabalho não lhe deram nada”. E que ”teve de fazer mais meia hora, não tem jeito

construção da
deficiência

discurso do
técnico sobre o
jovem com DM

Mudanças
necessárias

Factores de
sucesso
/insucesso na
FP

nenhum, e que vão ter que lha pagar....” Não há investimento nenhum no trabalho. O trabalho é uma coisa mal vista, que não é compreendida, percebes? Não há uma cultura, acho que está tudo dito, não há uma cultura, uma filosofia de trabalho. Acho que tem a ver com isso.

É curioso, porque com as mães que já falei, apercebi-me que quando estes jovens conseguem realmente o emprego, encaram este processo como algo inesperado, que ultrapassa largamente as suas expectativas. Achas que os pais investem pouco e condicionam a integração?

Repara, investem pouco e condiciona um bocadão ...um bocadão todo o processo. É mesmo muito, mesmo muito, ultrapassa muito as expectativas deles. Eu acho que o maior obstáculo é esse. Se tivéssemos como aliados as famílias, para fazer um trabalho de rectguarda, um bom trabalho em casa, era meio caminho andado, nós aqui estávamos seguros, era muito mais fácil. Não o é, não o é, porque temos que fazer esse trabalho das famílias e com as famílias. É um trabalho das famílias e com as famílias. É difícil por isso. É muito difícil mesmo. Eu quando vejo que não temos a família do nosso lado é um trabalho hercúleo. Começa por aí, e que eu acho que se nós trabalhássemos, ... nós temos aí uma instituição que somos parceiros, lá está, mas que na prática ainda não tivemos nada, e que quer dar precisamente formação a estas famílias. Repara foi um contacto que consegui aqui há tempos, através de um formando, do... (entrevistado A), que tirou uns Cursos, eu pedi-lhe o contacto, a empresa veio cá, mostrou todas as acções de formação que tinha, que eu vi que se adequavam às nossas famílias, precisámos é de ter um chamariz para os chamar cá, que era precisamente a nossa instituição, temos é de ceder o espaço... E ainda se mantém, estive com eles semana passada e é precisamente por aí, temos é que começar a trabalhar com as famílias , a ver se elas começam a tratar o trabalho por tu...se fazem a reconciliação com o trabalho, porque eles fizeram um divórcio litigioso com trabalho.

Para terminar, quais são as que competências que destacas, que estes jovens desenvolvem aqui na formação profissional e depois no estágio, que lhes permitem ou facilitam o acesso ao trabalho?

Basicamente a aquisição de regras, que são fulcrais e que eles não trazem, a nível de competências pessoais. No estágio adquirem a parte técnica, toda uma desenvoltura para conseguirem o emprego, ou ali ou noutro lado. Alguns que depois não conseguem ali e conseguem noutro lado, e eu tenho consciência que é trabalho nosso, daqui , mas também depois das empresas. Mesmo que não fiquem naquela. Há alguns que conseguem depois noutro lado e é

Mudanças necessárias

Factores de sucesso /insucesso na FP

Mudanças necessárias

Papel da FP na integração laboral do DM

Papel da FP na inclusão social do DM

tudo isso graças a todo o processo formativo aqui e nas empresas. Mas tem basicamente a ver com isso, a aquisição de regras, a parte técnica obviamente, são as competências básicas para conseguirem emprego e acabam por consegui-lo.

A percentagem de sucesso é elevada?

Sim, é... é razoável. Não nos podemos esquecer a conjuntura que estamos a atravessar. Não nos podemos esquecer das taxas do mercado normal, por isso, comparativamente é elevada. Vamos conseguindo.

ANEXO XII

ANÁLISE DE CONTEÚDO

Quadro - síntese analítico: entrevistas dos jovens

CATEGORIAS	CATEGORIAS	Subcategorias
	Construção da deficiência	Discurso do jovem sobre si próprio
		Discurso dos outros sobre si próprio
		Discurso do jovem sobre os outros pares
	Percurso educativo	Resposta curricular na escola regular
		Representação da escola
	Formação profissional	Desenvolvimento de competências pessoais
		1ª Experiência laboral
	Inserção laboral pós-formação	Acesso ao 1º emprego
		Situação laboral actual
Remuneração Financeira		
Participação social	Relações interpessoais	
	Autodeterminação/ objectivos pessoais	
	Acesso a bens e serviços	
	Autonomia familiar e afectiva	
	Tempos livres e lazer	
	Direitos e deveres	
Mudanças propostas	Respostas educativas curriculares vividas	
	Inserção profissional ideal	

Análise do material recolhido: entrevistas dos jovens

CATEGORIA “CONSTRUÇÃO DA DEFICIÊNCIA”

	A	B	C	D
Discurso do jovem sobre si próprio	<p>Contradição no discurso: iguais ou inferiores dificuldades do que os colegas no exercício das funções, mas necessidade de tempo alargado na execução da tarefa exigida senão deixa-a por executar; atribui as dificuldades à idade(facto de ser o mais novo ou ter pouca prática);</p> <p>- “foi empurrado (em termos de funções profissionais) e empurrou-se para aquilo que era possível”;</p> <p>- nega preconceito em relação à instituição promotora de FP, mas prefere andar a pé; quando andava na carrinha não tinha problemas, porque a sua identificação era protegida pelos vidros escuros;</p> <p>- ocultou aos colegas identificação do local de Formação;</p>	<p>- Ambivalência no discurso: aceitação das dificuldades ou mesmo do conceito de deficiência quando associado à linguagem; distancia-se dos outros pares, com problemáticas mais acentuadas, que frequentavam a Instituição;</p> <p>- os colegas da escola regular “gozavam”; maior identificação com os colegas da F.P. (nas duas Instituições);</p> <p>- assume mais dificuldades do que os colegas na compreensão e execução das funções na empresa;</p> <p>- o chefe e os colegas têm um tratamento diferenciado quer ao nível da explicitação quer na tolerância com o ritmo de trabalho;</p>	<p>- Ambivalência relativa à deficiência: primeiro verbaliza rejeição ou desvalorização da diferença ou das dificuldades “tenho o mesmo que as outras”, “ faço o mesmo que os outros”; depois associa - a a dificuldades na aprendizagem apenas na escola “ tinha um atraso”;</p>	<p>- não se sente diferente dos outros; refere unicamente as dificuldades na escola “ não tinha capacidades”;</p>

CATEGORIA “CONSTRUÇÃO DA DEFICIÊNCIA”

	A	B	C	D
Discurso dos outros sobre o jovem	- os outros, os professores diziam-lhe que tinha” muitas dificuldades na escola”	- vivência de estigma da deficiência: * na própria família: a mãe sempre lhe disse que “ela era deficiente”; *na comunidade: quando eram transportados na carrinha “ as pessoas ficavam a olhar para nós”; dizem que esta “ é uma escola para deficientes“, “ os outros têm pena dela por não falar bem”;	- os outros, (médicos, professores, familiares), sempre lhe disseram que tinha um pequeno problema “tinha um atraso”;	- os colegas de trabalho tratam-no com alguma superprotecção: diminutivo no nome.

CATEGORIA “CONSTRUÇÃO DA DEFICIÊNCIA”

	A	B	C	D
Discurso do jovem sobre outros pares	- distanciamento relativamente a outros utentes da Instituição: ” a instituição é uma escola que ajuda pessoas com problemas”; “ eu tinha alguns jovens com problemas no meu curso...e enervava-me...”	- não gostava de andar nas carrinhas, porque ao seu lado se sentava um “deficiente que se babava”; não gostava de estar na sede da Instituição por “causa do barulho dos deficientes”;	-----	- preferia ficar a trabalhar na empresa no dia do estagiário “ os outros faziam muito barulho”

CATEGORIA “PERCURSO EDUCATIVO ”

	A	B	C	D
Resposta curricular na escola regular	- frequentou a escola regular até ao 7º ano, com currículo alternativo do D.L. 319/91 e ensino especializado;	- frequentou a escola regular até ao 9º ano, com currículo alternativo do D.L. 319/91 e ensino especializado;	- frequentou a escola regular até ao 9º ano, com currículo alternativo do D.L. 319/91 e ensino especializado;	- frequentou a escola regular até ao 9º ano, com currículo alternativo do D.L. 319/91 e ensino especializado;

CATEGORIA “PERCURSO EDUCATIVO ”

	A	B	C	D
Representação da escola regular	<p>- dificuldades acentuadas na transição do 1º para o 2º ciclos: a escola não respondeu às suas dificuldades;</p> <p>- abandonou a escola por sua iniciativa, por dificuldades de aprendizagem e económicas (foi trabalhar);</p> <p>- sente que a escola desistiu dele e, por sua vez, ele próprio também desistiu da escola;</p> <p>- a escola deixou-lhe saudades;</p>	<p>- dificuldades de integração na escola regular, por dificuldades e difícil relacionamento inter-pares;</p> <p>- a escola regular encontrou resposta para as suas dificuldades na formação profissional em Instituição;</p> <p>- aceitou de bom grado o encaminhamento pelos serviços de educação Especial para Formação profissional em Instituição, primeiro em parceria com a escola e depois a tempo inteiro;</p>	<p>- não tinha amigos na turma; não aponta influência positiva de alguém na escola;</p> <p>- reconhece alguma influência positiva da escola, embora não a concretize objectivamente “ a escola ajudou em muitas coisas”;</p> <p>- os professores do regular implementaram um currículo diferente porque “tinha um problema ... um atraso”;</p> <p>- faz fuga às questões relacionadas com a escola regular;</p>	<p>- faz fuga às questões relacionadas com a escola regular;</p>

CATEGORIA “FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	A	B	C	D
Desenvolvimento de competências pessoais	<p>- a FP deu rumo à sua vida: abandonou comportamentos de risco; desenvolveu competências profissionais (área da carpintaria, restauro e manutenção de edifícios), pessoais e sociais: pontualidade, assiduidade, higiene, empenho, relacionamento interpessoal com chefias;</p> <p>- reconhecimento do papel das sessões de DPS (Desenvolvimento pessoal e social) para modelagem de comportamentos;</p> <p>- Reconhece mérito na instituição: “esta escola era boa, ajuda as pessoas”;</p> <p>- mudança de atitude (maior empenho) aquando da percepção de que o estágio podia resultar em emprego efectivo;</p>	<p>- verbaliza maior motivação na Formação Profissional;</p> <p>- refere aprendizagens técnicas e treino / aprendizagem de rotinas da vida diária;</p> <p>- indica implicitamente desenvolvimento de competências pessoais (cumprimento de horários; modelagem de comportamentos; relacionamento com chefia...)</p> <p>- verbaliza a importância do treino para as entrevistas de emprego;</p>	<p>- salienta as aprendizagens promovidas na Formação profissional: nível, pessoal, social / relacional;</p> <p>- refere aquisição de competências técnicas na área de serigrafia, escolhida por si, mas não utilizadas no emprego actual;</p>	<p>- refere competências desenvolvidas na formação profissional: nível, pessoal, social relacional;</p>

CATEGORIA “FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	A	B	C	D
1ª Experiência laboral	- a FP permitiu a realização de estágio em empresa e a concretização de competências pessoais e técnicas adquiridas em formação inicial;	- a FP permitiu a realização de estágio em empresa e a concretização de competências pessoais e técnicas adquiridas em formação inicial;	- a FP permitiu a realização de estágio em empresa e a concretização de competências pessoais e técnicas adquiridas em formação inicial;	- a FP permitiu a realização de estágio em empresa e a concretização de competências pessoais e técnicas adquiridas em formação inicial;

CATEGORIA “INSERÇÃO LABORAL PÓS FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	A	B	C	D
Acesso ao 1º emprego	<p>- refere o papel determinante da técnica de inserção profissional no acesso ao emprego;</p> <p>- “agarrou” com determinação a oportunidade de emprego proporcionada pela FP;</p> <p>- exigência de aplicação prática das competências técnicas, pessoais e sociais treinadas na formação;</p> <p>- maior motivação: na empresa as tarefas são mais diversificadas;</p>	<p>- este foi o emprego possível;</p> <p>- sente-se reconhecida pelo apoio da técnica de inserção no acesso ao emprego;</p>	<p>- a mediação da técnica de formação profissional permitiu acesso a um emprego;</p> <p>- desempenha o emprego possível, mas não o desejado.</p>	<p>- a FP e a mediação da técnica de formação profissional permitiram o acesso ao emprego;</p>

CATEGORIA “INSERÇÃO LABORAL PÓS FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	A	B	C	D
Situação laboral actual	<ul style="list-style-type: none"> -contratado (técnico serviços gerais numa empresa internacional); -apenas dificuldades pontuais, tal como outros colegas, em determinadas tarefas; -satisfação na função exercida; prestígio; 	<ul style="list-style-type: none"> - contratada, funções indiferenciadas, numa empresa de metalurgia; - refere mais dificuldades em executar as tarefas do que os colegas; - descontentamento com a indiferenciação e alteração constante nas tarefas; 	<ul style="list-style-type: none"> - efectiva , funções indiferenciadas, numa empresa de metalurgia; - refere auto-aprendizagem no local de trabalho actual; - identifica as mesmas dificuldades de adaptação a um emprego novo (pessoas, tarefa) de qualquer pessoa; - faz o mesmo que as outras colegas do seu sector; - manifesta gratidão e apreço pelo emprego actual; 	<ul style="list-style-type: none"> - contratado, funções indiferenciadas, numa empresa de metalurgia; - sente-se bem integrado;

CATEGORIA “INSERÇÃO LABORAL PÓS FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	A	B	C	D
Remuneração financeira	<ul style="list-style-type: none"> - suporta financeiramente a mulher e filho; - sente-se bem remunerado; - faz a gestão do seu vencimento; 	<ul style="list-style-type: none"> - considera insuficiente o salário; - dependente dos pais para a gestão do orçamento familiar, por decisão familiar; - faz sozinha algumas compras quando a mãe solicita; 	<ul style="list-style-type: none"> - faz a gestão do orçamento familiar; - tem preocupação em fazer poupança; - aponta o salário como factor de estabilidade e melhoria da qualidade de vida; 	<ul style="list-style-type: none"> - a mãe é quem gere o salário; - aponta a importância do dinheiro;

CATEGORIA “PARTICIPAÇÃO SOCIAL”

	A	B	C	D
Acesso a bens e serviços	<ul style="list-style-type: none"> - comparticipa no orçamento familiar e adquire bens ao longo do mês; faz compras de vestuário e outras, para si e para os familiares; - pediu a colaboração da técnica da empresa social para adquirir casa; - utiliza transportes públicos, - refere a inscrição do filho em Jardim de Infância; - solicitou a colaboração da técnica de inserção profissional para integrar a companheira em posto de trabalho; - refere que sem a mediação da técnica ele não teria conseguido o emprego e a mulher não conseguirá arranjar emprego; - identifica os serviços a recorrer e os direitos em caso de desemprego e ou de doença; 	<ul style="list-style-type: none"> - o salário é parte significativa do orçamento familiar (despesas da casa - água, luz, alimentos); - deixa, por opção pessoal, as compras a cargo da mãe; - abriu conta no banco; - utiliza transportes públicos; - conhece os serviços a recorrer em caso de desemprego, saúde, sociais, educação ...; 	<ul style="list-style-type: none"> - vive com um companheiro e é a responsável pela gestão da casa; - associa o emprego a bens e serviços a que anteriormente não conseguia aceder (Shopping, cinema, viagens ...) - utiliza transportes públicos; - reconhece os serviços disponíveis na comunidade (Emprego, Saúde, Educação...), 	<ul style="list-style-type: none"> - sai sozinho à noite; - acede a espectáculos, estádio de futebol; - utiliza transportes públicos; - viaja com a Selecção Nacional pelo mundo;

CATEGORIA “PARTICIPAÇÃO SOCIAL”

	A	B	C	D
Relações interpessoais	<ul style="list-style-type: none"> - refere fortes laços de amizade com os colegas da equipa, que se estendem para fora do horário de trabalho - os colegas de trabalho são Amigos(saídas em comum nos tempos livres); - atribui o emprego actual também à ajuda dos colegas; -refere excelente relação com a chefia; - refere-se aos colegas e chefias como “ amigos”. 	<ul style="list-style-type: none"> - antes da maternidade costumava sair com as colegas da empresa; - recusou casamento por considerar inadequado o comportamento do namorado; - verbaliza bom relacionamento com os vizinhos; - refere fortes laços de amizade com os colegas de sector; 	<ul style="list-style-type: none"> - distingue colegas de trabalho de amigos; -vive há quatro anos com o namorado; 	<ul style="list-style-type: none"> - projecta arranjar namorada, casa, ir viver sozinho, talvez casar; - almoça com os colegas, mas prefere andar sozinho; -os colegas de trabalho e chefia são amigos

CATEGORIA “PARTICIPAÇÃO SOCIAL”

	A	B	C	D
Tempos livres e lazer	<ul style="list-style-type: none"> - participa em almoços, lanches convívio, eventos sociais, desportivos ou outros promovidos pelos colegas ou pela própria empresa; - passeia de bicicleta ou transporte público com a companhia e filho; 	<ul style="list-style-type: none"> - maior liberdade por parte dos pais, coincidente com o início da formação profissional a tempo inteiro; - saía com as amigas e namorado antes da bebé nascer; - gosta muito da praia e de passear; -almoça com os colegas da empresa; 	<ul style="list-style-type: none"> -almoça na fábrica com os colegas da empresa; - passeia nos tempos livres, vai ao cinema, Shopping, praia... 	<ul style="list-style-type: none"> - almoça na fábrica com os colegas da empresa; - atleta de alta competição; -tem muitos amigos na empresa e no mundo do atletismo; - sai à noite sozinho, vai a espectáculos;

CATEGORIA “PARTICIPAÇÃO SOCIAL”

	A	B	C	D
Auto-determinação	<ul style="list-style-type: none"> - sente-se “com mais responsabilidade por trabalhar numa empresa de prestígio”; - tenciona casar em Maio e viver com a namorada e filho na sua própria casa; 	<ul style="list-style-type: none"> - assume os cuidados da sua bebé como prioridade na sua vida (deixou de sair com as amigas prefere ficar em casa); - decisão de educar sozinha a filha com ajuda dos pais; - critica os médicos por responsabilizar a mãe pela gravidez, assumindo total responsabilidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - tenciona ter filhos a curto prazo; - não valoriza as representações dos outros sobre o emprego ou deficiência; 	<ul style="list-style-type: none"> - projecta arranjar casa perto dos pais, ir viver sozinho ou talvez casar.

CATEGORIA “PARTICIPAÇÃO SOCIAL”

	A	B	C	D
Autonomia familiar/afectiva	<ul style="list-style-type: none"> - é garante económico da mulher e filho; - vive temporariamente com os sogros até lhe ser atribuída casa; - vai casar em Maio; 	<ul style="list-style-type: none"> - sente-se feliz junto dos pais; 	<ul style="list-style-type: none"> -vive há quatro anos com o namorado; 	<ul style="list-style-type: none"> - vive com os pais; - cuida do irmão mais novo quando os pais se ausentam;

CATEGORIA “PARTICIPAÇÃO SOCIAL”

	A	B	C	D
Direitos e deveres	<ul style="list-style-type: none"> - conhece os direitos e deveres relativos ao emprego (horário, acesso a saúde, remuneração, regalias sociais...); - sente-se privilegiado por trabalhar num Grupo com projecção internacional; - aponta o dever de inscrição do filho na escola; - aponta o direito a subsídio de desemprego em caso de despedimento; 	<ul style="list-style-type: none"> - maior conhecimento dos deveres do que dos direitos a nível laboral; - procurou informação relativa a abono de família e outras regalias sociais para a bebé, enquanto mãe solteira; 	<ul style="list-style-type: none"> - conhece alguns direitos e deveres relativos ao emprego(horário, remuneração, regalias sociais...); - refere que já foi votar; 	<ul style="list-style-type: none"> - conhece os direitos e deveres relativos ao emprego(horário, acesso a saúde, remuneração, prémios, regalias sociais...); - refere que já foi votar; - projecta-se no 1º Ministro como agente de mudanças políticas, económicas e sociais;

CATEGORIA “MUDANÇAS”

	A	B	C	D
Proposta de mudança às respostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> - devia ter tido, na escola regular, mais ajudas económicas; - devia ter usufruído de apoio de professor de educação especial; 	<ul style="list-style-type: none"> - gostava de aprender a ler a escrever melhor, mas num ensino individualizado "se pudesse contratava uma professora particular, para aprender em casa" 		

CATEGORIA “MUDANÇAS”

	A	B	C	D
Inserção laboral ideal	- a actual profissão é gratificante e reconhecida como “de prestígio internacional” na comunidade.	- a profissão actual é a possível; - desejava emprego ligado à sua área de formação “serigrafia”.	- o emprego actual é “o possível”; - o seu sonho era trabalhar em “qualquer cozinha do mundo”;	- deseja encontrar emprego na área da restauração “servir a um balcão”

Quadro - síntese analítico: entrevistas dos familiares

CATEGORIAS	CATEGORIAS	Subcategorias
	Construção da deficiência	Discurso dos familiares sobre o jovem
		Discurso dos outros sobre o jovem
		Discurso do jovem sobre os outros
	Percurso educativo	
	Formação profissional	Desenvolvimento de competências pessoais
		1ª Experiência laboral
	Inserção laboral pós-formação	Acesso ao 1º emprego
		Situação laboral actual
		Situação financeira
Participação social	Relações interpessoais	
	Autodeterminação/ objectivos pessoais	
	Acesso a bens e serviços	
	Autonomia familiar e afectiva	
	Tempos livres e lazer	
	Direitos e deveres	
Mudanças propostas	Respostas educativas curriculares vividas	
	Inserção profissional ideal	

Análise do material recolhido: entrevistas dos familiares

CATEGORIA “CONSTRUÇÃO DA DEFICIÊNCIA”

	FD1 e FD2	FB
Discurso dos familiares sobre o jovem	<ul style="list-style-type: none"> - o filho teve sempre muitas dificuldades na linguagem “ no falar “; - o jovem superou as expectativas da mãe “ ele até está bem”; - aceitação da deficiência do filho; adopta um discurso de desvalorização; - relata rejeição da deficiência por parte de outros pais na mesma situação; mostra-se mais à vontade ao focalizar o assunto noutros casos que não o do seu filho; 	<ul style="list-style-type: none"> - alguma ambivalência no discurso: aceitação da limitação ao nível da linguagem, mas rejeição noutras áreas;(a filha teve sempre muitas dificuldades na linguagem “ninguém a percebia”; distingue quer as “ pessoas normais “ de “ pessoas como a filha”, quer a filha das “crianças deficientes” que frequentam a Instituição;)
Discurso dos outros sobre o jovem	<ul style="list-style-type: none"> - o médico disse aos pais que teria sempre um atraso “de dois a quatro anos”; - nega verbalmente a existência tratamento diferenciado por parte dos outros, mas emociona-se ao falar da diferença; 	<ul style="list-style-type: none"> - exclusão/discriminação: os “outros olhavam para a filha de lado”; “as pessoas faziam pouco dela”; os colegas na escola regular troçavam dela;
Discurso do jovem sobre outros pares	-----	<ul style="list-style-type: none"> - aponta rejeição da filha relativamente aos outros utentes da Instituição “chocava-a um bocadinho as crianças mais deficientes”, “ó mãe, até me custa ver aquelas crianças deficientes”

CATEGORIA “PERCURSO EDUCATIVO ”

	FD1 e FD2	FB
Percurso educativo na escola Regular	<ul style="list-style-type: none"> - beneficiou de currículo alternativo e educação especial; apoio exterior à escola em centro psicopedagógico, suportado financeiramente pelo estado; - na escola não aprendia mais; - alude à experiência da segregação em salas de apoio, com exemplos de outras crianças; 	<ul style="list-style-type: none"> - beneficiou de currículo alternativo e foi apoiada pela Educação especial, que a ajudou bastante, nomeadamente ao nível de encaminhamento para FP; - apoios financeiros reduzidos: Estado suportou apenas algumas sessões de Terapia da fala em gabinete particular;

CATEGORIA “FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	FD1 e FD2	FB
Desenvolvimento de competências pessoais	- discurso ambivalente: primeiro não valoriza o impacto da FP; no decurso da conversa refere mudanças significativas em diversas áreas;	- reconhece impacto significativo da FP no desenvolvimento da filha ao nível pessoal, relacional e autonomia;
1ª Experiência laboral	- a FP propiciou o acesso ao emprego;	- a FP propiciou o acesso ao emprego;

CATEGORIA “INSERÇÃO LABORAL PÓS - FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	FD1 e FD2	FB
Acesso ao emprego	- a mediação da técnica de FP foi fundamental no acesso ao emprego;	- a mediação da técnica de FP foi fundamental no acesso e manutenção do emprego;
Situação laboral actual	<p>- técnico indiferenciado de empresa de metalurgia, contratado,</p> <p>- alguma ambivalência: o filho está feliz, é bem tratado por todos, logo partilha essa satisfação; acaba por referir que aspirava a algo melhor;</p>	<p>- técnica indiferenciada de empresa de metalurgia, contratada;</p> <p>- a filha sente-se feliz com o que faz, por isso também se sente satisfeita;</p> <p>- este é o emprego possível face à crise de desemprego actual e dificuldades da jovem;</p> <p>- mãe gostava que a jovem desempenhasse funções na área onde fez formação “serigrafia”;</p>
Situação financeira	<p>- a mãe faz a gestão do orçamento familiar;</p> <p>- o jovem gere o dinheiro nas saídas;</p>	- a mãe, por opção familiar, faz a gestão do orçamento; a jovem sabe gerir o dinheiro;

CATEGORIA “PARTICIPAÇÃO SOCIAL”

	FD1 e FD2	FB
Auto-determinação	<ul style="list-style-type: none"> - filho tenciona comprar casa e talvez casar; -filho deseja arranjar outro emprego; -faz poupança; 	<ul style="list-style-type: none"> - a filha rejeitou casamento; assumiu a maternidade sozinha;
Autonomia familiar e afectiva	<ul style="list-style-type: none"> - vive por opção com os pais e irmão mais novo; - projecta comprar casa e casar; 	<ul style="list-style-type: none"> - vive, por opção da própria jovem, com os pais e bebé; - progenitora refere que a jovem actualmente prefere ficar em casa com a neta “é caseirita”, nunca foi namorada”; - rejeitou duas propostas de casamento;
Acesso a bens e serviços	<ul style="list-style-type: none"> - a mãe considera que o jovem è capaz de encontrar outro emprego; acede autonomamente a bens e serviços na comunidade (transportes públicos; banco; serviços de saúde e emprego...) 	<ul style="list-style-type: none"> - é capaz de aceder a bens e serviços (saúde, emprego, supermercado...), mas a mãe sente-se mais segura acompanhando-a;
Relações interpessoais	<ul style="list-style-type: none"> - os colegas de trabalho e chefia são amigos; -preocupação da chefia com a alimentação do filho; 	<ul style="list-style-type: none"> - os colegas de trabalho e chefia da filha são amigos; - saía com as amigas e colegas da fábrica antes do nascimento da bebé;
Tempos livres e lazer	<ul style="list-style-type: none"> - filho sai sozinho à noite; - faz viagens por todo o mundo inserido em selecção de atletismo; 	<ul style="list-style-type: none"> - mudança de hábitos após nascimento da neta: prefere ficar em casa; deixou de sair com as amigas como era habitual;
Direitos e deveres	<ul style="list-style-type: none"> - conhece alguns; não é colocado na situação de sozinho resolver as questões; 	<ul style="list-style-type: none"> - conhece alguns; nunca foi colocada na situação de sozinha resolver as questões;

CATEGORIA “MUDANÇAS”

	FD1 e FD2	FB
Propostas de mudança às repostas educativas curriculares vividas	<ul style="list-style-type: none">- mãe gostava que ele tivesse habilitação de 9º ano, pelo menos;- julga necessário educação na diferença e apoio psicológico desde logo aos próprios pais;- a situação ideal seria a “escola para todos”, com deslocação dos meios técnicos e humanos à sala do regular e não contrário, como aconteceu com o filho;	<ul style="list-style-type: none">- necessidade de mais apoios
Inserção laboral ideal	<ul style="list-style-type: none">- mãe considera possível o filho arranjar outro emprego melhor;	<ul style="list-style-type: none">- mãe desejava que a filha arranjasse emprego na sua área de formação;

Quadro - síntese analítico: entrevistas empregadores

CATEGORIAS	CATEGORIAS	Subcategorias
	Construção da deficiência	Discurso do empregador sobre o jovem
	Formação profissional	Desenvolvimento de competências pessoais
		1ª Experiência laboral
		Resposta da FP às necessidades do mercado de trabalho
		Facilitadores da abertura da empresa à FP
	Inserção laboral	Factores de sucesso/insucesso na integração laboral
	Participação social	Relações interpessoais
		Aceitação da diferença
		Exercício de direitos e deveres
Tempos livres e lazer		
Mudanças desejadas	Mudanças necessárias	
	Alteração ao modelo de formação profissional	

Análise do material recolhido: entrevistas dos empregadores

CATEGORIA “CONSTRUÇÃO DA DEFICIÊNCIA”

	Empregador de A (E1)	Empregador de B, C e D (E2)
Discurso do empregador sobre o jovem com DM	<ul style="list-style-type: none"> - não há discriminação na empresa; nunca foi sequer colocada a questão da deficiência; - estes jovens têm as mesmas limitações de outras pessoas com menos habilitações; - alguma protecção que é idêntica à de outros em início de actividade; - consciência social da empresa “deve dar-se uma oportunidade” 	<ul style="list-style-type: none"> - a deficiência mental ligeira a moderada não é factor impeditivo da produtividade ou exercício de emprego: não se distanciam de outros colaboradores ditos normais; - protecção: os trabalhadores tendem a apoiar os “deficientes”; - a deficiência mental não é tão visível, permite uma mais fácil integração;

CATEGORIA “FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	Empregador de A	Empregador de B, C e D
Impacto da FP no desenvolvimento de competências pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - aquisição de competências básicas na Instituição e desenvolvimento de outras na empresa, que permitiu o emprego; - os jovens vêm da Instituição com uma formação de base e experiência técnica que facilitam o emprego; 	<ul style="list-style-type: none"> - aquisição de competências pessoais/relacionais para integração no ambiente laboral; -treino de competências técnicas específicas para execução a tarefa que iam realizar na empresa; - aquisição de auto-confiança e autonomia;
1ª Experiência laboral	<ul style="list-style-type: none"> - traziam competências básicas da FP desenvolveram outras na empresa; 	<ul style="list-style-type: none"> - a articulação estreita entre os técnicos da FP e a empresa facilitou a 1ª experiência laboral e depois o acesso ao emprego; - as expectativas dos jovens concretizam-se na 1ª experiência na empresa (independência através do emprego, do salário, valorização pessoal...)

CATEGORIA “FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	Empregador de A	Empregador de B, C e D
Facilitadores da abertura da empresa à FP	<ul style="list-style-type: none"> - integração resultou da procura da empresa de pessoas com alguma qualificação profissional; - consciência social da empresa “deve dar-se uma oportunidade” - os benefícios fiscais são considerados, mas não o factor decisivo ou essencial; - adequação ou desadequação da função às capacidades/características do jovem; 	<ul style="list-style-type: none"> - dar oportunidade aos jovens com deficiência que se esforçam; - cultura da empresa de não discriminação (deficiência, sexo ou idade); valorização do indivíduo e esforço pessoal;
Resposta da FP às necessidades do mercado de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - a Instituição foi de encontro às necessidades da empresa (formação de um carpinteiro); - oferta de mão de obra com perfil para exercício de funções na empresa; - existência de um desfasamento entre a escola, a oferta de FP e o mundo do trabalho; 	<ul style="list-style-type: none"> - proposta da Instituição de oferta de mão de obra para produção de um produto específico (linha);

CATEGORIA “INSERÇÃO LABORAL”

	Empregador de A	Empregador de B, C e D
Factores de sucesso/insucesso na integração laboral	<ul style="list-style-type: none"> - competências pessoais; - valorização da prática e técnica “qualificação profissional” dos jovens que frequentaram FP; - acompanhamento personalizado em equipas pequenas; - estratégias de incentivo; - motivação, determinação na aprendizagem e no emprego; - influência dos colegas mais velhos da empresa, foi determinante no emprego 	<ul style="list-style-type: none"> - sensibilização prévia e formação dos colaboradores (supervisores e colegas de trabalho) para a inclusão destes jovens; - envolvimento dos supervisores nas entrevistas para selecção dos jovens; - colocação dos jovens em equipas pequenas (de duas a três pessoas); -desenvolvimento de relação próxima entre chefias e jovens; - falta de empenho, motivação ou interesse, baixa produtividade, envolvimento em namoricos; -ambiente familiar; a desvalorização do trabalho pela família;

CATEGORIA: “PARTICIPAÇÃO SOCIAL”

	Empregador de A	Empregador de B, C e D
Relações interpessoais	<ul style="list-style-type: none"> - excelente convívio entre todos, colegas, chefes, proporcionado pela estrutura de openspace; - os colegas são também amigos (orientam-no, dão conselhos...); - influência dos colegas mais velhos da empresa, foi determinante no emprego. 	<ul style="list-style-type: none"> - proximidade entre todos (supervisores, colegas e jovens);
Aceitação da diferença	<ul style="list-style-type: none"> - exigência das mesmas regras, rigor, qualidade no serviço; - são tratados como outro funcionário qualquer no início de actividade (acompanhamento igual nas tarefas); - os colegas não foram informados da deficiência;” passou despercebido” - não há diferença; estão completamente incluídos; 	<ul style="list-style-type: none"> - grau de exigência é o mesmo; ritmo de produção ligeiramente diferenciado; - os colegas tendem a protegê-los mais;

CATEGORIA : “PARTICIPAÇÃO SOCIAL”

	Empregador de A	Empregador de B C e D
Tempos livres e lazer	<ul style="list-style-type: none"> - incluídos em todos os eventos sociais e desportivos que a empresa promove para todos os seus colaboradores; - excelente convívio entre todos, colegas, chefes; - amizade e convívio prolonga-se nos tempos livres fora da empresa (saídas à noite entre colegas) 	-----
Direitos e deveres	<ul style="list-style-type: none"> - conhece os seus direitos básicos; - dirige-se aos sectores correctos em busca de informação; 	<ul style="list-style-type: none"> - conhecem os seus deveres direitos, usufruem das mesmas regalias sociais e ou laborais;

CATEGORIA “MUDANÇAS”

	Empregador de A	Empregador de B, C e D
Mudanças necessárias	<ul style="list-style-type: none"> - Maior consciência das empresas para estas problemáticas; - se for dada oportunidade a estes jovens não existe diferença; 	<ul style="list-style-type: none"> - acesso ao trabalho para esta população, pois permite a inclusão social; - integração destes jovens em escolas “normais”, turmas pequenas, escolas pequenas, apoios adequados; - papel activo do Estado ao nível da sensibilização da sociedade para a diferença e para as competências do DM e das empresas para a sua integração laboral.
Proposta de outro modelo de formação profissional	-----	<ul style="list-style-type: none"> - necessidade de inovação no modelo de FP; - oferta de FP e estágios na própria escola regular ou em parceria com empresas; - figura do professor ou outro técnico que apoiasse na transição para a vida pós-escolar: treinasse o jovem com DM para o mundo laboral (competências pré-profissionais, pesquisa de emprego, treino de entrevista...); - as Associações tendem a substituir o Estado mas têm poucos recursos;

Quadro - síntese analítico: entrevista dos colegas

CATEGORIAS	Subcategorias
Construção da deficiência	Discurso dos colegas sobre o jovem
Formação profissional	Desenvolvimento de competências pessoais
	1ª Experiência laboral
Inserção laboral pós-formação	Acesso ao 1º emprego
	Situação laboral actual
	Situação financeira
Participação social	Relações interpessoais
	Autodeterminação/ objectivos pessoais
	Acesso a bens e serviços
	Autonomia familiar e afectiva
	Tempos livres e lazer
	Direitos e deveres
Mudanças propostas	Alteração ao modelo de formação profissional
	Outras mudanças

Análise do material recolhido: entrevista dos colegas

CATEGORIA “CONSTRUÇÃO DA DEFICIÊNCIA”

	C1 e C2
Discurso dos colegas de trabalho sobre os jovens	<ul style="list-style-type: none">- alguma ambivalência: ora adoptam o discurso da diferença , referindo que “os jovens são diferentes “, “têm algumas dificuldades”, ora por contraposição aos ditos normais em que se incluem “têm pequenas deficiências mentais;” não são como nós”;- referem estigma ligado à Instituição: os jovens não gostavam de voltar à Instituição no dia do estagiário; uma jovem ocultou lugar de formação para conseguir emprego.

CATEGORIA “FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	C1 e C2
Desenvolvimento de competências pessoais	<ul style="list-style-type: none">- sublinham as aprendizagens promovidas na Formação profissional ao nível: pessoal, social e relacional;- referem aquisição de competências técnicas;
1º Experiência laboral	<ul style="list-style-type: none">- sublinham a rigidez de comportamento e atitudes, bem como a reduzida iniciativa dos jovens, com que vêm da FP; paulatinamente vão evoluindo quer na atitude, quer no desempenho profissional;

CATEGORIA “INSERÇÃO LABORAL PÓS FP”

	C1 e C2
Acesso ao 1º emprego	- a FP promove regras e rotinas demasiado rígidas ou mesmo artificiais, que são normalizadas no local de trabalho;
Situação laboral actual	- bastante satisfatória para a maioria dos jovens integrados;
Situação financeira	- salário gratificante para a generalidade dos empregados da fábrica, incluindo estes jovens;

CATEGORIA “PARTICIPAÇÃO SOCIAL”

	C1 e C2
Auto-determinação	- referem que o emprego permite a definição de objectivos pessoais e promove a auto-determinação; (ter filhos; rejeição de casamento)
Autonomia familiar e afectiva	- mencionam a importância do papel da família ou companheiro;
Relações interpessoais	- referem que os jovens estão perfeitamente incluídos ao nível das relações sociais na empresa; - tiveram integração facilitada pelos colegas da empresa (almoços...);
Tempos livres e lazer	- referem a mudança positiva destes jovens, maior acessibilidade neste âmbito proporcionada pelo emprego;
Direitos e deveres	- mencionam maior dificuldade por parte destes jovens, quer no conhecimento, quer no exercício dos seus direitos; - referem que os jovens procuram informação quando dela necessitam;

CATEGORIA “MUDANÇAS”

	C1 e C2
Outro modelo de formação profissional	- proposta de novo modelo de formação: escola regular em parceria com empresas; propiciar prática real em vez de prática simulada em Instituição;
Outras mudanças	- sociedade devia abrir-se à diferença;

Quadro - síntese analítico: entrevistas dos técnicos de FP

CATEGORIAS	CATEGORIAS	Subcategorias	
	Situação profissional face à problemática		
	Construção da deficiência	Discurso dos técnicos sobre os jovens com DM	
	Impacto da escola regular		
	Formação profissional	Resposta da FP ao mercado de trabalho	
		Resposta da FP às expectativas dos jovens	
		Factores de sucesso/insucesso na FP	
		Papel da FP na integração laboral do DM	
		Papel da FP na inclusão social do DM	
		Facilitadores da abertura das empresas à FP	
Mudanças desejadas	Outras mudanças		
	Alteração modelo de formação profissional		

Análise do material recolhido: entrevistas dos técnicos

CATEGORIA “SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS”:

	Técnica Inserção da FP	Técnico Coordenador da FP
Situação profissional dos técnicos face à problemática	<ul style="list-style-type: none"> - Educadora social de base, licenciada em Ciências da educação; trabalha há 11anos com jovens com DM (angariação de empresas e acompanhamento dos jovens no 1º emprego); - trabalha há 4 anos na Instituição do estudo, como Técnica de inserção na unidade de FP; - experiência de terreno - passou por outras Instituições de Norte e Centro do país; 	<ul style="list-style-type: none"> - frequência de 3º ano de Psicologia; -experiência de 27 anos no terreno com jovens com DM, em diferentes funções: Auxiliar, Animador, Coordenador de CAO, e fundador/coordenador da unidade de FP na instituição do estudo; - normalização pela FP, que permite integração laboral; - conhece a realidade e modelo de FP em Instituição de Norte a Sul do país;

CATEGORIA “CONSTRUÇÃO DA DEFICIÊNCIA”:

	Técnica Inserção da FP	Técnico Coordenador da FP
Discurso dos técnicos sobre os jovens com DM	<ul style="list-style-type: none"> - a Escola é a instituição que os fez sentir excluídos, incapazes “não tinham cabeça para estudar”; Não aceitação da deficiência: - jovens que desistem da formação porque não se incluem nesta população; - jovens que desistem da FP pelo rótulo a ela associado: não se integram por ser “ Uma escola para deficientes mentais”; pressão dos pares/comunidade; - o rótulo da deficiência / a diferença esbate-se com a colocação no mercado de trabalho; começam a ser respeitados pelo Outro; - consciencializar as famílias do potencial dos jovens “passíveis integração profissional” 	<ul style="list-style-type: none"> - não aceitação da deficiência: alguns jovens dizem mesmo “eu não sou maluco”; - alguma permissividade ou menos exigência dos técnicos pelo factor deficiência (crença no “ não são capazes de fazer mais”); - reconhece o estigma associado à Instituição: jovens rejeitam o transporte nas carrinhas, - recorre ao discurso/conceito da “capacidade intelectual” vigente na sociedade; - alude ao assistencialismo/missão da Instituição: “gratidão dos jovens”; - normalização pela FP, que permite integração laboral;

CATEGORIA “ESCOLA REGULAR”

	Técnica Inserção da FP	Técnico Coordenador da FP
Impacto da escola regular	- a escola regular não se adequou às necessidades e expectativas destes jovens; excluí-os ou deixou que se auto-excluísem;	- a escola regular não desenvolve competências pessoais/sociais necessárias à integração no mercado de trabalho;

CATEGORIA “FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	Técnica de Inserção da FP	Técnico Coordenador da FP
Caracterização do modelo actual de FP	<ul style="list-style-type: none"> - objectivo: conferir aos jovens formação básica nalgumas áreas: competências pessoais, técnica e hábitos laborais (assiduidade, cumprimento de horários, postura, imagem ...); complementada com competências técnicas na empresa; 	<ul style="list-style-type: none"> - FP ao abrigo de Quadro Comunitário; - cada Ciclo de Formação tem a duração de 2900 horas (1450 de Formação obrigatoriamente em posto de trabalho); composto por Formação de Base, (desenvolvimento psicossocial, hábitos de trabalho, de interacção dos colegas, conhecer o meio ambiente envolvente, algumas noções de matemática e português funcional , DPS,...), prática simulada (execução de tarefas relacionadas com a eventual profissão), seguida de conclusão da FP com estágio em empresa; - modelo de FP segue o padrão vigente no país;
Factores de sucesso/insucesso na FP	<ul style="list-style-type: none"> - auto-exclusão e exclusão da escola regular: jovens auto-excluem-se da escola regular ou são dela excluídos por ausência de competências pessoais/sociais valoráveis também no mundo do trabalho - assiduidade, cumprimento de regras, de horários, hábitos de trabalho..., com repercussões na FP; - imaturidade dos jovens quando chegam à instituição, mudança abrupta entre escola regular e FP; - papel das famílias: inexistência de cultura de trabalho e filosofia de trabalho - ligação de divórcio com o emprego formal dos pais que é perpetuada nos jovens; dimensão holística e ecológica da integração laboral; - necessidade de percepção de trabalho como forma de sair da pobreza e exclusão social; - efeito perverso das prestações sociais; - articulação dos serviços em rede: tipo e intensidade de atendimento prestado: apoios às famílias e jovens; - Instituição é local de acolhimento que a Escola não proporcionou; 	<ul style="list-style-type: none"> - os jovens encaminhados pela escola regular não trazem hábitos de trabalho, nem capacidade de se manter em tarefa, desistem com facilidade;” não sabem estar”; - imaturidade emocional; - situações sociais que os jovens trazem dificultam o trabalho da FP; - alguma deformação profissional dos técnicos da Instituição” face à deficiência ou dificuldades, exigem pouco dos jovens”; - as características pessoais dos formandos (empenho, simpatia ou desinvestimento à primeira contrariedade...); - o papel algo pernicioso da bolsa de formação;

CATEGORIA “FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	Técnica Inserção da FP	Técnico Coordenador da FP
Impacto da FP na vida dos jovens com DM	<ul style="list-style-type: none"> - aposta da FP na Instituição é essencialmente ao nível das competências pessoais (aquisição de regras); as competências técnicas são desenvolvidas em empresa; - aspecto financeiro: jovens valorizam a bolsa de formação, permite-lhes alguma independência económica; 	<ul style="list-style-type: none"> - A FP é crucial na integração profissional de um conjunto de jovens com DM, que podem ser qualificados para o emprego: jovens em CAO com capacidade de execução de tarefa, mas não exercício autónomo da profissão; outros com autonomia na tarefa, mas necessitam de flexibilidade no horário; - impacto nos jovens da amostra: jovens A e C facilitou a inclusão laboral e social, podiam tê-lo feito no ensino regular, com apoio individualizado; jovens B e D permitiu o acesso ao trabalho e a inclusão social;
Resposta da FP às expectativas dos jovens com DM	<ul style="list-style-type: none"> - a oferta formativa não se adequa às expectativas dos jovens; - têm expectativas irrealistas em relação a si próprios e às funções que podem desempenhar; 	<ul style="list-style-type: none"> - por imaturidade, os jovens nem sempre sabem o que querem; - Os Cursos nem sempre vão de encontro às expectativas dos jovens;

CATEGORIA “FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	Técnica Inserção da FP	Técnico Coordenador da F.P.
Papel da FP na integração laboral do jovem com DM	<ul style="list-style-type: none"> - preparação dos jovens ao nível pessoal para integração no mercado de trabalho; competências básicas e de tarefas inerentes à prática de uma determinada profissão , que acabam por proporcionar a integração em emprego (se não for de imediato é no futuro); - permite acesso à 1ª experiência laboral; -incutir nos jovens a necessidade de ter um emprego, de ser integrados profissionalmente; 	<ul style="list-style-type: none"> - treino de prática simulada para integração no mercado de trabalho - formação em posto de trabalho :1ª experiência laboral; - o veículo de integração laboral - taxa muito significativa de sucesso na integração laboral;
Papel da FP na inclusão social do jovem com DM	<ul style="list-style-type: none"> - mobilizador do reconhecimento do valor do trabalho, - o FP facilita o acesso ao emprego; -o emprego facilita o desenvolvimento pessoal e a inclusão social; - o rótulo da deficiência esbate-se com a qualificação profissional e emprego; -a diferença dilui-se, acabam por ser ainda mais respeitados pelo exercício com qualidade de funções profissionais; - nuns é visível o papel da FP na inclusão social (autónoma financeira, ocupação de tempos livres e lazer); noutros fica aquém das expectativas projectadas pelos técnicos; - FP trabalho de cariz cultural e social; 	<ul style="list-style-type: none"> - facilitador da inclusão do jovem na empresa; - promotor do “saber estar” em qualquer espaço;

CATEGORIA “FORMAÇÃO PROFISSIONAL”

	Técnica de inserção da FP	Técnico Coordenador da FP
Facilitadores da abertura das empresas à FP	<ul style="list-style-type: none"> - estatuto de empresa socialmente responsável sem custos e sem riscos; -recentemente (com a crise actual) o benefício também dos contrapartidas fiscais; - no momento da contratação dos jovens, equacionada sobretudo a qualidade da mão de obra; 	_____
Resposta da FP às necessidades do mercado de trabalho	- os cursos estão desfasados em relação às exigências do mercado de trabalho;	- necessidade de reajuste na oferta formativa

CATEGORIA “MUDANÇAS”

	Técnica de inserção da FP	Técnico Coordenador da FP
Mudanças necessárias	<ul style="list-style-type: none"> - existência de um grupo de jovens na FP que têm lugar na escola regular; deve rever-se a situação; -a instituição deve centrar-se nos casos de deficiência mais acentuada; - necessidade de oferecer outros Cursos e formação pedagógica dos monitores; -a Instituição dá a resposta possível com os recursos disponíveis; -as famílias necessitam de intervenção concertada “emprego é meio de sair da exclusão”; - necessária maior intensidade nos apoios; - necessidade de remodelação do ensino, da formação “a exclusão começa aí”; - a maior parte dos jovens não percebeu porque deixou a Escola regular; o que está a fazer na Instituição; - entrada precoce na FP; - formação contínua dos monitores. 	<ul style="list-style-type: none"> - reconhece que alguns jovens que frequentam a FP na Instituição o poderiam fazer na escola regular; - sensibilização do Governo, entidades patronais, sindicais e sociedade civil..., para a implementação de contratos a tempo parcial ou temporário para estas pessoas, mesmo as com perfil de CAO; -alargamento para 4500 horas da estrutura da FP; dois anos é manifestamente pouco; - necessária certificação qualificante da Formação: - a própria Instituição vai aumentar o seu nível de exigência para com os formandos; - necessidade de alargar a oferta formativa na instituição adequando-a às exigências actuais do mercado; - apagar a palavra “inclusão” do nosso discurso; - criar prática de abertura das Instituições à comunidade: o discurso de inclusão dista da prática quotidiana; - formação dos monitores;

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Proposta de outro modelo de formação profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> - escolas poderiam articular com as empresas e a Instituição (parte académica na escola) e a vertente laboral em rede, procurando-se a resposta mais adequada a cada caso; - as parcerias existentes são ainda muito frágeis; 	<ul style="list-style-type: none"> - necessária mudança de referenciais e certificação qualificante desta Formação Profissional, para poder competir com o mercado de trabalho , que pode passar pela articulação estreita de serviços a nível local; - proposta de modelo de FP: frequência da escola regular até ao 9º ano com currículo académico específico (nível II) acrescida de dois anos de formação na valência de Formação Profissional na Instituição; no final obtenção de diploma e procura de emprego; - oferta de módulos de Formação Profissional na Instituição para a totalidade da população, não apenas jovens com DM; - a necessidade de proximidade entre a Escola Regular e as Instituições: trabalho em rede
---	---	---

ANEXO XIII

ETIOLOGIA DA DEFICIÊNCIA MENTAL

ETIOLOGIA DA DEFICIÊNCIA MENTAL

Para Pacheco e Valencia, in Bautista (1997: 213-216) a etiologia da Deficiência Mental pode agrupar-se do seguinte modo:

I . FACTORES GENÉTICOS

Existem dois tipos de causas genéticas conhecidas:

1. GENOPATIAS – Alterações genéticas que produzem:

A: METABOLOPATIAS ou alterações no metabolismo de:

- Aminoácidos (Fenilcetonúria, Homocistinúria, Síndrome de Lowe, Histidinemia, Hiperglicemia, Leucinose...)
- Lípidos (Doenças de Gaucher e Niemann-Pick, Gangliosidose, Lipoidose...)
- Carbo-hidratos (Galactosemia, Intolerância à frutose, Hipoglicemias, Glucogenose, Mucopolissacaridose...)
- Outras metabolopatias (Síndrome de Lesh-Nyhan, Acidose láctica, Cetoacidúria...)

B: ENDOCRINOPATIAS ou alterações endócrinas e hormonais tais como o hipotireoidismo, pseudo-hipoparatiroidismo...

C: SÍNDROMES POLIMALFORMATIVOS tais como: Síndrome de Prader-Willi, Cornelia de Lange, Anemia aplásica de Fanconi...

D: OUTRAS GENOPATIAS

Entre elas podemos enumerar as seguintes: Síndrome de Rett, Distrofia muscular progressiva, Distrofia miotónica, Hidrocefalia, Espinha Bífida, Encefalocelo e outros defeitos do tubo neural.

2 . CROMOSSOMAPATIAS

Síndromes devidos a anomalias ou alterações nos cromossomas e podem ser fundamentalmente de três tipos:

A: SÍNDROMES AUTOSSÓMICOS ESPECÍFICOS

Podemos destacar as seguintes trissomias:

- Trissomia G (trissomia 21, Síndrome de Down).
- Trissomia E (trissomia 18, Síndrome de Edward).
- Trissomia D (trissomia 13, Síndrome de Patau).

E outras alterações cromossômicas como as do cromossoma 18 e o síndrome do Grito do Gato.

B: SÍNDROMES AUTOSSÓMICOS NÃO ESPECÍFICOS

Também neste grupo aparecem trissomias e alterações cromossômicas, embora não sejam tão conhecidas como as anteriores.

C: SÍNDROMES GONOSSÓMICOS

São alterações ligadas aos cromossomas sexuais, sendo os mais conhecidos os síndromes de Turner e de Klinefelter.

II : FACTORES EXTRÍNSECOS

Para estes factores existe a classificação que a seguir apresentamos e que atende à ordem em que esses factores podem aparecer no tempo:

1. FACTORES PRÉ-NATAIS

São factores que actuam antes do nascimento e podem classificar-se da seguinte forma:

A – EMBRIOPATIAS (actuam durante os três primeiros meses de gestação).

B – FETOPATIAS (actuam a partir do terceiro mês de gestação).

Dentro dos factores que actuam sobre o embrião ou sobre o feto, originando deficiência mental para além de outras deficiências, podemos destacar os seguintes:

• INFECÇÕES

O grupo das doenças infecciosas é o mais importante. Entre elas, são conhecidas de todos nós a: Rubéola; Citomegalia; Herpes; Sífilis congénita; Lúes; Listerioses; Toxoplasmoses.

- **ENDOCRINOMETABOLOPATIAS**

Entre as alterações endócrinas e metabólicas que afectam o feto, destacam-se:

Perturbações da tiróide; Diabetes; Défices nutritivos, avitaminoses...

- **INTOXICAÇÕES**

Os produtos tóxicos são vários: Álcool, tabaco...; Fármacos (anticonvulsivos, anticancerígenos...); Drogas (heroína, LSD...); Chumbo, mercúrio...

- **RADIAÇÕES**

- **PERTURBAÇÕES PSÍQUICAS**

2 – FACTORES PERINATAIS E NEONATAIS

Estes factores actuam durante o momento do parto ou no recém-nascido e é importante destacar os seguintes:

- **PREMATURIDADE** (recém-nascido pré-termo e de baixo peso)
- **MATABOLOPATIAS** (Hiperbilirrubinemia, Hipoglicemia, Acidosis...)
- **SÍNDROME DE SOFRIMENTO CEREBRAL**, que pode ser devido a:
 - Placenta prévia
 - Traumatismo obstétrico
 - Arrefecimento, hemorragia intracraniana, anoxia...
- **INFECÇÕES** (menigite, encefalite, sepsis...)
- **INCOMPATIBILIDADE RH** entre a mãe e o recém-nascido.

3 – FACTORES PÓS-NATAIS

Factores que actuam após o nascimento, tais como:

- **INFECÇÕES** (menigite, encefalite, vacinas...)
- **ENDOCRINOMETABOLOPATIAS** (hipoglicemia, hipotiroidismo, hipertiroidismo, hipercalcemia, malnutrição...)
- **CONVULSÕES** (síndrome de West, lesão cerebral...)
- **ANOXIA** (cardiopatias congénitas, paragem cardíaca, asfixia...)
- **INTOXICAÇÕES** (monóxido de carbono, chumbo, mercúrio...)
- **TRAUMATISMOS CRÂNIO-ENCEFÁLICOS** (hemorragias cerebrais...)
- **FACTORES AMBIENTAIS** (deficientes «culturais-familiares», que são geralmente ligeiros ou *bordeline* , com antecedentes em qualquer familiar próximo (pais ou irmãos), não se detectando nenhuma patologia orgânica e pertencendo geralmente a famílias de baixo nível cultural e socioeconómico).